

MARIA CÉLIA BRUNO MUNDIM

**EXCELÊNCIA CRIATIVA DE MULHERES
BRASILEIRAS E PORTUGUESAS**

**PUC-CAMPINAS
2015**

MARIA CÉLIA BRUNO MUNDIM

**EXCELÊNCIA CRIATIVA DE MULHERES
BRASILEIRAS E PORTUGUESAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida – PUC-Campinas, como requisito para obtenção do título de Doutor em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientadora:
Profa. Dra. Solange Muglia Wechsler

**PUC-CAMPINAS
2015**

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas

t153.35
M965L

Mundim, Maria Célia Bruno.
Excelência criativa de mulheres brasileiras e portuguesas / Maria
Célia Bruno Mundim. - Campinas: PUC-Campinas, 2015.
185p.

Orientadora: Solange Muglia Wechsler.
Tese (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas,
Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui anexo e bibliografia.

1. Criatividade. 2. Liderança - Mulheres. 3. Estudo das mulheres. I.
Wechsler, Solange Muglia. II. Pontifícia Universidade Católica de Cam-
pinas. Centro de Ciências da Vida. Pós-Graduação em Psicologia. III.
Título.

22. ed. CDD – t153.35

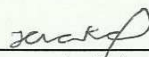
MARIA CÉLIA BRUNO MUNDIM

**EXCELÊNCIA CRIATIVA DE MULHERES
BRASILEIRAS E PORTUGUESAS**

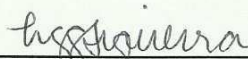
BANCA EXAMINADORA



Presidente Profa. Dra. Solange Muglia Wechsler



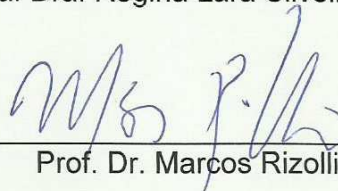
Profa. Dra. Tatiana de Cássia Nakano Primi



Profa. Dra. Luciana Gurgel Guida Siqueira



Profa. Dra. Regina Lara Silveira Mello



Prof. Dr. Marcos Rizoli

**PUC-CAMPINAS
2015**

“Ninguém nasce mulher, torna-se mulher.”

Simone de Beauvoir, 1949

AGRADECIMENTOS

Quero expressar meus reconhecidos agradecimentos à todas as pessoas que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho.

Em especial à Profa. Dra. Solange Muglia Wechsler, minha orientadora, pelo constante estímulo e preciosa atenção em todos os momentos e trabalhos criativos durante estes doze anos de convivência.

À Profa. Dra. Maria de Fátima Morais, minha coorientadora, pelo acolhimento e dedicação que me foi dispensada em Portugal.

Às Profas. Dra. Regina Lara Silveira Mello e Luciana Gurgel Guida Siqueira, pelas valiosas contribuições por ocasião da qualificação.

À Profa. Dra. Fernanda Leopoldina Viana, Profa. Dra. Susana Caires, Profa. Dra. Ana Serrano, Profa. Dra. Regina Lara Silveira Mello, Prof. Dr. Eduardo Jorge Cabral Santos Fernandes, Profa. Dra. Alda Lopes, Janete Tonete Suárez, Simone Djiovana Guidolin Leonardi, Renata Abreu e Osório Francisco Bruno Mundim pelas indicações das participantes no estudo.

Aos colegas que contribuíram de alguma forma pra realização deste trabalho.

À todas as brasileiras e portuguesas que colaboraram com esta pesquisa agradeço imensamente.

À CAPES pela concessão da bolsa de estudos no Brasil e em Portugal.

RESUMO

MUNDIM, Maria Célia Bruno. *Excelência criativa de mulheres brasileiras e portuguesas*. 2015. 185f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas.

Considerando o aumento do número de mulheres em posição de destaque nos diversos setores da sociedade, esta pesquisa buscou investigar os estilos de pensar e criar e verificar as diferenças nos fatores ambientais e psicológicos que influenciam a produção criativa de mulheres excelentes criativas brasileiras e portuguesas em diferentes áreas. Para tanto, fizeram parte da amostra 35 mulheres - 20 brasileiras e 15 portuguesas. 11 brasileiras e 9 portuguesas eram socialmente reconhecidas por produção criativa em diferentes áreas de conhecimento, enquanto 9 brasileiras e 6 portuguesas não eram reconhecidas socialmente por produção criativa. Os instrumentos utilizados foram: o Roteiro de Entrevista, a Escala de Estilos de Pensar e Criar e a Escala Biográfica de Mulheres Líderes Criativas. O Roteiro de Entrevista é composto por 15 questões semi-abertas relacionadas à infância, adolescência, carreira, processo de trabalho, mudanças observadas no trabalho com o passar dos anos, bloqueios pessoais, identificação de jovens talentosos na área de atuação, administração da vida pessoal e profissional, desafios na atualidade e tempo livre. A Escala de Estilos de Pensar e Criar é do tipo Likert e composta por 100 itens que avaliam os estilos Cauteloso-Reflexivo, Inconformista-Transformador, Lógico-Objetivo, Emocional-Intuitivo e Relacional-Divergente. A Escala Biográfica de Mulheres Líderes Criativas também é do tipo Likert e constituída por 69 itens relacionados a 5 dimensões – infância e adolescência, vida escolar, trabalho, família e sexualidade. O teste Mann-Whitney foi utilizado para a Escala de Estilos de Pensar e Criar e para a Escala Biográfica de Mulheres Líderes Criativas para comparar os grupos de mulheres brasileiras e portuguesas socialmente reconhecidas como criativas e não reconhecidas. Quanto às entrevistas, foi feita análise de conteúdo e as categorias de respostas foram comparadas entre as mulheres brasileiras e portuguesas reconhecidas e não reconhecidas socialmente em produção criativa por meio do Qui-quadrado. Os resultados indicaram que não existiram diferenças significativas nos estilos de pensar e criar entre as mulheres excelentes criativas e as não excelentes criativas brasileiras e portuguesas e entre as excelentes criativas de ambos países. Houve diferenças significativas na dimensão Influência da Mãe na Infância e na Adolescência ($p < 0,05$) da Escala Biográfica entre as brasileiras premiadas e não premiadas e nas dimensões Masculinidade e Feminilidade no Trabalho ($p < 0,05$) e Afiliação no Trabalho ($p < 0,05$) do mesmo instrumento entre as portuguesas premiadas e não premiadas. Além disso, para a análise de conteúdo foram encontradas diferenças significativas ($p < 0,05$) nas categorias Motivação Intrínseca, Tempo Livre, Fatores Ambientais Favoráveis à Criatividade e diferenças altamente significativas ($p < 0,001$) nas categorias Características Pessoais Cognitivas, Características de Personalidade e Condições que Influem no Processo Criativo ($p < 0,01$) entre as brasileiras premiadas e não premiadas. Entre as portuguesas premiadas e não premiadas houve diferença significativa ($p < 0,05$) para a categoria Comportamento na Infância e diferenças altamente significativas ($p < 0,001$) nas categorias Características Pessoais Cognitivas e Fatores Ambientais Favoráveis à Criatividade. Conclui-se que as mulheres excelentes criativas de ambos países possuem perfil semelhante, entretanto existem diferenças entre as mulheres excelentes criativas e não excelentes criativas nos dois países.

Termos de indexação: talento feminino, relações de gênero, criatividade, excelência, mulher

ABSTRACT

MUNDIM, Maria Célia Bruno. *Creative excellence of Brazilian and Portuguese women*. 2015. 185 pages. Dissertation (Ph.D. in Psychology) – Pontifical Catholic University of Campinas, Life Science Center, Graduate Program in Psychology, Campinas.

Considering the increasing number of prominent women in the various sectors of society, this research aimed to investigate their styles of thinking and creativity and to verify differences in the environmental and psychological factors that influence the creative production of creative excellent Brazilian and Portuguese women in different areas. To this end, 35 women - 20 Brazilian and 15 Portuguese women made up the sample investigated. 11 Brazilian and 9 Portuguese women were socially recognized for their creative production in different areas of knowledge, while 9 Brazilian and 6 Portuguese women were not socially recognized for creative production. The instruments utilized were: the Interview Guide, the Thinking and Creating Styles Scale and the Biographical Scale of Leading Creative Women. The Interview Guide consists of 15 semi-open questions related to childhood, adolescence, career, work process, observed changes in work over the years, personal locks, identification of talented young people in the area of operation, administration of personal life and professional challenges today and free time. The Thinking and Creating Styles Scale is a linkert-type scale and consists of 100 items that assess the following styles: Cautious-Reflective, nonconformist-Transformer, Logical-Objective, Emotional-Intuitive and Relational-Divergent. The Biographical Scale of Leading Creative Women is also a linkert-type one and consists of 69 items related to 5 dimensions: childhood and adolescence, school life, work, family and sexuality. The Mann-Whitney test was used for the Thinking and Creating Styles Scale and to the Biographical Scale of Leading Creative Women in order to compare both the socially recognized creative women and those not recognized as such. As for the interviews, a content analysis was carried out, and a comparison based on the answering categories was made between the socially recognized and non-recognized women for their creative production by means of the Chi-squared distribution. The results indicated that there were no significant differences in thinking and creating styles between the creative excellent and non-creative excellent Brazilian and Portuguese women, nor between the creative excellent women of both countries. There were significant differences in the dimension Mother-Influence in Childhood and Adolescence ($p < 0.05$) in the Biographical Scale between the award-winning and non-award-winning Brazilian women, as well as in Male-Female in the Workplace ($p < 0.05$) and Work Affiliation ($p < 0.05$) between the award-winning and non-award-winning Portuguese women on the basis of the same instrument. Moreover, as far as the content analysis was concerned, significant differences ($p < 0.05$) were found in the Intrinsic Motivation, Leisure and Favorable Environmental Factors to Creativity. Highly significant differences ($p < 0.001$) were also found in Personal and Cognitive Characteristics, Personality Traits and Creative Process Conditioning Factors between the award-winning and non-award-winning Brazilian women. Between the award-winning and non-award-winning Portuguese women there was significant difference ($p < 0.05$) for the Behavior in Childhood category and highly significant differences ($p < 0.001$) in these two other categories: Personal and Cognitive Characteristics and Favorable Environmental Factors to Creativity. It was concluded that creative excellent women of both countries have similar profile, however there are differences between the creative excellent and non-creative excellent women in both countries.

Index terms: female talent, gender relations, creativity, excellence, woman

RESUMEN

MUNDIM, Maria Célia Bruno. *La excelencia creativa de las mujeres brasileñas y portuguesas*. 2015. 185f. Tesis (Doctorado en Psicología) - Universidad Católica de Campinas, Centro de Ciencias de la Vida, Programa de Posgrado en Psicología, de Campinas.

Teniendo en cuenta el creciente número de mujeres en una posición destacada en los diversos sectores de la sociedad, esta investigación investiga los estilos de pensar y de crear y verifica diferencias en los factores ambientales y psicológicos que influyen en la producción creativa de mujeres excelentes creativas brasileñas y portuguesas en las diferentes áreas. Por lo tanto, se convirtió en parte de las 35 mujeres - 20 brasileñas y 15 portuguesas. 11 mujeres portuguesas e 9 brasileñas fueron reconocidas socialmente para la producción creativa en diferentes áreas del conocimiento, mientras que 9 brasileñas y 6 portuguesas no eran socialmente reconocidos para la producción creativa. Los instrumentos utilizados fueron: la Guía de Entrevista, la Escala de Estilos de Pensar y Crear y la Escala Biográfica de Mujeres Líderes Creativas. La Guía de Entrevista consta de 15 preguntas semiabiertas relacionadas con la infancia, adolescencia, carrera, procesos de trabajo, cambios observados en el trabajo, barreras personales, identificación de los jóvenes con talento, gestión de vida personal y profesional, desafíos de hoy y tiempo libre. La Escala de Estilos de Pensar y Crear es Likert y consta de 100 ítems que evalúan los estilos Cautelosos- Reflectante, Inconformista-Transformador, Lógico-Propósito, Emocional-Intuitiva y Relacional-Divergente. La Escala Biográfica de Mujeres Creativas Líderes es también Likert y se compone de 69 artículos relacionados con 5 dimensiones - niños y adolescentes, vida de la escuela, trabajo, familia y sexualidad. Se utilizó la prueba de Mann-Whitney para la Escala de Estilos de Pensar y Crear y para la Escala Biográfico de Mujeres Líderes Creativas para comparar grupos de brasileñas y portuguesas socialmente reconocidas como creativo y no reconocido. En cuanto a las entrevistas, se realizó un análisis de contenido y las categorías de respuestas se compararon entre las brasileñas y portuguesas excelentes creativas e no excelentes creativas utilizando el Chi-cuadrado. Los resultados indicaron que no hubo diferencias significativas en los estilos de pensar y crear entre las mujeres excelentes creativas y no excelentes creativas brasileñas y portuguesas y entre las mujeres excelentes creativas de ambos países. Hubo diferencias significativas en la dimensión Influencia de la Madre en la Infancia y la Adolescencia ($p < 0,05$) de la Escala Biográfica entre las ganadoras brasileñas e no ganadoras y en las dimensiones Masculinidad y Feminidad en el trabajo ($p < 0,05$) y la Membresía en el Trabajo ($p < 0,05$) de los mismos modo entre las ganadoras portuguesas e não ganadoras. Además del análisis de contenido mostraron diferencias significativas ($p < 0,05$) en las categorías de Motivación Intrínseca, Ocio, Factores Ambientales Creatividad Favorable y diferencias altamente significativas ($p < 0,001$) en Características Personales Cognitiva, Rasgos de Personalidad y las Condiciones que Influyen Proceso Creativo entre las brasilenãs ganadoras e no ganadoras. Entre las mujeres portuguesas ganadoras e no ganadoras hubo diferencias significativas ($p < 0,05$) para el Comportamiento en la Infancia y diferencias altamente significativas ($p < 0,001$) en Características Personales Cognitivas y Factores Ambientales Favorable a la Creatividad. Se concluyó que las mujeres excelentes creativas de ambos países tienen perfil similar, sin embargo, hay diferencias entre las mujeres excelentes creativas y no excelentes creativas en los dos países.

Los términos del índice: el talento femenino, las relaciones de género, la creatividad, excelencia, mujer

SUMÁRIO

ÍNDICE DE TABELAS.....	i
ÍNDICE DE ANEXOS.....	iv
APRESENTAÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO.....	14
1.1 A MULHER BRASILEIRA.....	14
1.1.1 História da mulher no mercado de trabalho no Brasil.....	14
1.1.2 A mulher líder criativa.....	26
1.1.3 Mulheres criativas brasileiras.....	35
1.2 A MULHER PORTUGUESA.....	41
1.2.1 A mulher e o mercado de trabalho em Portugal.....	41
1.3 CRIATIVIDADE E ESTILOS DE CRIAR.....	46
1.3.1 Criatividade.....	46
1.3.2 Estilos de Criar.....	49
CAPÍTULO 2 – O PROBLEMA DE PESQUISA.....	56
2.1 Objetivos.....	56
2.2 Hipóteses.....	56
CAPÍTULO 3 – MÉTODO.....	57
3.1 Participantes.....	57
3.2 Instrumentos.....	70
3.3 Procedimento.....	72
RESULTADOS.....	75
DISCUSSÃO E CONCLUSÕES.....	140
Limitações do estudo e sugestões para futuras pesquisas.....	151
REFERÊNCIAS.....	153
ANEXOS.....	173

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1 – Faixa etária das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas.....	58
TABELA 2 – Estado civil das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas.....	58
TABELA 3 – Quantidade de filhos das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas.....	59
TABELA 4 – Grau de parentesco com pessoas que residem na mesma casa das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas.....	59
TABELA 5 – Escolaridade das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas.....	60
TABELA 6 – Faixa etária em que as brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas terminaram seus cursos.....	61
TABELA 7 – Profissão das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas.....	61
TABELA 8 – Tipo de instituição em que as brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas trabalham.....	62
TABELA 9 – Atividades não remuneradas das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas.....	63
TABELA 10 – Escolaridade dos companheiros das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas.....	64

TABELA 11 – Profissão dos companheiros das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas.....	65
TABELA 12 – Profissão das mães das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas.....	66
TABELA 13 – Profissão dos pais das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas.....	67
TABELA 14 – Médias e desvios padrões por tipos de Produção Criativa das brasileiras e portuguesas premiadas.....	68
TABELA 15 – Médias e desvios padrões por tipos de Produção Criativa das brasileiras e portuguesas não premiadas.....	69
TABELA 16 – Médias e desvios padrões dos fatores da Escala de Estilos de Pensar e Criar entre premiadas e não premiadas por país.....	75
TABELA 17 – Comparação das médias dos fatores da Escala Estilos de Pensar e Criar entre premiadas e não premiadas por país.....	76
TABELA 18 – Comparação das médias dos fatores da Escala Estilos de Pensar e Criar entre brasileiras e portuguesas premiadas.....	77
TABELA 19 – Comparação das médias dos fatores da Escala Estilos de Pensar e Criar entre brasileiras e portuguesas não premiadas.....	77
TABELA 20 – Correlação por Postos de Spearman entre fatores da Escala de Estilos de Pensar e Criar e a Produção Criativa das brasileiras e portuguesas premiadas.....	78
TABELA 21 – Correlação por Postos de Spearman entre fatores da Escala de Estilos de Pensar e Criar e a Produção Criativa das brasileiras e portuguesas não premiadas.....	78

TABELA 22 – Médias, desvios padrões e comparação das médias das dimensões da Escala Biográfica de Mulheres Líderes Criativas entre premiadas e não premiadas brasileiras	80
TABELA 23 – Médias, desvios padrões e comparação das médias das dimensões da Escala Biográfica de Mulheres Líderes Criativas entre premiadas e não premiadas portuguesas.....	82
TABELA 24 – Frequência de respostas das participantes nas categorias e subcategorias da análise de conteúdo.....	87
TABELA 25 – Comparação das categorias da análise de conteúdo entre premiadas e não premiadas brasileiras.....	92
TABELA 26 – Comparação das categorias da análise de conteúdo entre premiadas e não premiadas portuguesas.....	94
TABELA 27 – Comparação das categorias da análise de conteúdo entre premiadas brasileiras e portuguesas.....	95

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos Juízes.....	174
ANEXO 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participante.....	175
ANEXO 3 – Tabela com as Categorias e Subcategorias da Análise de Conteúdo aos Juízes.....	176
ANEXO 4 – Escala Estilos de Pensar e Criar.....	182
ANEXO 5 – Escala Biográfica de Mulheres Líderes Criativas.....	183
ANEXO 6 – Roteiro de Entrevista.....	185
ANEXO 7 – Análise de Produção Criativa.....	186

APRESENTAÇÃO

A participação feminina no mercado de trabalho tem crescido em nosso país e é decorrente de vários fatores, dentre eles o significativo aumento do nível de escolaridade das mulheres (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011). Por conseguinte, observa-se o aumento da atuação das mulheres em diversos setores de trabalho, sobretudo no empreendedorismo e em cargos de comando. No entanto, como notam Alencar e Virgolim (2001), o estereótipo de gênero e a expectativa produzida por este estereótipo para o desempenho de papéis femininos dificultam muitas mulheres de alcançar uma posição de destaque e oferecer contribuições significativas em diversos campos, sobretudo naqueles considerados como masculinos como, por exemplo, a área política.

Na área política Pinto (2010) afirma que há duas razões a serem consideradas quanto a dificuldade da entrada da mulher. São elas: 1) o poder pessoal dos membros de parlamentares e governos baseado na reprodução de critérios hierárquicos presentes em nossa sociedade, o que inclui o gênero; 2) a falta de instâncias no país que coloque todos os seus cidadãos iguais em direitos e deveres. Logo, estas pressuposições se estendem a outros setores sociais, tais como as ciências, literatura, artes, esporte e organizações.

Nas ciências, apesar de haver um espaço mais proporcional entre os gêneros, as cientistas ainda precisam resistir a estereótipos. Assim sendo, concorrem desigualmente com os homens no curso pela ascensão na carreira, mesmo com a criação do programa “Mulheres e Ciência” do governo federal que tem o intuito de desenvolver ações sobre o tema (Nogueira, 2011). Outro fator que dificulta o engajamento feminino à carreira científica, segundo Prado (2010), é a organização do tempo de trabalho, uma vez que a atividade científica não é realizada por regime de horas fixas, o que acaba despendendo maior tempo de pesquisadores para o seu exercício profissional.

Quanto às áreas de engenharias e tecnologias que são normalmente ocupadas por homens, a representação das mulheres ainda é pequena. As razões para essa realidade, de acordo com Lombardi (2004), são a discriminação e a alta competitividade. Além disso, a autora cita que a ascensão na carreira de engenharia está associada à virilidade masculina, que significa ser enérgico, voluntarioso, racional e que enfrenta desafios, o que contrapõe ao estereótipo feminino.

No que refere às artes, especificamente o campo literário, também apresenta dificuldades de inserção das mulheres. A própria condição de ser mulher, isto é, “a idéia de uma identidade “feminina” confrontada com um gênero em permanente negociação é levantada pelas narrativas das escritoras” (p. 148) diz Leal (2008). Ser escritora no Brasil significa confrontar-se tanto com a história da inserção das mulheres no campo literário quanto promover diálogos com temáticas feministas e movimentar o conceito de gênero, segundo a autora. A Academia Brasileira de Letras (2012) ilustra bem a realidade feminina ao ter somente em 1977 uma mulher (a escritora Rachel de Queiroz) aceita na instituição, desde a sua fundação em 1897.

Sobre a inclusão da mulher no esporte brasileiro, Goellner (2005) afirma que apesar do aumento significativo das mulheres nas várias modalidades esportivas nas últimas décadas, são desiguais as condições de ingresso e participação delas, se comparada aos homens. Tal fato pode ser constatado no esporte de rendimento, no lazer, na visibilidade reconhecida pela mídia, nos méritos atribuídos aos vitoriosos de competições esportivas. Assim sendo, no decorrer da história do esporte nacional foram e são diferentes os fomentos, as oportunidades, as relações de poder, as visibilidades conferidas à mulheres e homens, tanto no âmbito da participação quanto da gestão.

Condição semelhante ocorre nas organizações. As mulheres vêm obtendo oportunidades de ocupar cargos gerenciais em diferentes setores, apesar desta ascensão ocorrer de forma lenta devido às barreiras por elas enfrentadas. Dentre as barreiras encontradas por elas estão: o preconceito, a falta de compreensão para com os papéis exercidos pela mulher fora do local de trabalho, a falta de clareza em normas de socialização e de desempenho no trabalho, além das exigências de promoção mais rigorosas às mulheres que aos homens (Vecchio, 2002). Paradoxalmente, estudiosos da liderança tais como Eagly e Carli (2003), Furst e Reeves (2008), Mourão e Galinkin (2008), Vecchio (2003) vêm notando a tendência do estilo de liderar do sexo feminino como mais vantajoso para as organizações por apresentar comportamentos que promovem abertura, inclusão, facilitação frente à mudanças, compartilhamento de poder, foco em pessoas e mais habilidades nas relações interpessoais.

A liderança feminina com foco na área organizacional tem sido um tema frequente na literatura internacional (Cuadrado, Morales & Recio, 2008; Ladegaard, 2011; Scott & Brown, 2006), entretanto existe carência de pesquisa sobre a

excelência criativa feminina em outras áreas. Portanto, torna-se necessário investigar a excelência criativa em mulheres brasileiras em diferentes áreas.

Por excelência entende-se o desempenho superior do indivíduo, que supera as expectativas e cria novas possibilidades em determinada área de atuação (Garcia-Santos, Almeida & Werlang, 2012). Tal desempenho e realização excepcional em um domínio específico como, por exemplo, esportivo, musical, culinário, criativo artístico ou científico, normalmente resulta na eminência dentro desse domínio, tal como uma medalha de ouro olímpico ou uma aclamação pela crítica (Simonton, 2008).

Para Puccio, Murdock e Mance (2007) as idéias e produtos desenvolvidos por uma pessoa criativa vão exercer comoção imediata ou futura sobre um campo, exercendo desta maneira uma liderança, de forma indireta, sobre uma área específica. Assim sendo, a pessoa criativa acaba por ser reconhecida socialmente por sua criatividade, que conduziu à inovação e alterações favoráveis ao cotidiano em diversas culturas (Runco, 2007).

O ambiente, ou seja, os aspectos familiares e culturais também influenciam a criatividade feminina. Os papéis designados para o sexo feminino desde a infância à idade adulta e as barreiras impostas pela sociedade são determinantes na expressão da criatividade das mulheres (Wechsler, 2008a). Por outro lado, há os fatores de personalidade, a motivação e os estilos cognitivos que interferem no processo criativo (Romo, 2005). Todavia, há falta de estudos sobre a influência desses fatores na mulher brasileira.

Tendo em vista o contexto acima exposto, a proposta do estudo sobre excelência criativa de mulheres brasileiras partiu da percepção da necessidade de colaboração de pesquisadores sobre o assunto e busca avaliar os estilos de pensar e criar, além dos fatores ambientais e psicológicos que influenciam na expressão criativa feminina brasileira em diferentes áreas. Assim sendo, foi dada continuidade ao estudo feito no mestrado sobre os estilos de pensar e criar daqueles em posição de liderança nas organizações, porém enfocando o gênero feminino e a expressão criativa em diversos campos de atuação.

Para complementar o estudo brasileiro, foi realizada pesquisa com mulheres excelentes criativas portuguesas. Desse modo, também foram avaliados os estilos de pensar e criar dessas mulheres, bem como os fatores psicológicos e ambientais que influem na criatividade delas. Portanto, o estudo entre ambos os países permitiu

verificar semelhanças entre as mulheres excelentes criativas brasileiras e portuguesas.

O trabalho apresenta uma introdução dividida em três tópicos onde são apresentados os pressupostos teóricos que serão utilizados para análise e discussão dos resultados da pesquisa.

Na primeira parte são expostos a história da mulher brasileira no mercado de trabalho, os fatores que influenciam a expressão da criatividade feminina e breves biografias de brasileiras que se ressaltaram por meio de sua excelência criativa.

A segunda parte procura contextualizar a mulher portuguesa no mercado de trabalho em seu país.

Por último, são abordados os conceitos de criatividade e estilos de criar, bem como os aspectos culturais e individuais que estimulam e desencorajam a criatividade.

Em seguida, são apresentados os objetivos do estudo, a metodologia empregada, os resultados obtidos, a discussão, as conclusões, as limitações do estudo, as referências bibliográficas e os anexos.

Espera-se que esta pesquisa possa trazer contribuições para a discussão do tema em questão, visando fomentar reflexões sobre a excelência criativa de mulheres diante de seu contexto social e de trabalho. Deste modo, ações que favoreçam as mulheres com potencial criativo possam ser pensadas, levando em consideração as características específicas de seus campos de atuação.

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

1.1 A MULHER BRASILEIRA

1.1.1 História da mulher no mercado de trabalho no Brasil

A inserção da mulher no mercado de trabalho no Brasil tem sido caracterizada por discriminações e segregações desde a época da colonização do país. Em lugares como Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, por exemplo, a divisão de trabalho era baseada em critérios sexuais e o comércio ambulante representava ocupação predominantemente feminina (Figueiredo, 2004).

De acordo com o autor acima, a presença quase exclusiva de mulheres num mercado onde se consumia gêneros a varejo, era influenciada tanto pela cultura africana, donde eram originários os escravos quanto por Portugal, país colonizador. Na África as tarefas de alimentação e distribuição de gêneros de primeira necessidade eram desempenhadas pelo gênero feminino, enquanto em Portugal a divisão de papéis sexuais era vigente.

As “negras de tabuleiro”, como eram chamadas as mulheres alforriadas ou escravas, atuavam no comércio ambulante de rua vendendo seus doces, quitutes, frutas, pinga e fumo por ser a forma mais comum de se ganhar dinheiro para elas (Silva, 2008). Já as mulheres da burguesia eram educadas exclusivamente para os afazeres domésticos – coser, bordar, além de se dedicar ao marido e aos filhos. Estas, segundo a autora, eram confinadas em casa e incumbidas da reprodução, sendo socializadas sob o sistema patriarcal (o pai era o chefe ao qual mulher e filhos estavam submetidos) e sob a influência da religião e de discursos médicos. Os discursos médicos, por exemplo, especificavam que a educação poderia arruinar a saúde das mulheres por insinuar-lhes desejos outros que não fossem o da reprodução (Lopes, 2007).

Debret (1975) afirma que a educação formal das mulheres era considerada disparate social no Brasil colonial, uma vez que a educação das mulheres nos moldes das tradições portuguesas as confinava ao lar e a obediência aos homens. Entretanto, com a chegada da família real ao Brasil em 1808, a situação cultural do país foi alterada, bem como a concepção de ensino e sua oferta às mulheres. Assim sendo, sob o forte impacto das idéias de liberdade e igualdade do Iluminismo

européu e com a Independência do país, foram criados o ensino primário (freqüentado aos poucos pelas mulheres) e o secundário (destinado para preparar apenas o gênero masculino para o ensino superior) conforme a autora.

Embora no Brasil Imperial (período que abrange a Independência do país em 1822 até a Proclamação da República em 1889) as transformações ocorressem no campo das idéias em decorrência dos pensamentos iluministas europeus, o sistema patriarcal permaneceu. Desse modo, a grande maioria das mulheres brasileiras não recebeu instrução formal, permanecendo no espaço privado, cuidando dos afazeres domésticos, dos maridos e dos filhos (Heller, 1997). Segundo a autora, apenas as meninas de famílias ricas receberam alguma educação formal e tornaram-se fluentes em francês, capazes em trabalhos manuais e pianistas.

Após 1850, sob a influência dos movimentos sociais, o socialismo e o feminismo da Europa, surgiram no Brasil, as primeiras organizações de mulheres que lutaram pelo direito à instrução e ao voto. A feminista Nísia Floresta Brasileira Augusta, por exemplo, trouxe da Europa as novas idéias de igualdade e liberdade ao pensar na mulher brasileira e protestou contra a condição de dependência das mulheres em relação aos homens devido ao desprezo pela educação das mesmas (Duarte, 2003). Foi então que em 1879 o governo brasileiro abriu as instituições de ensino superior do país e liberou a matrícula às mulheres nas faculdades de Medicina, por meio da Reforma Leôncio de Carvalho. Entretanto, mesmo com a liberdade para obter títulos acadêmicos, as jovens que seguiam esse caminho eram sujeitas a pressões e críticas da sociedade (Hahner, 2011).

Somente a partir do final do século XIX e início do século XX com a urbanização, imigração e industrialização do Brasil é que as mulheres tiveram acesso ao mercado de trabalho por meio da educação (Heller, 1997). A Primeira República, período que compreende a Proclamação da República até a Revolução de 1930, marcou um novo momento histórico, político e social no país (Costa, 1985). Originou-se um estilo de vida diferente e um clamor por parte da elite por mudança em todos os âmbitos da sociedade, incluindo o campo educacional. Assim sendo, a educação impôs novos protagonistas, como por exemplo, a criança e a mulher e, conseqüentemente, renovou as instituições formativas – a família, a escola, a fábrica, dentre outros (Cambi, 1999).

A partir da Proclamação da República surgiram campanhas contra o analfabetismo e diversas Escolas Normais e religiosas femininas foram fundadas, o

que fez com que crescesse a quantidade de mulheres alfabetizadas e que se inserissem no mercado de trabalho como professoras. A entrada da mulher na Escola Normal estava estreitamente relacionada com a preocupação com o alto índice de analfabetismo da população e à demanda do curso primário devido ao esforço pela democratização da cultura (Heller, 1997; Kulesza, 1998). Por outro lado, a formação religiosa que as mulheres recebiam durante o curso destacavam os dons da função da mulher segundo a religião católica da época, isto é, ser mãe-professora. Daí o surgimento da feminização do magistério primário, já que a docência era considerada uma continuidade do lar; extensão da maternidade (Almeida, 1998).

No final do século XIX o gênero feminino passa a ser referência na função de educar a sociedade dentro e fora do lar em decorrência da relação entre o cuidado materno, a educação e o trabalho (Pinheiro, 2009). Segundo a autora nesse período o trabalho doméstico feminino foi considerado impulsionador para a prosperidade da família, enquanto o trabalho escolar da professora, julgado como motor propício à sociedade.

Para Saffioti (1976) a necessidade da classe menos favorecida procurar o magistério primário como meio de sobrevivência foi um dos fatores que possibilitou a profissionalização da mulher e a articulação entre o privado e o público para o gênero feminino. Embora os salários fossem inferiores aos dos homens, o ensino possibilitou à algumas mulheres uma maior independência econômica. As filhas da elite, por sua vez, utilizavam os estudos apenas para o conhecimento cultural visando um bom casamento (Hahner, 2011).

A promulgação da Lei do Ventre Livre e da Abolição dos Escravos também favoreceram a inserção do gênero feminino no setor público (Silva, 2010). Dentre os milhares de trabalhadores imigrantes que o governo brasileiro procurou atrair para trabalhar no lugar dos escravos na lavoura, nas fazendas de café e nas fábricas que surgiam na cidade estavam as mulheres italianas, as polonesas, as espanholas, as portuguesas, as húngaras, as alemãs, as romenas, as sírias, as lituanas e as judias (Rago, 2004). De acordo com a autora, nas indústrias de fiação e tecelagem por exemplo, a maioria do proletariado era formado por mulheres. À elas cabiam apenas as funções menos especializadas e mal-remuneradas sob a supervisão de homens, sendo que sua carga horária de trabalho variava de dez a quatorze horas diárias, pois não havia nenhuma legislação trabalhista que as protegessem.

Szmrecsányi (2002) refere que desde os primórdios da industrialização, a indústria têxtil algodoeira e de produtos alimentares foram os principais ramos fabris do Brasil. Nestes setores a participação feminina foi de extrema importância, embora as mulheres compusessem a massa de trabalhadores desqualificados, elas eram consideradas mais adequadas nestes espaços produtivos por estarem acostumadas à obediência, à submissão e ao poder masculino. Quanto aos homens, eram designados às funções que exigiam mais qualificação como as chefias (Giroletti, 2002). Assim, para Rago (1985) as fábricas transferiram para o espaço público a relação patriarcal que já estava de certo modo consolidada no espaço privado.

Aos poucos as mulheres foram sendo excluídas das fábricas com o avanço da industrialização e com a absorção da força de trabalho masculina conforme Rago (2004). Elas tiveram que enfrentar vários obstáculos em um campo que fora definido pelos homens como “naturalmente masculino”, dentre os quais recebiam salário inferior aos homens, eram intimidadas fisicamente, desqualificadas intelectualmente, além de sofrerem assédio sexual. Quanto às mulheres negras, continuaram trabalhando nos ramos menos qualificados como empregadas domésticas, doceiras, vendedoras de rua, cozinheiras e prostitutas. Logo, em 1903 movimentos operários, anarquistas e socialistas se rebelaram contra os valores do mundo burguês, bem como as inúmeras formas de exploração do trabalho feminino, convocando as trabalhadoras para assembleias sindicais para se discutir os problemas femininos afirma a autora.

De acordo com Lopes (1993) as mulheres participavam na fundação de sindicatos femininos que tinham por objetivo a luta por melhores condições materiais, direitos políticos e sociais. Também a autora relata que os diferentes jornais operários da época dedicavam artigos à questão da mulher, tais como as condições de trabalho, os abusos sexuais e as dificuldades de acesso à educação.

As operárias anarquistas procuraram combater a ideologia burguesa que via a mulher como esposa, mãe e dona de casa, questionando o patriarcalismo da sociedade brasileira e a discriminação sexual no meio operário e no ambiente de militância política (D’Alonso, 2008). Com a influência das brasileiras que haviam passado anos no exterior e que traziam idéias comunistas, as mulheres da classe média e as proletárias deram origem à Federação das Mulheres no Brasil (FMB) na década de 30 e desencadearam um movimento reivindicatório que deu origem à vários artigos na Constituição de 1934, dentre eles os que regulamentavam o

trabalho feminino, a equiparação salarial entre os gêneros e o direito ao voto às mulheres (Carvalho, 2002; Carvalho, 2009).

Paradoxalmente a partir de 1930 no início da Era Vargas (como foi chamado o governo de Getúlio Vargas) a mulher saiu do espaço público – da militância e das fábricas, induzida pelo discurso ideológico do Estado baseado na idéia de *mens sana in corpore sano*, do aleitamento materno, dentre outros (Nahes, 2007). Essa estratégia do retorno da mulher ao espaço privado do lar fazia parte do Estado autoritário que havia depositado na família o elemento sobre o qual se estruturava a ordem e havia vinculado a figura materna à nação, como pode ser percebido, por exemplo, na expressão então utilizada “mãe-pátria” (Pena, 1981a).

Azevedo e Ferreira (2006) relatam que foi sua presença em todos os níveis escolares, sobretudo nos cursos superiores a partir do final da década de 30 que ocorreu a intensificação da escolarização feminina. Ao lado das modalidades tradicionais de ensino (primário, secundário e superior) um outro ramo dedicado à formação profissional foi desenvolvido, uma vez que as políticas educacionais da época propunham formas especializadas de escolarização determinadas conforme o gênero e/ou a classe social dos indivíduos. Logo, foram oferecidos cursos às mulheres que incluíam habilitação técnica em atividades domésticas, pedagógicas e artísticas. Os autores destacam que foi também nesse período que surgiu a formação para o magistério em nível superior. Assim, ao mesmo tempo em que uma parcela da população feminina era profissionalizada, foi difundida uma nova representação da “dona-de-casa” e “mãe de família”.

Segundo Pena (1981b) nessa época os homens brasileiros foram estimulados a cursarem escolas técnicas para tornarem-se mais qualificados para as indústrias, pois a expansão industrial que ocorria naquele momento exigia conhecimento técnico para o manuseio de novas máquinas. Quanto as mulheres que trabalhavam nas fábricas foram renegadas das oportunidades de qualificação e continuaram em postos de trabalho menos qualificados, segundo a autora.

O governo Juscelino Kubitschek, que compreendeu o ano de 1956 a 1961, deu continuidade ao projeto de desenvolvimento econômico do governo anterior, de Vargas, que incluía o desenvolvimento industrial, dentre outras diretrizes (Batista, Clark & Padilha, 2008). No geral, esse governo foi caracterizado por um período de estabilidade política e pela busca da participação de diversos setores da sociedade brasileira para a construção da nação (Benevides, 1979). Assim, ampliou-se o

acesso à informação, educação, lazer e consumo aos brasileiros (Ferreira & Mesquita, 2001).

O futuro inerente as mulheres nessa época era a maternidade, o casamento e a dedicação ao lar, pois eram considerados como parte da essência feminina, enquanto a masculinidade era definida pela iniciativa, a força e o espírito de aventura, além da participação no mercado de trabalho (Bassanezi, 2004). A autora destaca: “As distinções entre os papéis femininos e masculinos, entretanto, continuam nítidas; a moral sexual diferenciada permanecia forte e o trabalho da mulher, ainda que cada vez mais comum, era cercado de preconceitos e visto como subsidiário do homem, o “chefe da casa” (p. 608).

Em 1964 o Brasil sofreu o golpe militar e os generais no poder, com o intuito de modernizar a economia, ampliaram a industrialização do país, dando abertura aos investimentos do capital estrangeiro (Ribeiro, 2011). Para satisfazer a necessidade de lucro dos investidores internacionais, o governo criou o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), reduzindo os custos da mão-de-obra. Isso desencadeou ausência de estabilidade no trabalho, redução dos custos de demissão, possibilidade de rotatividade de pessoal e o rebaixamento salarial, sacrificando os trabalhadores brasileiros segundo a autora.

Além dos trabalhadores, os estudantes também foram profundamente atingidos em seus interesses, pois o governo proibia suas organizações, como intervia na autonomia das universidades. O intuito do governo era de ajustar a política educacional à política econômica, a exemplo do modelo que havia sido adotado nas universidades dos Estados Unidos (Saviani, 2008). Por outro lado, o sistema educacional sofreu grande aumento em todos os níveis escolares, pois os militares tomaram medidas para atender a demanda crescente por vagas e qualificação profissional com a ampliação da industrialização (Beltrão & Alves, 2009).

Em oposição a política econômica do governo que havia alterado e deteriorado significativamente as condições de vida da população, iniciou-se em todo país movimentos populares, estudantis e movimentos de mulheres (Costa, 2005). Também alguns dirigentes de partidos políticos da Esquerda, bem como estudantes, operários, intelectuais e artistas simpatizantes dos pensamentos da Esquerda, deram origem a luta armada para enfrentar a ditadura militar (Bandera, 2012).

A luta armada representou uma imensa desobediência com o que era designado à época para a mulher, ou seja, o aprisionamento no mundo privado e doméstico (Colling, 2004). Ao se comportar como homem, pegando em armas e tendo êxito com o instrumento, a militante se emancipava, na medida em que a igualdade com os homens era reconhecida, pelo menos retoricamente (Garcia, 1997). Por outro lado, as mulheres de classe média e burguesas tiveram função importante na participação de movimentos em apoio aos militares como, por exemplo, o movimento das “Marchas com Deus, pela pátria e pela família” (Costa, 2005).

Como consequência da resistência das mulheres à ditadura militar depois da derrota da luta armada, com o impacto do feminismo internacional e com as mudanças na situação da mulher brasileira com a modernização que o país vinha passando a partir dos anos 60, surgiu o feminismo nacional na década de 1970 (Sarti, 2001). Movimento este que ganhou visibilidade após a declaração oficial das Organizações das Nações Unidas do Ano Internacional da Mulher no ano de 1975, reconhecendo a questão da mulher como problema social (Sarti, 2004).

O movimento feminista defendia os interesses do gênero feminino, questionava os papéis de gênero atribuídos às mulheres, tinha autonomia frente a outros movimentos, organizações e ao Estado (Soares, 1998). Assim, desde o final dos anos 60, as mulheres de segmentos urbanos ficaram a frente de várias reivindicações ao Estado como, por exemplo, por melhores salários, por creches, contra a carestia e contra o custo de vida (Teles, 1993). Essas reivindicações propiciaram transformações de mentalidades e modificações no espaço urbano (Silva, 2000).

A partir da década de 70, com o crescimento da economia brasileira, ocorreu aumento considerável da mão-de-obra feminina no mercado de trabalho. Não só as mulheres mais pobres entraram no mercado, mas também as mais instruídas e, principalmente, aquelas advindas das camadas médias (Tesseler, 2009). Dentre as razões para a incorporação das brasileiras no trabalho fora de casa estavam: a) a necessidade econômica intensificada com a deterioração dos salários reais dos trabalhadores, que as obrigou a buscar uma complementação para a renda familiar, b) a elevação das perspectivas de consumo, frente à geração de novos produtos (Bruschini, 1994).

Houve a incorporação das mulheres no espaço público do trabalho e o status de “dona de casa”, que havia sido predominante nas décadas anteriores, sofreu um acentuado declínio (Oliveira, 2003). Como consequência, o modelo de família baseada nos papéis de homem provedor e mulher dona-de-casa em tempo integral decaiu, refletindo no processo de individuação da mulher e repercutindo na autoridade patriarcal, bem como no desarranjo da estruturação da família tradicional (Oliveira, 2005). Assim, as mulheres conquistaram o estatuto de trabalhadoras assalariadas, o que lhes deu uma nova identidade ultrapassando o espaço privado da família. Logo, elas foram se deslocando das ocupações de professoras primárias, de enfermeiras e de secretárias para posições mais qualificadas e valorizadas do mercado de trabalho, bem como começaram a disputar cargos de comando, conforme a autora.

Ao contrário da década de 70 e em decorrência da crescente industrialização e da elevada imigração do rural para o urbano, a década de 80 teve como marco a crise econômica, a inflação e o desemprego, que desencadearam problemas como baixos salários, elevado subemprego e alta informalidade (Pochmann, 1998). Apesar da estagnação econômica, as conquistas femininas progrediram com a ampliação de oportunidades de trabalho para elas na administração pública, no comércio, na prestação de serviços, nas atividades administrativas, bancárias e sociais, embora muitas delas tenham ingressado no mercado informal ou trabalhando em período parcial (Bruschini & Lombardi, 1996). Além disso, com a reestruturação das empresas que adotaram um modelo de flexibilização e terceirização de mão-de obra, houve o aproveitamento das mulheres em atividades repetitivas e em postos de trabalho em constantes reestruturações tecnológicas (Hirata, 1998).

Com a abertura política nos anos 80, o movimento de mulheres se consolidou como uma força política e sindical (Casadei, 2009). Logo, o movimento feminista incorporou-se em associações profissionais, bem como sindicatos e partidos, ganhando importância na criação dos primeiros conselhos estaduais de Direitos da Mulher nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro em 1983 e na criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher em 1985 (Abramo, 2010).

Nesse período as mulheres também conquistaram vários direitos civis e trabalhistas com a Constituição Federal de 1988, que tratou sobre a igualdade social entre os gêneros e as relações trabalhistas. A extensão da licença-maternidade de 90 para 120 dias, o incentivo ao trabalho para a mulher mediante normas protetoras

e o prazo mais curto para a aposentadoria por tempo de serviço da mulher foram exemplos destas políticas (Oliveira, 2010).

Apesar desse contexto e de ganhos femininos na legislação brasileira no que diz respeito à igualdade de oportunidades no acesso ao trabalho e no combate às formas de discriminação, a reivindicação feminina por esses direitos ainda continua (Oliveira, 2003). Isto porque, segundo a autora, as normas, crenças e valores sociais existentes ainda tem o propósito de manter a posição de subordinação da mulher no espaço público do trabalho.

Quanto a década de 90, o mercado brasileiro acompanhou os modelos europeus e se adequou às exigências do mercado globalizado e competitivo (Martinez & Peric, 2009). Esta década foi caracterizada por um mercado de trabalho com sinais de desestruturação, com um contingente crescente de pessoas sem emprego, desassalariadas ou em postos de trabalho precários (Pochmann, 1998). No entanto, houve uma participação cada vez maior das mulheres em ambientes de trabalho (Maia, 2001).

Para Bruschini e Lombardi (1996) os fatores que beneficiaram as mulheres no espaço público do trabalho nesse período foram o aumento do nível de escolaridade do gênero feminino e a diminuição da taxa de fecundidade graças à adesão de métodos anticoncepcionais mais fáceis de se conseguir. Além disso, para as autoras as mulheres mais instruídas optavam por ter um número reduzido de filhos, o que as tornava mais disponíveis para a atividade econômica.

Nos anos 90 o governo federal havia desenvolvido políticas públicas voltadas para universalização da educação básica e para a abertura de universidades privadas (Beltrão & Alves 2009). O aumento geral da quantidade de vagas nas instituições no ensino superior favoreceu as classes médias e, especialmente, o gênero feminino, como relatam os autores, pois além das áreas tidas como femininas, houve aumento da ocupação delas em áreas antes reservadas aos homens como a Medicina, Direito, Arquitetura e mesmo a Engenharia (Bruschini & Lombardi, 2000). Embora nesse período as taxas de desemprego tenham sido mais elevadas para os níveis de maior escolaridade para a população em geral (Pochmann, 2004).

No que refere à influência da fecundidade ao acesso ao trabalho, Itaboraí (2003) observa que o fator decisivo para inserção no mercado de trabalho parece ser a idade do filho mais novo e não a quantidade de filhos. Estudos de Jorge (2010)

e Souza (2002) por exemplo, em regiões metropolitanas do Brasil mostraram que a faixa etária dos filhos é causa determinante na probabilidade de trabalho e ocupação das mães. Quanto menor a idade dos filhos, menores são as chances de trabalho das mães; quanto maior os filhos, mais probabilidade da mãe trabalhar.

Outras causas para o aumento da participação feminina no mercado de trabalho foram as novas oportunidades oferecidas pelo mercado, a modernização dos processos produtivos, o aumento de famílias chefiadas por mulheres, a presença de serviços públicos e particulares de atenção à maternidade, as mudanças nos padrões culturais referentes ao papel social da mulher cada vez mais voltado para o trabalho remunerado (Bruschini & Lombardi, 2010; Pinheiro, Fontoura, Querino, Bonetti & Rosa, 2009). Esse aumento das mulheres na população economicamente ativa, no entanto, foi acompanhado pelo predomínio delas em trabalhos não qualificados, precários e mal remunerados (Ribeiro, 2011).

No século XXI a economia do país voltou a crescer e o mercado de trabalho começou apresentar melhorias (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, 2012). Houve aumento da participação das mulheres em todas as formas de ocupação, mesmo diante do predomínio masculino conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2012). Também segundo esse órgão constatou-se que as diferenças de inserção entre homens e mulheres foram reduzidas em 2011. Em 2003, por exemplo, enquanto 62,3% dos homens tinham carteira assinada no setor privado, a proporção de mulheres era de 37,7%. Em 2011 houve uma diminuição dessa diferença com 59,6% dos homens com carteira assinada e de 40,4% de mulheres com carteira assinada, embora tenha sido notado maior crescimento de participação feminina no emprego sem carteira no setor privado. Quanto a taxa de desocupação feminina em 2011 foi de 7,5% (menos da metade daquela encontrada em 2003). Já a taxa de desocupação dos homens em 2003 foi de 10,1% e em 2011, 4,7% (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2012).

Ainda de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2012) o número médio de horas semanais trabalhadas pelas mulheres em 2011 foi de 39,2 horas contra 43,4 horas dos homens, ou seja, uma diferença de 4,2 horas entre os gêneros em quase todos os grupamentos de atividade. Em 2003, essa diferença foi de 5,3 horas. A redução da diferença ocorreu, principalmente, pela variação do número de horas trabalhadas da população masculina.

Em relação ao perfil das trabalhadoras brasileiras, Lavinias (2001) refere que até a década de 70 elas eram, em grande parte, solteiras e sem filhos. A partir dos anos 80 em diante as mulheres têm permanecido no mercado de trabalho mesmo quando casam, têm filhos e ficam mais velhas. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2009 indicam que desde a década de 80 há uma tendência das mulheres possuírem mais escolaridade, se casarem com idade mais elevada e com ampliação da atividade feminina mais madura (na faixa dos 30 a 39 anos de idade). Também foi verificado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011) que enquanto nas regiões Sudeste e Sul do país há maior proporção de mulheres no trabalho formal, nas regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste elas atuam mais na informalidade. No que refere à raça das mulheres, as negras possuem menos escolaridade, ocupam trabalhos menos qualificados e recebem menores salários do que as brancas (Oliveira & Rios-Neto, 2006).

Sobre o trabalho doméstico fica ainda sob o encargo feminino devido aos valores culturalmente sustentados por ambos os gêneros que confiam às mulheres a missão principal de gerir a vida familiar (Daniel, 2009). Os serviços do lar estiveram historicamente relacionados às habilidades tidas femininas, tais como limpar, cozinhar, lavar, passar e cuidar de crianças, refere a autora. Nesse tipo de trabalho a mulher internaliza a ideologia de servir aos outros, maridos e filhos, prestando um serviço pessoal que é visto pela sociedade como uma *situação natural*, pois é condicionado por relações afetivas entre a mulher e os demais membros familiares, além de ser gratuito e de ocorrer fora do mercado (Melo, 1998). Logo, esse tipo de trabalho é visto como economicamente inativo, o que faz com que a contribuição feminina na esfera privada fique oculta (Bruschini, 1994).

Em pesquisa realizada por Araújo e Scalon (2006) sobre as percepções de homens e mulheres a respeito da conciliação entre trabalho pago e família, tomando como referência as relações de gênero, as autoras verificaram que 70% ou mais das mulheres responderam que são elas próprias que fazem as atividades domésticas, limitando ao cônjuge uma participação inexpressiva. A única exceção é em relação à atividade de brincar com as crianças, em que a participação masculina se eleva um pouco, embora tenha sido constatado na pesquisa que também nos finais de semana, as mulheres, bem mais que os homens, têm as suas atividades de lazer associadas às crianças ou ainda usam seu tempo livre para cuidar da casa. As autoras também observaram que em geral, as mulheres que trabalham fora de casa

têm percepções mais críticas acerca das práticas tradicionais e apresentam opiniões mais favoráveis à igualdade de gênero. As opiniões direcionadas a serem mais igualitárias, no entanto, não significam que na prática haverá mais compartilhamento por parte dos homens. As autoras concluíram que a divisão sexual do trabalho doméstico e as atribuições de homens e mulheres relacionadas com o trabalho de reprodução cotidiana da vida social permanecem como um dos aspectos menos mutáveis às mudanças que marcam a sociedade contemporânea.

Para Carvalho (2007) muitas vezes as mulheres “escolhem” determinada função no mercado de trabalho pela possibilidade de conciliar o trabalho assalariado com as funções domésticas, inclusive o cuidado com os filhos. Quando ela contrata outra mulher para executar essas tarefas, o trabalho doméstico é convertido em “serviço doméstico remunerado”. Nesse trabalho a empregada doméstica adquire por herança social o estigma de desvalorização que acompanha tais atividades (Melo, 1998), pela situação particular do próprio trabalho doméstico remunerado de ficar restrito aos afazeres no âmbito da casa, o que o distingue dos demais trabalhos (Sistema PED, 2010).

Para Bruschini e Lombardi (2010), apesar de avanços e a constância do aumento da participação feminina na População Economicamente Ativa (PEA), as responsabilidades com as atividades domésticas ou com os cuidados com os filhos e demais familiares provocam uma sobrecarga às mulheres e dificultam a dedicação delas ao trabalho. Essa sobrecarga pode ser verificada com a grande diferença existente entre a dedicação feminina e a masculina nos afazeres domésticos – as mulheres gastam nessas atividades em média 22 horas por semana enquanto os homens, 9,5 horas segundo a OIT (Organização Internacional do Trabalho) (Ribeiro, 2012). Por outro lado, Bruschini e Ricoldi (2012) observaram em pesquisa com homens que além de auxiliar com as tarefas do lar, alguns deles queixaram-se do despreparo das empresas para as mudanças que estão ocorrendo entre os gêneros nas relações familiares (quanto ao compartilhamento do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos).

Mesmo com o contexto acima, no século XXI as mulheres brasileiras obtiveram mais conquistas com: a) a inserção do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher junto a então criada Secretaria Especial de Políticas para Mulheres da Presidência da República em 2003, contando em sua composição com representantes da sociedade civil e do governo, o que passou ampliar o processo de

controle social sobre as políticas públicas dirigidas à promoção da igualdade de gênero, b) a Lei Maria da Penha em 2006, que criou mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, c) a criação em 2008 do Programa Empresa Cidadã destinado à prorrogação da licença-maternidade de quatro para seis meses mediante concessão de incentivo fiscal, d) a instituição do Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (RASEAM) que compreende diretrizes com o intuito de medir os vários aspectos inerentes a participação feminina no mercado de trabalho, e) a eleição da primeira Presidente do país do gênero feminino em 2011 (Brasil, 2012; Moraes, 2010).

1.1.2 A mulher líder criativa

A ascensão da mulher em posições de destaque nos negócios e em diversos setores da sociedade brasileira é notória. A expansão da sua presença no mercado de trabalho foi impulsionada por necessidades econômicas que a levaram a contribuir com o orçamento familiar e foi intensificada com o aumento de seu nível de escolaridade, além da redução das barreiras culturais para a profissionalização (Neto, Tanure & Andrade 2010). Todavia, a mulher ainda tem que superar várias barreiras para manifestar seu potencial criativo (Wechsler, 2008a).

De acordo com Baer e Kaufman (2008) desde a infância até a vida adulta, as expectativas à mulher são diferentes daquelas que são pressupostas ao gênero masculino. Assim sendo, os autores referem que a produção criativa feminina tem sido tardia, em função da relativa ausência de suporte do ambiente, o que inclui: a falta de encorajamento do talento feminino ainda precoce, o controle da inserção da mulher em áreas tidas como masculinas, as demandas e expectativas da sociedade para com os papéis femininos.

Na infância e adolescência, por exemplo, nota-se que comportamentos de submissão, dependência e de doação para com os outros são ensinados para a menina, enquanto os meninos são incentivados a ter maior autonomia (Biasoli-Alves, 2000). Desse modo, os atributos próprios da personalidade criativa como a autonomia, a autoconfiança, a independência, a ousadia e a curiosidade não são estimulados desde a fase inicial de desenvolvimento infantil nas mulheres (Reis, 1998).

Os comportamentos femininos de subordinação e dependência são adquiridos no ambiente familiar, principal transmissor de valores e tradições culturais, que influencia as percepções de mundo e os relacionamentos sociais do indivíduo (Dessen, 1997; Ramos, 2008). Logo, o ambiente familiar deveria oferecer condições apropriadas ao desenvolvimento das habilidades e talentos em meninas, ao dar uma educação mais equitativa entre os gêneros (Chagas, 2008).

Olszewski-Kubilius (2000), Moraes, Rabelo e Salmela (2004) relatam a importância da família, sobretudo do suporte familiar para o desenvolvimento e o reconhecimento do talento de um indivíduo. Em pesquisa realizada por Chagas e Fleith (2011) com jovens talentosos, seus pais e professores, foi constatado que a família é o fator que mais causa impacto sobre o desenvolvimento do talento dos jovens, embora a influência escolar e cultural sejam indiscutíveis.

Alencar e Fleith (2003a), Krumm, Vargas-Rubilar e Gullón (2013) referem que atitudes parentais, tais como o incentivo à imaginação, o estímulo à exploração dos interesses da criança, o incentivo à autoconfiança e à autonomia favorecem o desenvolvimento criativo dos filhos. Também o comportamento criativo dos pais e o fator multicultural familiar predizem a criatividade de seus descendentes (Chang, Hsu, Shih & Chen, 2014; Leung, Maddux, Galinsky, & Chiu, 2008). De outro modo, a estrutura familiar, tais como a quantidade maior de filhos e a posição do filho(a) (do meio ou aquele(a) na segunda posição) parecem ser determinantes para que certa criança tenha maior potencial criativo (Runco, 2007).

Para Runco (2006) há indicadores comportamentais na criança potencialmente criativa como, por exemplo, a independência de pensamento, a autonomia, o comportamento original e espontâneo. Além disso, estudo de Nakano e Castro (2013) sugere associação de traços de temperamento de extroversão e intuição ao desempenho criativo de pré-adolescentes e adolescentes.

Quanto à influência parental na carreira de mulheres tidas criativas, estudos de Helson (1971) e Montgomery (1990) revelaram que o pai foi o maior influenciador na opção delas por suas atividades profissionais. Nos estudos destes autores, em específico, verificou-se o interesse precoce de mulheres pela área de matemática.

Além da família, a escola tem grande influência no desenvolvimento do talento criativo das crianças, porém pelo fato dos professores não compreenderem a criatividade ou por não terem recebido treinamento nesta área, muitas vezes os alunos talentosos não são identificados e nem estimulados de modo adequado

(Fleith, 2011). Entretanto, para Williams (1972) os professores precisam estar atentos à determinados comportamentos da criança como, por exemplo, ser questionadora, imaginativa, que busca desafios, que demonstra ter muitas e diferentes idéias, que apresenta sensibilidade e curiosidade sobre algum fato, que tem habilidades intelectuais e interesses por uma área específica para identificá-la como potencialmente criativa. O interesse demonstrado pela criança por determinada tarefa que possui exigência de respostas é também citado por Fishkin e Johnson (1998).

Os fatores sócio-culturais presentes na escola também contribuem para que a menina negue sua capacidade intelectual em atividades que exigem, por exemplo, raciocínio matemático, deixando de ser equiparada intelectualmente com o sexo oposto em habilidades específicas (Baenninger & Newcombe, 1989; Hamilton, 1995; Lawton, 1994). Por conseguinte, a porcentagem de ingresso das mulheres em determinadas áreas, como por exemplo, engenharias e tecnológicas é pequena no Brasil, bem como em outras culturas (Lombardi, 2004).

Para Lubart (2007) o contexto cultural exerce efeitos na concepção, no nível da atividade criativa, assim como nos resultados da expressão criativa em cada área, podendo a criatividade ser estimulada ou desencorajada em certas situações. Logo, em alguns domínios, como por exemplo, da área científica há mais suporte sócio-cultural para o desenvolvimento da criatividade (Csickzentmihalyi, 2005). Por outro lado, este último autor afirma que o fenômeno da criatividade pessoal pode ser explicado por meio das influências que a própria cultura exerce no indivíduo, desse modo, diferindo a manifestação criativa entre diferentes culturas. Neste sentido, Morais (2001) refere que a quantidade de produção criativa das mulheres parece ser determinada por um conjunto de fatores sociais, dentre eles as diferentes condições de trabalho entre os sexos.

Alencar e Fleith (2008), por exemplo, verificaram a percepção de estudantes de engenharia sobre a influência dos aspectos sócio-culturais inibidores à expressão criativa. O fator repressão social foi o tipo de barreira mais citada entre o gênero feminino. As estudantes destacaram que o ambiente machista e a discriminação dificultam uma maior expressão da criatividade das mesmas.

Nos ambientes de trabalho as qualidades tidas masculinas tais como agressividade, racionalidade e auto-confiança são valorizadas (Lawrence, 2006), enquanto que as características consideradas como femininas como, por exemplo, a

sensibilidade, a afetuosidade, a solicitude e a compreensão acabam por prejudicar a ocupação do gênero feminino em cargos como os de comando (Engen, Leeden & Willemsen, 2001). Isto porque, segundo as autoras, estes estereótipos produzem expectativas e preconceitos para o comportamento de homens e mulheres.

Além dos fatores externos que inibem o potencial criativo do gênero feminino, Reis (2002a, 2002b) aponta fatores internos tais como: dilemas sobre as próprias habilidades e talentos, perfeccionismo, atribuição de sucesso à sorte do que ao próprio talento, isolamento social, ocultamento das próprias habilidades e diferenças, dificuldade para fazer escolhas e tomar decisões. A autora ainda salienta que em uma sociedade onde a maioria dos líderes, políticos, artistas, músicos e inventores são homens, uma jovem pode não crer em seu próprio potencial criativo. Daí a necessidade de aconselhamento de carreira para as mulheres talentosas como, por exemplo, programas no ensino superior destinados a beneficiá-las (Rockenstein, 2003).

A mentoria também tem papel importante para a realização criativa, pois resulta em aprendizagem e no desenvolvimento profissional da pessoa (Keinänen & Gardner, 2006; Torrance, 1983a). Bragotto (2006), por exemplo, verificou a relevância de mentores para a produção literária de escritores.

A constante capacitação por meio da educação, do acesso à informação são essenciais ao desenvolvimento das habilidades criativas (Faria & Alencar, 1996), já que o conhecimento adquirido pela pessoa em determinada área/domínio poderá evidenciar suas capacidades criativas (Alencar & Fleith, 2003; Collins & Amabile, 2009). Para Amabile (1996), Baer e Kaufman (2005), no entanto, é preciso um período de experiência que pode chegar a dez anos para que haja o domínio de uma área específica. Por outro lado, Cropley (2001) e Simonton (1997) referem que o pico de realizações criativas gira em torno dos 30 a 40 anos de idade.

Apesar do aumento da escolarização das mulheres ocidentais na atualidade e da tendência delas compartilharem as tarefas domésticas com os maridos (Eagly, 2007), verifica-se que elas ainda assumem a maioria das responsabilidades do lar (Dessen & Braz, 2000). A sobrecarga de papéis como os de mãe, esposa e dona de casa paralelamente a dedicação ao trabalho pode levá-las a desenvolver sentimentos de culpa, ansiedade e sintomas de estresse e depressão (Martins, 2006). Desse modo, as dificuldades de conciliar os papéis entre a família e o trabalho podem afetar a qualidade de vida e o bem estar psicológico das mulheres,

bem como o seu desenvolvimento profissional (Souza, Wagner, Branco & Reichart, 2007; Wagner, Predebon, Mosmann & Verza, 2005).

Tal contexto também vem colaborando para a opção da mulher casar mais tarde e de gerar ou não filhos (Souza, Wagner, Branco, & Reichert, 2007). Wechsler (2008a) relata que em estudo americano sobre mulheres altamente criativas demonstrou-se que elas não tendiam ao casamento – eram solteiras, divorciadas ou viviam com alguém – ou se casavam bem tarde e não tinham filhos. Por outro lado, pesquisa sobre mulheres criativas brasileiras realizada por Wechsler e Guerreiro (1986) apontou que elas apresentavam estados de conflito, ou seja, a busca de realização pessoal e profissional era feita às custas de inúmeros conflitos, advindos de barreiras externas causadas pela sociedade como de bloqueios internos, tais como o medo do sucesso e o sentimento de engano (relacionado com a baixa auto-estima e o baixo auto-conceito).

Neto, Tanure e Andrade (2010), ao analisarem a percepção de executivas que chegaram ao topo de grandes empresas no Brasil sobre os desafios às carreiras, verificaram que os obstáculos são colossais às altas exigências das carreiras. Estes são: preconceitos enraizados, pressão do tempo biológico, carga excessiva com os cuidados de filhos em contraste com a jornada de trabalho muito extensa além de dificuldades com o parceiro amoroso. Alguns obstáculos citados também foram encontrados em estudo realizado por Bruschini e Puppini (2004) com executivas de empresas nacionais e multinacionais. Apesar deste quadro, evidenciou-se em ambos estudos que as mulheres executivas continuam a apostar na carreira.

Em outro estudo com pesquisadoras de diferentes áreas que destacaram-se por sua produção científica, Prado e Fleith (2012) identificaram barreiras enfrentadas por estas mulheres tais como a dificuldade para conciliar atividades profissionais com os papéis familiares desde o início da carreira, a existência de estereótipo de gênero ao longo da carreira, as condições e estrutura do trabalho desfavoráveis.

A despeito da mulher ficar sobrecarregada com os vários papéis por ela desempenhados como colocado anteriormente, Fox (2005) revelou que os fatores casamento e filhos não implicam em menos produção por parte dessas mulheres quando comparadas com aquelas solteiras e sem filhos. Para a autora os fatores que podem influenciar a produtividade feminina é a idade dos filhos em idade

escolar e o tipo de casamento, bem como a ocupação do esposo, sendo que a ocupação deste na mesma área tende a favorecer a produtividade da mulher.

Para Kerr (1994) as mulheres criativas, do mesmo modo que os homens, prezam por buscar desafios à sua capacidade intelectual e por atingir um desempenho satisfatório em determinada área, desde que seus objetivos pessoais sejam significativos para elas próprias. Assim sendo, para se auto-realizarem prezam pela autonomia, independência e mostram-se apaixonadas por suas idéias empreendedoras (Jonathan, 2011).

Para Reis (2005) “o desenvolvimento do talento feminino ocorre quando a mulher com alta habilidade criativa, intelectual, artística, de liderança ou em outra área de atuação traz contribuições consideradas significativas à sociedade” (p. 217). Para que o talento feminino ocorra, no entanto, o ambiente, a personalidade, a percepção pessoal e a habilidade devem funcionar como fatores mobilizadores que favoreçam a promoção desse talento refere a autora. Todavia, Pérez e Freitas (2013) notaram em estudo com mulheres talentosas brasileiras, que as próprias mulheres tem dificuldade em perceber indicadores de criatividade em si mesmas, tais como a curiosidade, a originalidade, a inventividade, o desagrado com a rotina, a proposta de soluções criativas aos problemas, o gosto por correr riscos e enfrentar desafios.

Na tentativa de definir as características das mulheres criativas, Bender, Nibbelink, Towner-Thyrum e Vredenburg (2013) utilizaram uma bateria de testes de criatividade e de personalidade e compararam os resultados entre mulheres e homens. Em ambos os sexos a criatividade foi associada com a abertura ao novo, a extroversão, a resistência às demandas sociais, forte senso de poder pessoal, alta energia e impulsividade. Nas mulheres a criatividade também foi correlacionada com certa ambivalência entre acatar e rebelar-se frente as expectativas sociais.

Poucos são os estudos sobre as mulheres criativas/talentosas, uma vez que as mulheres continuam a ser relativamente raras nos níveis hierárquicos superiores das artes, ciências, literatura, finanças e política (Arnold, Noble & Subotnik, 1996). Por outro lado, a maior parte das pesquisas sobre personalidade criativa referem-se ao gênero masculino (Keller-Mathers, 2004). Como refere Torrance (1983b) há poucas mulheres registradas na história da criatividade humana. No Brasil, por exemplo, são encontrados no banco de teses e dissertações do portal Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes, 2012) e na Biblioteca

Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD, 2012) estudos biográficos, tais como a biografia da psiquiatra Nise da Silveira, da cineasta Gilda de Abreu e da educadora Benedicta Valladares Ribeiro, porém estes estudos não abordam a criatividade destas mulheres.

Apesar da falta de estudos nacionais acerca da mulher criativa, em um número limitado de pesquisas internacionais de décadas anteriores foram encontradas características comuns à essas mulheres. Helson (1966), por exemplo, identificou a impulsividade, a rebeldia, a independência de julgamento, a necessidade de maior autonomia e forte motivação para assumir um papel criativo em mulheres com interesses artísticos. A mesma autora (Helson, 1971) verificou em mulheres criativas em matemática a flexibilidade, a habilidade para auto-expressar-se, a independência rebelde e a rejeição pelas influências externas/sociais como aspectos inerentes à elas.

Em revisão da literatura Rieger e Blaubergs (1979) concluíram que as mulheres altamente criativas tendem apresentar os mesmos traços de personalidade – originalidade, flexibilidade, tolerância a ambiguidade, auto-confiança, persistência, teimosia, independência, necessidade de correr riscos e experimentar – independente da área profissional em que atuam. Além disso, as autoras chegaram a conclusão de que aquelas mulheres apresentam características de personalidade semelhantes aos homens altamente criativos, além de serem menos parecidas com as mulheres menos criativas, não correspondendo ao papel de gênero estereotipado. Daí, o fato da pessoa criativa ser caracterizada como andrógena, uma vez que a mulher criativa possui características de personalidade parecidas com as do homem criativo (Candeias, 2008; Dacey, 1998).

Para Sternberg e Lubart (1996) as pessoas com alta produção criativa tendem a exibir um agrupamento de características de personalidade – perseverança frente as dificuldades, tolerância à ambiguidade, auto-confiança, predisposição a correr riscos, auto-estima e coragem para manifestar novas idéias. Todas essas características citadas neste e nos parágrafos acima são sustentadas até hoje à pessoa criativa pelos estudiosos do tema, embora vários estudos procurem avaliar as diferenças de gênero na criatividade e no processo criativo (Alencar & Fleith, 2003b; Alencar & Fleith, 2008; Barron & Harrington, 1981; Baer & Kaufman, 2008; Naderi, Abdullah, Aizan, Sharir & Mallan, 2009) sem nenhum resultado conclusivo sobre a temática.

Outro aspecto próprio da pessoa criativa diz respeito ao tipo de motivação que a conduz para certa atividade. Nesse sentido, Amabile (1996) destaca a motivação intrínseca que refere ao engajamento e contentamento que o indivíduo tem pela atividade, livre de reforços ambientais, podendo levá-lo ao desenvolvimento de habilidades de domínio e ao desenvolvimento da criatividade. Ao contrário, a motivação extrínseca, baseada em objetivos e reconhecimentos externos, pode prejudicar a criatividade da pessoa, segundo a autora, embora ela reconheça que a motivação extrínseca com caráter de informação/instrução possa levá-la à criatividade. Por sua vez, Sternberg (1999) menciona que ao mesmo tempo em que há várias pesquisas que relacionam a realização criativa de uma dada tarefa com a motivação intrínseca, outros estudos que verificam os efeitos de premiações ou avaliações sugerem que a motivação extrínseca pode não ser nociva à criatividade em certas circunstâncias. Portanto, o tipo de motivação que conduz à criatividade é uma questão um tanto controversa entre os estudiosos que a investigam.

A alta motivação é também um aspecto inerente às pessoas criativas (Romo, 2005). Elas tendem a transformar e a dar interpretações originais às experiências num esforço para inovar, uma vez que a inovação ou a novidade podem fornecer novos estímulos e, portanto, manter estas pessoas motivadas (Runco, 1996). A alta energia psíquica e física, a curiosidade e o interesse fazem então com que estas pessoas trabalhem por longas horas, usufruindo e sentindo prazer com o trabalho, o que é denominado por Csikszentmihalyi (1997) como estados de “fluxo”; *flow* (fluir).

O *flow* tem sido estudado em profissionais de destaque de diferentes domínios, bem como naqueles da área esportiva, uma vez que para Jackson e Csikszentmihalyi (1999) o *flow* também está associado ao máximo desempenho. Neste sentido, pesquisas com o intuito de compreender a ocorrência do *flow* em atletas de elite e de alta performance vem sendo realizadas (Jackson, 1996; Jackson & Eklund, 2002; Murcia, Gimeno, & Coll, 2008; Stavrou, Jackson, Zervas & Karteroliotis, 2007).

A pessoa criativa, sua energia e seu trabalho árduo, bem como suas características de personalidade tais como ser imaginativa, questionadora, ter auto-eficácia, independência de julgamento social e ter desejo por autonomia a favorecem a inovar (implementar idéias criativas que levam a um impacto econômico em um determinado contexto) (Cotec, 2012; Patterson, Kerrin & Gatto-Roissard,

2012). Li e Wu (2011) também observaram que o comportamento inovador da pessoa criativa está relacionado ao desenvolvimento de atitudes positivas e ao otimismo.

Barron e Harrington (1981), assim como Plucker e Renzulli (1999), referem que estudos biográficos sobre pessoas eminentemente criativas têm levado ao conhecimento da criatividade e do contexto destas pessoas. Estes estudos têm evidenciado características de natureza afetiva e cognitiva que estariam mais presentes nestes indivíduos do que na população em geral. São estas características: flexibilidade, fluência, originalidade, idéias elaboradas, sensibilidade interna e externa, fantasia, alta motivação, sentido de humor, impulsividade, espontaneidade, auto-confiança, inconformismo, preferência por situações de risco, independência de julgamento, persistência, linguagem metafórica, abertura à novas experiências, capacidade de liderança, honestidade, otimismo, atitude visionária, curiosidade, dinamismo, sentido de destino criativo, sensibilidade ambiental, atração pela complexidade, tolerância às frustrações (Dacey, 1998; Morais, 2001; Runco & Pritzker, 2011; Wechsler, 2008a).

A flexibilidade é de grande importância à pessoa criativa, pois possibilita a mesma estar aberta à novas ideias, à mudança (Smith & Amner, 1997) e, associada à outros aspectos cognitivos, como a não conformidade, pode levar a pessoa criativa à originalidade (Amabile, 1996). Por sua vez, a originalidade que refere a qualidade da ideia incomum, não ocorre ao acaso, mas depende da profunda exploração do conhecimento do domínio e da maneira na qual o conhecimento disponível é utilizado pelo indivíduo (Rietzschel, Nijstad & Stroebe, 2007).

Além dessas características Ostrower (1977) cita a intuição como fator de grande importância à pessoa criativa. Para ela o processo criativo acontece no campo intuitivo, que abrange toda experiência e conhecimentos adquiridos pelo indivíduo. A intuição constitui um modo de conhecimento por resultar de reflexões inconscientes e conscientes de experiências vividas (Carvalho, 2012), estando relacionada com a sensibilidade aos problemas, o brincar com as ideias, o uso da imaginação e a fantasia (Wechsler, 2008b).

É por meio da intuição que a pessoa criativa também aprecia solucionar problemas ajudando aos outros (Eikleberry, 2010). E essa intuição que está relacionada com a sensibilidade interna e empatia da pessoa criativa acaba por lhe conferir capacidade de liderança frente as pessoas (Wechsler, 2006).

A necessidade de afiliação moderadamente baixa e os fortes valores em torno do autodirecionamento e estimulação também fazem parte dos traços de personalidade da pessoa criativa de acordo com Cornett, Júnior e Nofsinger (2013). Os autores ainda mencionam que estes traços citados estão associados à *imaginação independente* da pessoa criativa. Imaginação; imagem criativa/imagética esta que motivou e continua a motivar avanços nos diferentes campos de conhecimento (Bahia, 2010).

Ao analisar as características e a trajetória de vida de mulheres consideradas eminentes em suas áreas de atuação, Reis (1998) verificou os mesmos traços de personalidade entre elas tais como a motivação, a criatividade, a paciência e a determinação para arriscar-se, embora essas mulheres fossem muito distintas entre si. Também, notou que elas tem maior envolvimento com o processo de trabalho do que com o produto final.

Estudos tem evidenciado que o processo criativo e, principalmente, a incubação tem levado as pessoas criativas a descobertas relevantes (Sio & Rudowicz, 2007). Na fase de interrupção do trabalho de um dado problema durante a incubação é que podem aparecer mais soluções ao problema, ocorrer *insight*, o surgimento de idéias novas e originais por meio de analogias ou ao acaso (serendipidade) (Patrick, 1986).

1.1.3 Mulheres criativas brasileiras

Existiram várias mulheres na história do Brasil que se ressaltaram em sua excelência criativa, no entanto muitas delas não foram alvo de estudo acadêmico mais aprofundado. Foram localizadas algumas dissertações no portal Capes (Capes, 2012) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD, 2012) no período de 2001 a 2012.

Acompanhar o processo de construção das diferentes representações sobre a princesa Isabel (1846-1921), segunda filha do Imperador Pedro II e da Imperatriz Tereza Cristina, que nasceu no Palácio de São Cristóvão, Rio de Janeiro, foi tema da dissertação de Junior (2001). Com o falecimento de seu irmão mais velho, a sucessão do trono recaiu sobre a princesa, o que fez com que as expectativas sobre ela fossem além da figura materna ligada ao domínio privado; era esperada a

imagem de pessoa pública como futura governante e responsável pela continuidade da Monarquia. Ela tinha até quinze horas de estudo por dia entre várias disciplinas, dentre as quais havia: Latim, Grego, Inglês, Francês, Geografia, História Universal, História do Brasil, História Moderna, Filosofia, Mitologia, Astronomia, Botânica, Pintura e Catecismo. Aos 14 anos de idade, prestou juramento à Constituição política do Império diante das Câmaras. Cogitou-se o casamento de Isabel com alguns príncipes, no entanto casou-se com o Conde d'Eu em 1864, a quem conheceu por meio de uma “casualidade” proporcionada por D. Pedro II. Somente após dez anos de casada que ela deu a luz ao primeiro dos três filhos que teve com Conde d'Eu. A Princesa Isabel assumiu a Regência do Brasil, por três vezes, quando o imperador Pedro II se ausentou do país, mesmo havendo críticas que apontavam a fragilidade de sua condição feminina, a sua submissão ao marido e ao seu excesso de religiosidade. Quando substituiu o pai em uma das vezes, assinou a Lei do Ventre Livre em 13 de maio de 1888 (com precedentes no Chile, Colômbia e Portugal) e assinou a Lei Áurea, que proibia a escravidão no Brasil, aliando-se aos movimentos populares e aos partidários da abolição da escravatura. Sua imagem como “Redentora dos escravos” sobreviveu aos governos posteriores ao seu, mesmo com a oposição dos republicanos que tentaram desqualificar o ato heróico da princesa. Após a Proclamação da República em 1889 e para minimizar a associação que era feita entre a princesa e a abolição da escravatura, a princesa e a família real foram expulsas do Brasil, exilando-se em Portugal e depois na França. Em 1921 a Princesa Isabel morreu, após ficar enferma.

Pizoquero (2006), em sua dissertação de mestrado, estudou a trajetória da cineasta, atriz e produtora Gilda de Abreu (1904-1979) que foi uma das pioneiras na realização de filmes no Brasil e na América Latina. O estudo relata que ela foi educada com os requintes da educação européia – aulas particulares, formação abrangente, estudo de línguas estrangeiras e iniciação musical – na cidade do Rio de Janeiro. Sua mãe era cantora lírica e seu pai médico e diplomata, ambos portugueses. Aos 15 anos Gilda começou a interessar-se pelo cinema, criando o hábito de ver e rever filmes. Aos 18 anos, ingressou no Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro e formou-se em canto lírico com medalha de ouro. Iniciou sua carreira artística como cantora lírica em concertos e festas de caridade. Aos 16 anos interpretou músicas importantes da época. Ao receber o primeiro convite para estreiar no teatro, no entanto, seus pais foram contra, pois para aquela época a

carreira artística era relacionada à prostituição. Em 1933 após a morte do seu pai, estreou profissionalmente no Teatro Recreio do Rio de Janeiro. Ela se defrontou com o preconceito nas várias escolhas que fez na vida pessoal, ao não se casar na juventude como era a regra, e na vida profissional, ao optar por ser atriz (considerada como arte popular) que não era esperado à uma mulher da elite social da qual fazia parte (a ópera era a arte reservada à elite). Casou-se com um artista boêmio, pobre e que já tinha um filho de outro relacionamento. O estudo também descreve sua atividade como cineasta nas décadas de 40 e 50, quando dirigiu três longas-metragens e quando dirigiu seu último filme em 1977.

Na dissertação de Lodi-Corrêa (2009) é abordada a vida da educadora Anália Franco, que nasceu na cidade de Resende no Rio de Janeiro em 1853, período imperial em que a sociedade era conservadora, patriarcal e monárquica. Sua mãe era professora, o que era considerado pioneirismo na época, uma vez que era casada. Aos 15 anos auxiliava sua mãe como professora na província de São Paulo. Anália atuou como educadora preocupada com a questão social, o que a levou à posicionamentos políticos num período em que as mulheres tinham pouco espaço na vida pública. Após a Lei do Ventre Livre em 1871, posicionou-se como abolicionista e começou sua atividade sócio-educacional, educando crianças negras abandonadas. Em 1901 criou a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo, que deu origem a creches, escolas noturnas, liceus, oficinas profissionalizantes e asilos na capital e interior paulista. Anália trabalhou incessantemente até sua morte em 1919 em prol dos mais pobres, sobretudo para a mulher trabalhadora, pobre e marginalizada como para suas crianças e órfãos. Além de defender o ensino às mulheres, reivindicou a educação para todas as pessoas, independentemente do nível social, pois ela considerava a educação como prioridade e como sendo um bem pra humanidade.

Relatar de modo breve a história de vida de seis das vinte e oito mulheres pioneiras medalhistas de ouro dos Jogos Olímpicos de Atlanta foi o objetivo de Nascimento (2012). A amostra foi constituída de duas atletas da modalidade de basquete, duas atletas de vôlei e outras duas da modalidade de vôlei de praia. Jacqueline Louise Cruz Silva, carioca, filha de uma dona de casa e de um pai esportista, que havia sido goleiro do Vasco da Gama, além de ser apreciador do vôlei de praia. Aos nove anos pediu à mãe que a levasse numa escolinha de voleibol no Fluminense. Aos dez anos jogou na posição de reserva e após, de defesa da

categoria mirim, destacando-se das demais e sendo um dos fatores que garantiu a vitória ao Flamengo, o que rendeu uma matéria de jornal sobre o feito de uma menina com menos de um metro e meio, que defendeu extraordinariamente um jogo. Aos quatorze anos foi convocada para a seleção brasileira adulta de vôlei de quadra. Recebeu prêmios em alguns torneios, além do prêmio nas Olimpíadas de Los Angeles. Após essa Olimpíadas mudou-se para os Estados Unidos onde se dedicou ao vôlei de praia, tendo profunda gratidão ao seu treinador americano. Nos Jogos Olímpicos de Atlanta conquistou medalha de ouro e foi uma das precursoras do pódio olímpico no vôlei de praia, uma vez que esta modalidade de esporte havia sido inserida neste evento.

Sandra Pires começou a praticar atletismo aos sete anos no colégio e depois vôlei aos onze anos, sendo estimulada por um professor de educação física, que foi decisivo por sua paixão à este último esporte. Ao mudar para Ilha do Governador, ela estendeu a prática de vôlei da escola para clubes de bairro, passando a competir em clubes locais. Ao investir no esporte obteve apoio dos pais, sua mãe, dona de casa, cuidava de sua alimentação e seu pai, provedor da família, comprava os uniformes e tênis. Passou a receber convites de clubes cariocas e um em especial que foi decisivo para que se dedicasse ao vôlei de praia. Em 1993 começou a fazer dupla com Karina e após um ano, com Jacqueline, com a qual aprendeu bastante sobre o vôlei de praia. Nos Jogos Olímpicos de Atlanta ganhou medalha de ouro junto a Jacqueline, conquistando, posteriormente, pódios em outras participações olímpicas.

Outra atleta, Ana Margarida Vieira Álvares, conhecida como Ida, iniciou a jogar vôlei aos dez anos com o incentivo do pai e num ambiente familiar onde a prática de esporte era presente. Quatro anos após sua experiência no Club Athletico Paulistano, foi convocada para a seleção brasileira infante, categoria acima do que lhe era prevista. Aos quinze anos foi convocada para a seleção adulta, mas logo foi cortada, o que a motivou a buscar um perfeccionismo e sobressair-se na parte física com o objetivo de participar de uma Olimpíadas. Participou das Olimpíadas de Los Angeles, sendo a atleta mais nova da equipe. Nas Olimpíadas de Atlanta ganhou a primeira medalha olímpica de vôlei. Em 2002 parou de jogar profissionalmente e atuou como técnica da seleção alagoana juvenil. Também trabalhou por cinco anos na Secretaria de Esportes da cidade de São Paulo.

Catarinense de Blumenau Ana Catarina Moser ou, simplesmente, Ana Moser começou na prática esportiva de modo recreativo aos sete anos de idade. Em sua família alguns tios eram atletas praticantes de vôlei, basquete e atletismo. Iniciou a praticar vôlei aos dez anos com o incentivo de um técnico amigo da família. Aos poucos sua participação foi sendo intensificada em competições locais. Aos quinze anos foi convidada para participar da seleção brasileira infanto e aos dezesseis já estava numa equipe profissional de São Paulo. Durante quinze anos atuou nas várias categorias das seleções brasileiras. Jogou nos Jogos Olímpicos de Seul, Barcelona e Atlanta. Neste último país ganhou medalha de bronze. O quadro crônico de artrose no joelho esquerdo fez com que encerrasse precocemente sua carreira. Após a condição de pós-atleta atuou em várias atividades e, atualmente, coordena um instituto que criou que tem o objetivo de desenvolver a prática esportiva para qualquer tipo de pessoa, independente da condição física.

A ex-jogadora de basquete Hortência nasceu em Potirendaba, interior paulista. Aos dois anos de idade mudou-se para São José do Rio Preto e aos nove, para Santo André, onde começou a praticar vários esportes na escola e fora dela. Ao mudar-se para São Caetano do Sul deu início a prática de basquete, onde passou a jogar com mais frequência primeiramente nas aulas de educação física, após nas competições escolares e nos jogos inter-colegiais. Começou a frequentar aulas na escolinha de basquete, onde as aulas eram ministradas pela jogadora da seleção brasileira de basquete Marlene. Após dois anos da prática do basquete, Hortência foi convocada para integrar a seleção brasileira, já sendo cotada como uma das titulares. No torneio em Vigo, na Espanha a seleção do Brasil conseguiu classificar-se pela primeira vez para os Jogos Olímpicos de Barcelona. Nas Olimpíadas de Atlanta o basquete feminino conquistou título inédito ao vencer das americanas e chinesas na semi-final, ganhando medalha de prata. Este feito ocorreu depois de Hortência ter ficado um tempo fora das quadras devido à gravidez e ao nascimento de seu primeiro filho. Ela já ocupou o cargo de diretora técnica das seleções femininas de basquete e nos dias de hoje atua na Confederação Brasileira de Basquete. Hortência refere que apesar de atuar num espaço predominantemente masculino, sua compatibilidade com as pessoas se estrutura em aspectos para além das diferenças de gênero.

Maria Paula Gonçalves da Silva, conhecida como *Magic Paula* nasceu em Oswaldo Cruz, interior de São Paulo. Durante sua infância foi percebendo sua

admiração pela competitividade dentro e fora do esporte. Ela foi entrando em contato com diferentes modalidades esportivas até integrar-se à equipe juvenil de basquete do time de sua cidade. Ao receber convite para jogar em Assis devido ao seu talento precoce, recebeu todo apoio dos pais. De Assis mudou-se para Jundiaí aos quinze anos de idade e logo em seguida mudou-se para Piracicaba ao ser convocada para seleção brasileira adulta. Nos seus primeiros anos na seleção sentiu falta de profissionais devidamente preparados para guiá-la, o que a fez conseguir muitas vitórias por meio de seus erros. Após quinze anos os frutos de seu trabalho começaram a aparecer. Em 1991 ganhou o título do Pan-Americano em Havana, em 1992 pela primeira vez um time de basquete feminino brasileiro foi classificado para os Jogos Olímpicos, em 1994 conquistou o título do campeonato mundial e, nas Olimpíadas de Atlanta, ganhou medalha de prata. Depois das quadras, Paula trabalhou no Centro Olímpico de Treinamento do Ibirapuera na cidade de São Paulo e após dois anos, no Ministério do Esporte. Ela refere ter sentido muita discriminação machista durante sua carreira, uma vez que o esporte era relacionado à “mulher macho”. Paula, porém, vem notando uma diminuição de preconceito em relação à presença de mulheres em espaços tidos como masculinos.

Seria de grande importância estudar o histórico de vida de mulheres que se destacaram em diferentes setores em nosso país para identificar e compreender suas características criativas e os fatores sociais que colaboraram para suas realizações criativas.

1.2 A MULHER PORTUGUESA

1.2.1 A mulher e o mercado de trabalho em Portugal

Em Portugal a distinção de gênero no trabalho ocorre desde o século XIX com o predomínio do regime patriarcal, onde a mulher era responsável pelas atividades domésticas (a mulher burguesa geria as atividades domésticas realizadas pelos criados e à mulher da classe trabalhadora cabia as competências de limpar, cozinhar, costurar e tratar da roupa), enquanto o homem ocupava-se do trabalho considerado produtivo (Pinto, 2000).

Somente com o início do processo de industrialização as mulheres da classe trabalhadora são introduzidas como mão-de-obra barata nas indústrias têxteis, de tabaco, na agricultura, no comércio, no transporte de mercadorias, dentre outros serviços (Mesquita, 2011). A industrialização e a conseqüente inovação tecnológica repercutiram em uma redefinição das relações entre homens e mulheres e uma imposição de novos padrões de vida e de consumo. Além disso, a instrução feminina ganhou força com os primeiros liceus femininos em Lisboa e Porto no final do século XIX, por volta do final da década de 80, bem como com o ensino técnico profissional (delimitado) voltado às mulheres (De castro, 2000). Entretanto, Araújo (2007) refere que a maioria da população das classes populares continuava analfabeta, sobretudo as mulheres (84,9%).

Na tentativa de alterar o contexto tradicional das mulheres e adquirir maiores direitos civis e políticos, uma pequena elite feminina portuguesa, influenciada por feministas ativistas da Espanha e da França, fundou a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas em 1908 (Esteves, 2001). Foi então, de acordo com o autor, que foi produzido o primeiro texto reivindicatório em prol das mulheres, além do início da publicação de revistas e jornais feministas.

Goellner e Jaeger (2007) afirmam que o direito ao voto somente foi concedido ao sexo feminino, de modo parcial (ao ser condicionado ao estado e à educação), no governo do Estado Novo de Salazar (1933 à 1974), contudo, o mesmo governo ditatorial proibiu qualquer associação de mulheres com tendência feminista. Também durante o chamado Salazarismo foi instituído o princípio da igualdade entre os cidadãos perante a Lei, embora o mesmo ressaltasse as diferenças decorrentes da natureza da mulher e do bem da família por meio da Constituição de 1933.

Consequentemente, foi negada às mulheres a completa igualdade com o sexo oposto, ficando estas num plano secundário na família e na coletividade em geral (Cova & Pinto, 1997).

Ainda conforme os autores acima citados, durante o Estado Novo houve a diminuição do analfabetismo da população e entre os sexos (apesar desta diferença não ser significativa), além do aumento na percentagem (17%) de mulheres no mercado de trabalho, principalmente quando os homens emigraram para a guerra colonial no ano de 1960. Também, após a queda do Salazarismo, com o golpe militar em 25 de abril de 1974, houve um aumento bastante expressivo da taxa de participação feminina na força de trabalho sob a alegação de investimento de capital humano e a necessidade de incremento no rendimento familiar, paralelamente a importantes mudanças que ocorriam na política, economia e na sociedade (Machado, 2003). Tal participação, no entanto, aconteceu predominantemente nos setores de serviços (vestuário, calçado, agro-alimentares, cerâmica e metalomecânica) onde a mão-de-obra era pouco qualificada e recebia baixos salários (Cardoso, 1996).

Nas décadas posteriores verificou-se a tendência do emprego de mulheres no ramo de serviços simultaneamente com a crescente flexibilização nas relações de trabalho, maior redução de vínculos contratuais, maior insegurança de emprego, mais trabalho involuntário em tempo parcial e, por conseguinte, de uma precarização nas condições de trabalho (Ferreira, 2010). Por outro lado, a progressiva atuação da mulher no mercado de trabalho não foi acompanhada por uma maior cooperação do cônjuge nas tarefas domésticas, assim como no cuidado com filhos e idosos (Torres, 2005).

Segundo Perista (2002) as atividades domésticas sempre permaneceram sob a responsabilidade do sexo feminino em Portugal, sendo, portanto, inevitável haver conflito entre o papel que a mulher exerce na família e naquele desempenhado no ambiente de trabalho (Matias & Fontaine, 2012). Lyonette, Crompton e Wall (2007), por exemplo, notaram em estudo com mulheres portuguesas a vivência de altos índices de conflito entre as mesmas em decorrência de longas horas de trabalho doméstico e não doméstico combinadas com preocupações decorrentes da falta de apoio dos parceiros e de redes informais para o acolhimento dos filhos. Assim sendo, um dos maiores desafios às portuguesas é conciliar a carreira profissional com a vida familiar, o que implica em uma mudança de paradigma quanto as

percepções estereotipadas impostas aos papéis sociais de ambos os sexos (Silva, 2011).

Uma das alternativas que vem sendo encontrada por muitas mulheres europeias, inclusive as portuguesas, para escapar dos horários rígidos do emprego formal e obter uma maior flexibilidade para conciliar responsabilidades familiares com as do trabalho parece ser o auto-emprego (Pardo-del-Val & Ribeiro-Soriano, 2007). Este tipo de trabalho segundo os autores vem sendo utilizado pelas mulheres também para que evitem experienciar preconceitos e dificuldades na busca por um emprego adequado à sua preparação, necessidades e expectativas.

O cenário descrito acima está relacionado à falta de políticas públicas de serviços de cuidado aos dependentes da família, bem como o pouco investimento público na família de acordo com Coelho (2010). Apesar disso, desde a instauração da democracia em 25 de abril de 1974 uma série de decretos-leis foram estabelecidos com a finalidade de promover a igualdade de oportunidades entre mulheres e homens (Marcelino, 2009). São alguns deles:

“- **25 de Abril de 1976** – Entrada em vigor da Constituição da República Portuguesa (Decreto de aprovação de 10 de Abril de 1976), que estabelece a igualdade entre homens e mulheres em todos os domínios, nomeadamente, assegurando:

– A igualdade de oportunidades na escolha da profissão ou género de trabalho e condições para que não seja vedado ou limitado, em função do sexo, o acesso a quaisquer cargos, trabalho ou categorias profissionais alínea *c*) do artigo 52.º;

– A retribuição do trabalho, segundo a quantidade, natureza e qualidade, observando-se o princípio de que para trabalho igual salário igual, de forma a garantir uma existência condigna alínea *a*) do artigo 53.º;

– A organização do trabalho em condições socialmente dignificantes, de forma a facultar a realização pessoal alínea *b*) do artigo 53.º;

– A especial protecção do trabalho das mulheres durante a gravidez e após o parto, bem como do trabalho dos menores, dos diminuídos e dos que desempenhem actividades particularmente violentas ou em condições insalubres, tóxicas ou perigosas alínea *c*) do artigo 54.º;

- O desenvolvimento de uma rede nacional de assistência materno-infantil e a realização de uma política de terceira idade alínea *b*) do artigo 67.º;
- O reconhecimento da maternidade como valor social eminente, protegendo a mãe nas exigências específicas da sua insubstituível acção quanto à educação dos filhos e garantindo a sua realização profissional e a sua participação na vida cívica do país (n.º 1 do artigo 68.º);
- O direito das mulheres trabalhadoras a um período de dispensa do trabalho, antes e depois do parto, sem perda da retribuição e de quaisquer regalias (n.º 2 do artigo 68.º).

- **21 de Agosto de 2006** – Lei Orgânica n.º 3/2006, que aprova a Lei da paridade: estabelece que as listas para a Assembleia da República, para o Parlamento Europeu e para as autarquias locais são compostas de modo a assegurar a representação mínima de 33% de cada um dos sexos” (p.7).

A Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE, 2013) divulgou recentemente relatório sobre a situação entre os géneros no trabalho e no emprego no ano de 2012 em Portugal. Os dados são descritos a seguir.

A taxa de emprego foi de 61,8%. Destes, 58,7% eram de mulheres e 64,9% de homens empregados, ocorrendo uma diminuição na diferença entre os sexos de 7,7 pontos percentuais entre os anos de 2011 a 2012. Por sua vez, a maioria da população empregada possuía até o 3º ano do ensino fundamental (64,1% de homens e 52,2% de mulheres) e aqueles com nível de ensino médio e superior sendo composto por uma quantidade maior do sexo feminino (25,1% de mulheres contra 16,1% de homens com nível superior e 22,7% do sexo feminino contra 19,8% do masculino com ensino médio).

Quanto ao aumento das formações escolares das mulheres, verificou-se ainda não refletirem nas profissões exercidas por elas, pois elas eram maioria no grupo de trabalhadores não qualificados (72,2%). Contudo, houve predominância das mulheres também no grupo de trabalhadores da área administrativa (63%), no grupo de trabalhadores de serviços pessoais, de vendedores, de proteção e segurança (63,5%), no grupo de trabalhadores de especialistas em atividades intelectuais e científicas (58,4%).

No que refere ao desemprego no ano de 2012, houve um aumento de 21,8% em relação a 2011, ocorrendo crescimento superior entre os homens (24,0%) do que

entre as mulheres (19,4%). Além disso, a incidência do desemprego foi mais expressiva entre a população masculina jovem com idades entre 15 e 25 anos (52,2%) e com níveis escolares mais baixos (até o 3º ano do ensino fundamental) do que entre as jovens (47,9%), embora aquelas com níveis médio e superior tenham sido as mais atingidas.

Levando em consideração a área profissional dos desempregados, as mulheres do ramo de serviços (83,9%) foram as mais atingidas, seguidas por aquelas do setor de vendas, demonstrações e manequins (78,0%) e do pessoal dos serviços de proteção e segurança (77,7%). Quanto aos homens, os mais atingidos foram aqueles advindos do setor secundário – operários e trabalhadores das indústrias extrativas e de construção civil (99,0%) e os trabalhadores da metalurgia, metalomecânica e similares (97,7%).

A diferença salarial entre os sexos foi diretamente proporcional aos níveis de qualificação. Assim sendo, nos quadros superiores as mulheres ganharam cerca de 72,2% do rendimento recebido pelos homens, enquanto nos níveis de qualificação mais baixos o sexo feminino ganhou em média 95,0% do rendimento recebido pelo sexo oposto.

Sobre o trabalho não pago (tarefas domésticas, prestação de cuidados à crianças e prestação de cuidados à familiares idosos/as ou com deficiência) as mulheres gastaram mais tempo – 16 horas semanais a mais do que os homens. Por semana elas despenderam cerca de 25 horas e 24 minutos e os homens gastaram cerca de 9 horas e 24 minutos.

Quanto às queixas que foram recebidas e tratadas pelo CITE houve predomínio daquelas referentes às condições de trabalho (N= 20), seguidas por assédio moral (N= 6), discriminação de acesso ao emprego (N= 4), assédio sexual (N= 2), desigualdade salarial (N= 1), assédio sexual e moral (N= 1).

A promoção da igualdade entre os gêneros vem sendo um dos objetivos estratégicos adotados pelas autoridades portuguesas juntamente à Comissão Europeia para o desenvolvimento de Portugal. Desse modo, intervenções no âmbito do emprego público e privado, da educação e formação como, por exemplo, o apoio ao empreendedorismo, associativismo e a criação de redes empresariais de atividades econômicas geridas por mulheres estão sendo estabelecidas.

1.3 CRIATIVIDADE E ESTILOS DE CRIAR

1.3.1 Criatividade

Criatividade é um constructo complexo que vem sendo discutido nas últimas décadas graças aos esforços pioneiros de Guilford e Torrance. Para Guilford (1950) a criatividade, num sentido restrito, refere-se às habilidades mais presentes nas pessoas criativas. Logo, empenhou-se em estudos que procurassem colaborar na identificação e no desenvolvimento de personalidades criativas. Torrance, por sua vez, concebe a criatividade como um fenômeno possível de ser identificado e desenvolvido em todas as pessoas, uma vez que a explicou como:

“O processo de tornar-se sensível a problemas, deficiências, lacunas, elementos ausentes ou desarmonias na informação; identificar as dificuldades; procurar soluções fazendo adivinhações ou formulando hipóteses sobre as deficiências; testar e retestar estas hipóteses, possivelmente modificá-las e retestá-las novamente; e finalmente comunicar os resultados encontrados” (Wechsler, 2004, p.1).

Ambos autores (Guilford e Torrance), porém, enfatizaram o pensamento divergente como base da criatividade e desenvolveram testes focados na avaliação deste tipo de pensamento de acordo com Sternberg (2006).

Diversas outras definições sobre criatividade são encontradas na literatura, entretanto, há um consenso entre os estudiosos do tema de que se trata de um fenômeno com várias facetas e proveniente de diversas fontes – cognitiva, emocional, social, irracional e interpessoal (Wechsler, 2008b). Assim sendo, a criatividade pode ser entendida como sendo resultado de uma inter-relação entre processos cognitivos, características de personalidade e elementos ambientais, compreendidos de forma mais ampla, como abrangendo aspectos educacionais, sociais e culturais, segundo a autora. Sakamoto (2000), por exemplo, refere a criatividade como expressão integradora da atividade humana, com a ação mútua do indivíduo com o processo, o ambiente e o produto.

Para Gardner (1996) a criatividade passa pela inter-relação entre várias dimensões e não somente na idéia, na habilidade, no processo ou no domínio de

sua prática. Desse modo, o indivíduo só pode ser criativo dentro de um contexto e sua expressão criativa demonstrada por meio de disciplinas ou áreas específicas de conhecimento. Csikszentmihalyi (1997) também considera a criatividade como resultado da interação do indivíduo com o contexto sociocultural, num processo sistêmico (e não como um fenômeno individual), onde a pessoa que cria também interage com o campo social para a produção final do processo de criação.

A criatividade é um dos aspectos do modelo dos três anéis proposto por Renzulli (2005) para explicar o talento. Neste modelo a criatividade interage com as habilidades acima da média e o comprometimento com a tarefa. Foi neste modelo que Reis (2005) baseou-se para criar o modelo de realização do talento feminino.

No modelo sugerido por Reis (2005) há quatro fatores que inter-relacionam entre si. São eles: a habilidade (equivalente a habilidade acima da média de Renzulli), a personalidade (criatividade, motivação, determinação, paciência, coragem, sensação de prazer pelo trabalho), o ambiente (suporte afetivo e emocional positivo na família e/ou no trabalho) e a percepção pessoal (consciência do próprio talento e de sua importância à sociedade).

Assim como a conceituação da criatividade, sua avaliação também é causa de polêmica e discussões entre aqueles que se dedicam ao seu estudo (Wechsler, 1999). Desde as décadas de sessenta e setenta há críticas sobre os instrumentos de medida do constructo, bem como suas características de fidedignidade e validade (Morais & Azevedo, 2009). Estas autoras mencionam dentre as críticas, a diversidade de resultados e valores insatisfatórios de alguns instrumentos e a falta de avaliação de domínios criativos que não sejam da área verbal e figural. Por outro lado, elas abordam resultados promissores da psicométrica da criatividade, tais como correlações significativas frente a realizações criativas e a existência de índices razoáveis de consistência interna em alguns testes.

No estudo de Rad, Karimi, Ramezani, Ahmadi, Heshmati e Jafard (2010) que tinha o intuito de examinar a normalização, a validade e a confiabilidade do Teste de Pensamento Criativo Figural de Torrance com o Teste de Criatividade de Abedi, os resultados mostraram-se favoráveis. O teste-reteste do instrumento de Torrance foi aceitável e o Coeficiente de Alfa das características Fluência, Flexibilidade, Originalidade e Elaboração foram considerados bons. A análise dos dados evidenciou relação significativa entre os fatores Fluência e Flexibilidade do Teste de

Pensamento Criativo Figural de Torrance e o Teste de Criatividade de Abedi, exceto para a característica Elaboração.

Em outro estudo Wang (2012) investigou se a prática extensiva da leitura ou escrita está relacionada ao elevado desempenho criativo. A amostra foi de 196 estudantes de uma universidade de Taiwan, na China. Os instrumentos utilizados foram a versão curta do Teste de Pensamento Criativo de Torrance e um questionário envolvendo perguntas sobre as atitudes dos indivíduos em relação a leitura e escrita, estimativa de horas gastas por eles em atividades de leitura e atividades de escrita e informações sobre experiências prévias relacionadas ao tema. O questionário também pesquisou sobre dados demográficas e sobre os cursos realizados no ano letivo corrente. Concluiu-se que os resultados em criatividade, especialmente aqueles referentes a característica Elaboração, são significativamente correlacionadas com atitudes de leitura e escrita, bem com a quantidade de tempo gasto com a leitura e escrita.

No Brasil, Nakano e Wechsler (2007) procuraram identificar as características da produção científica brasileira em criatividade por meio de revisão de dissertações, teses e publicações periódicas das bases de dados eletrônicas da CAPES e Index-Psi dos anos de 1984 a 2006. Constatou-se a existência de 104 teses e dissertações e 95 artigos científicos. Ambas as bases apresentaram predominância de estudos teóricos, utilização de métodos quantitativos (testes e escalas) nas publicações periódicas e de métodos qualitativos nas teses (entrevistas e questionários). O tipo de amostra mais utilizada no estudo da criatividade foram adultos e adolescentes. As autoras concluíram que os pesquisadores brasileiros têm grande interesse pelo tema da criatividade, sobretudo na área educacional. No entanto, há falta de estudos na área da saúde, na área organizacional e em outras áreas.

Quanto ao desenvolvimento da criatividade, depende de vários fatores. Alencar e Fleith (2003c), Alencar (1995a, 1995b) e Wechsler (2008a) citam as barreiras culturais, tais como: punição ou exclusão daquele que é contrário a norma, valorização da lógica e negação da intuição, orientação para a estabilidade, preferência por costumes ao invés de mudanças, receio do ridículo, expectativas quanto ao papel sexual característico. No contexto de trabalho Bruno-Faria e Alencar (1996, 1998), Hunter, Bedell e Mumford (2007) mencionam como barreiras o excesso de serviços, a falta de tempo, a não abertura às idéias novas, o clima e a cultura da organização.

As barreiras perceptuais e emocionais também interferem na criatividade. São barreiras perceptuais: a rigidez de pensamento, a busca por soluções rápidas e imediatas, a falta de habilidade de perceber problemas sob um novo ângulo, a dificuldade em suspender críticas e julgamentos, a dificuldade de perceber problemas. Já entre as barreiras emocionais, estão: medo de fracasso, medo de brincar, evitação de obstáculos, imaginação escassa, receio do desconhecido, receio de perder o controle, falta de percepção dos próprios recursos (Wechsler, 2008a). Amabile (1998), Sternberg, O'Hara e Lubart (1997), Zhou, Hirst e Shipton (2012) ressaltam os fatores internos ao indivíduo como a experiência pessoal, o conhecimento, a motivação, os estilos de pensar, as habilidades intelectuais e a personalidade.

Embora a realização criativa dependa dos fatores acima citados, Piirto (2011) destaca a necessidade de se desenvolver a criatividade, pois ela é uma das habilidades mais solicitadas aos indivíduos no século XXI. A criatividade é condição essencial para que exista inovação, pois permite que conhecimentos em áreas específicas sejam utilizados de forma incomum, rompendo paradigmas e trazendo impacto econômico e social para um determinado setor ou campo de ação (Wechsler, 2011). Assim sendo, esforços favoráveis à criatividade têm ocorrido em alguns países e organizações (Cooke & Lazzeretti, 2008; Runco, 2007).

1.3.2 Estilos de Criar

Por estilos de criar compreendem-se os modos preferenciais de pensar e se comportar dos sujeitos criativos diante de situações específicas (Wechsler, 1999). As percepções que o indivíduo tem do ambiente externo podem provocar fortes efeitos sob suas soluções de problemas e realizações criativas (Hunter, Bedell & Mumford, 2007). Portanto, avaliar os estilos de pensar e criar dos indivíduos nos possibilita obter informações sobre o potencial de criar e inovar destes em diversos campos de atuação, além de possibilitar maiores oportunidades para a expressão e o desenvolvimento de sua criatividade (Wechsler, 2008b). Assim sendo, a compreensão dos estilos de pensar e criar de mulheres eminentemente criativas pode nos dar importantes dados sobre a atuação e as formas de criar dessas mulheres.

Para entender o funcionamento do indivíduo criativo e as diferentes formas de expressão da criatividade, surgiu na década de 1970 os primeiros estudos sobre os estilos de criar (Wechsler, 1999). Gowan (1979), por exemplo, investigou as funções cerebrais e concluiu que o hemisfério direito funciona simultaneamente e holisticamente, de modo não linear, sendo responsável por uma diversidade de variáveis e diferentes tipos de informação como o aspecto emocional, não verbal, espacial e estético. O hemisfério esquerdo, por sua vez, é responsável pelo processamento lógico, seqüencial, verbal, analítico, temporal e digital.

Torrance (1982) também conduziu pesquisa interdisciplinar que reconheceu a importância dos tipos de processamento de informação produzidos pelo hemisfério esquerdo e direito. Ele verificou que a integração entre os dois hemisférios é essencial ao pensamento criativo, embora o lado direito do cérebro tende a ser significativamente relacionado com o pensamento de estilo criativo.

Para Kirton (1994) os estilos de criar são “preferências cognitivas consistentes e estáveis que se manifestam em qualquer situação envolvendo criatividade, solução de problemas e tomada de decisão” (p.37). Ele criou a Teoria Adaptador – Inovador, baseando-se em estudo feito em instituições acerca da gerência da iniciativa, com o objetivo de investigar o desenvolvimento e a implementação das idéias que obtiveram sucesso nas empresas. De acordo com essa teoria os indivíduos adaptadores são descritos pela precisão, confiança, prudência, conformidade, disciplina, detalhismo, eficiência, optam por soluções conhecidas e acatam normas grupais ao usarem a criatividade. Enquanto os indivíduos inovadores são percebidos como contestadores, indisciplinados, pensadores, criadores, visionários, gostam de arriscar-se com idéias diferentes e tendem a ignorar hábitos e padrões.

Além da teoria, Kirton (1976, 1994) também criou um instrumento denominado Kirton Adaptation-Innovation Inventory (KAI) que avalia os estilos criativos adaptador e inovador. Este instrumento apresenta baixas correlações com os testes de QI e com as medidas de criatividade, sendo amplamente utilizado nos dias atuais. Wittich e Antonakis (2011), por exemplo, utilizaram o KAI em 213 bacharéis de administração e economia, inscritos em um curso de comportamento organizacional. 37,61% eram do gênero feminino e a média de idade era de 20,89 anos. Foram feitos dois estudos com o intuito de verificar a predição da pontuação do KAI para as dimensões de personalidade “*big five*” e se o resultado do KAI predizia comportamento de liderança quando a habilidade e a personalidade eram

controladas. Foi constatado que o KAI previu gênero e personalidade ($R=0,82$), mas não previu a variância na liderança quando controlada por preditores estabelecidos.

Outro modelo teórico sobre estilos de criar é o *Creatix* de Byrd (Byrd, 1986), que combina diferentes dimensões das pessoas criativas relacionadas com os eixos de pensamento e sentimentos. Ele também é representado por dois eixos principais – motivação para a criatividade e comportamento de risco – e oito estilos – copiador, sonhador, prático, modificador, crítico, planejador, sintetizador e inovador. O indivíduo copiador tem baixa motivação para a criatividade e baixo comportamento de risco; o sonhador tem baixo comportamento de risco e alta motivação para a criatividade; o planejador tem motivação moderada para a criatividade e mais propenso à desafios e riscos; o modificador aceita comportamentos de riscos e tem pouca motivação para a criatividade; o prático, assume moderada quantidade de riscos e tende mais a colocar idéia em prática do que criar; o crítico assume um grau de risco sem motivação para produzir idéias próprias; o inovador tem alta motivação para criar e alto comportamento de risco.

Stenberg (1997) é outro estudioso da criatividade e de estilos, que divide os estilos de pensar em termos de Funções, Formas, Níveis, Escopo e Propensões. As Funções envolvem os estilos Legislativo (indivíduos que apreciam criar as próprias regras), os estilos Judicial (caracteriza aqueles que gostam de averiguar regras e procedimentos) e os estilos Executivo (pessoas que gostam de seguir regras e utilizam formas existentes para resolver uma situação).

Nas Formas denominadas de Auto-governo da Mente, encontram-se os estilos: Monárquico (pessoas que focam uma tarefa até terminá-la para iniciar outra), Hierárquico (aqueles que tendem a ser metódicos ao abordarem os problemas, mesmo tendo vários objetivos priorizados de maneiras diferentes), Oligárquico (refere a indivíduos com objetivos variados num mesmo período de tempo) e Anárquico (pessoas que tratam os problemas ao acaso, além de não gostar de se prender a regras). Quanto aos Níveis, subdividem-se em Global e Local. O estilo Global envolve indivíduos que gostam de utilizar pensamento mais abstrato em tarefas de natureza mais geral, enquanto o estilo Local refere aqueles que gostam de tarefas que exigem um envolvimento mais específico e precisão na execução. Sobre o Escopo, subdivide-se em Interno, que descreve pessoas que preferem o trabalho individual e, Independente, relacionado a pessoas que gostam de trabalhar em grupos. Já as Propensões agrupam os estilos Conservador e Liberal. No estilo

Conservador os indivíduos preferem seguir tradições, ao passo que no estilo Liberal os indivíduos gostam de ultrapassar as regras, admitindo mudanças no modo como as coisas são habitualmente feitas.

Matud, Rodríguez e Grande (2007) analisaram a relevância dos fatores sócio-demográficos sob as diferenças de gênero no pensamento criativo. Uma amostra da população geral de 466 mulheres adultas e 273 homens, moradores das Ilhas Canárias foram avaliadas com os Testes de Pensamento Figural e Verbal de Torrance. As mulheres com nível educacional universitário pontuaram mais do que aquelas com nível educacional primário ou secundário em todas as características. Não foram encontradas diferenças entre os homens com diferentes níveis educacionais. O gênero masculino com níveis educacionais primários ou secundários obtiveram maiores pontuações do que as mulheres com mesmo nível educacional na característica Originalidade Figural e nos Índices da Criatividade Figural. As mulheres com nível universitário obtiveram maiores pontuações do que os homens com mesmo nível educacional para o Teste Verbal.

Com a falta de instrumentos adaptados à nossa realidade que avaliam os estilos de criar, Wechsler (1999, 2006) desenvolveu uma escala chamada “Escala de Estilos de Pensar e Criar”, aprovada pelo Conselho Federal de Psicologia. Esta escala é composta por 100 itens, com frases positivas e negativas, que devem ser respondidas no formato Likert com 6 pontos (discordo totalmente, discordo, discordo parcialmente, concordo parcialmente, concordo, concordo totalmente).

A validade da estrutura interna da escala de Wechsler foi observada através da análise fatorial com 1.752 indivíduos, que apontou a existência de cinco estilos de pensar e criar, explicando 36% da variância. A composição destes estilos foi a seguinte: 1) Estilo Cauteloso-Reflexivo característico de indivíduos que preferem a prudência, reflexão e ordem; 2) Estilo Inconformista-Transformador que caracteriza aquele que questiona regras de pensar e agir, além de gostar de resolver problemas de modo incomum; 3) Estilo Lógico-Objetivo que se caracteriza pelo pensamento lógico, racional e pragmático; opta por situações práticas e evita qualquer grau de improvisação; 4) Estilo Emocional-Intuitivo que caracteriza-se pela pessoa que tem influência das emoções e das intuições em suas ações; 5) Estilo Relacional-Divergente que descreve a pessoa flexível que procura obter vários pontos de vista antes de tomar decisões. Também tem facilidade para liderar grupos, pois tende atender as opiniões de seus membros.

Wechsler (1999, 2006) constatou que qualquer um dos cinco estilos ou mais de um estilo pode estar presente na pessoa criativa, embora as características do Estilo Cauteloso Reflexivo não sejam relacionadas à pessoa criativa na literatura. Além disso, ela notou que as características do Estilo Lógico-Objetivo podem estar presentes na fase de convergência do pensamento no processo criativo. A validade da Escala de Estilos de Pensar e Criar por critério externo foi feita comparando-se os resultados de 128 indivíduos que tinham recebidos premiações com os cinco estilos definidos, demonstrando correlações significativas entre estilos e produção criativa. Também foi observado que os estilos criativos podiam distinguir pessoas que tiveram a criatividade reconhecida por meio de prêmios recebidos daqueles indivíduos que não obtiveram nenhuma premiação. A precisão da escala variou de 0,60 a 0,90, pelo coeficiente Alpha, sendo mais alta para os três primeiros estilos.

Um estudo recente analisou a dimensionalidade dos estilos de criar e outro verificou a sua validade externa (Wechsler, Vendramini & Oaklan, 2012). 1.752 brasileiros participaram do primeiro estudo (55% mulheres) e 128 no segundo estudo (53% mulheres), entre os quais 45% haviam demonstrado talento criativo. Os instrumentos foram uma escala de estilos de pensar e criar e os testes verbal e figural de Torrance. Para análise de itens foi utilizado o modelo de Rasch e como resultado dois estilos foram identificados: Cauteloso-Reflexivo e Inconformista-Inovador. Regressão linear para prever realizações criativas reconhecidas indicou contribuições significativas do índice verbal de criatividade e do estilo Inconformista-Inovador. Estilos foram identificados como tendo validade preditiva e construtiva para criatividade.

Garcês (2011), em sua dissertação de mestrado, objetivou a adaptação da Escala de Estilos de Pensar e Criar de Wechsler (2006) para a população adulta portuguesa da Ilha da Madeira. Participaram do estudo 331 indivíduos, sendo 58,1% do gênero feminino. A versão final desta escala foi composta por 49 itens com alpha de Cronbach de 0,91. A análise fatorial demonstrou a existência de cinco fatores: inconformista/transformador, emocional/intuitivo, relacional divergente, independência de julgamento e lógico/objectivo, com índices de confiabilidade que variam entre 0,59 e 0,85. Foram verificadas diferenças significativas na faixa etária, com indivíduos com mais de 25 anos apresentando médias superiores em todos os fatores do que aqueles com idades entre os 17 e 24 anos. Os indivíduos com licenciatura e pós-licenciatura revelaram médias superiores nos fatores

inconformista/transformador e lógico/objetivo do que aqueles com o ensino secundário e profissionais (não identificados). De modo geral, a versão final da escala apresentou bons índices de validade.

A influência do gênero na expressão dos estilos criativo também tem sido investigada no Brasil. No estudo de Homsí (2006), por exemplo, com estudantes universitários, houve maior preponderância do estilo Cauteloso-Reflexivo para o gênero feminino. Já no estudo de Nakano, Santos, Wechsler, Martins e Zavarize (2010), também com estudantes universitários, os homens se destacaram mais no estilo Relacional Divergente, embora não tenha havido diferenças significativas entre áreas de formação. Influências na interação da faixa etária com gênero podem influenciar a expressão dos estilos, como observado na pesquisa de Wechsler (2009), pois mulheres na faixa de 17-24 anos tendiam a apresentar um estilo mais lógico do que os homens, ao passo que estes tendiam a ter um estilo mais cauteloso do que as mulheres nesta mesma idade, existindo também mudanças nos estilos em faixas etárias posteriores.

Em ambientes organizacionais, os estilos têm sido estudados quanto ao seu impacto nas gerências, liderança, ou tipo de função exercida. No estudo de revisão de quarenta anos da literatura internacional sobre estilos nas organizações, Armstrong, Cools e Sadler-Smith (2011), notaram que existia uma tendência entre os gerentes seniores a ser mais intuitivos e menos analíticos do que os gerentes de nível pleno ou inferior. Em outro estudo brasileiro (Mundim & Wechsler, 2007) constatou-se que os gerentes de grandes empresas demonstraram ter estilos de criar mais ousados e inconformistas, além de utilizarem mais a intuição do que seus subordinados, sendo esta última característica mais predominante entre as mulheres. Já no estudo de Martins (2009) com gerentes e subgerentes de micro e pequenas empresas foi verificado que tanto os gerentes quanto os subgerentes de ambos os gêneros apresentaram maior predomínio do estilo de pensar lógico-objetivo. De modo semelhante, em pesquisas com profissionais que exerciam diferentes funções em uma indústria farmacêutica na região do Nordeste (Nakano, Campos, Silva & Pereira, 2011) também foi observado que o estilo Lógico-Objetivo prevaleceu entre aqueles que trabalhavam na área fiscal e aqueles que atuavam na área de vendas.

Mundim, Wechsler e Martins (2012) pesquisaram os estilos de pensar e criar em gerentes considerando seu gênero, idade e tipo de empresa que trabalham. A

amostra foi composta por 38 gerentes (23 homens e 15 mulheres), com idades variando de 30 a 53 anos, trabalhando em nove pequenas empresas do setor de serviços e de uma indústria de isolantes da Região Metropolitana de Campinas. Os gerentes foram contatados pelo setor de Recursos Humanos das respectivas empresas e convidados para participar no estudo. Como instrumento de pesquisa foi utilizado a Escala Estilos de Pensar e Criar. A Análise de Variância Univariada indicou diferença significativa ($p \leq 0,05$) entre os gêneros somente para o Estilo Relacional-Divergente. Concluiu-se que as mulheres gerentes tendem a ouvir mais as idéias do grupo antes de tomar decisões, possuindo melhores habilidades para relacionar-se com os subordinados, apresentando, portanto, um estilo criativo mais eficaz para exercer liderança.

Embora o ambiente e a cultura possam influenciar a criatividade favorecendo-a ou destruindo-a, haja visto as pressões e expectativas sociais quanto a conformidade às normas culturais vigentes (Amabile, 1998; Menchén Bellón, 2003; Ogbonna & Harris, 2002), Wechsler (2008a) salienta que as pessoas criativas buscam a autorrealização criativa, sem levar em conta a pressão social. Essa autorrealização criativa é explicada por meio de um modelo desenvolvido pela autora (Wechsler, 1999), no qual os estilos de criar encontrariam-se na convergência de dois agrupamentos maiores - as características de personalidade e as habilidades cognitivas - situadas numa esfera maior que equivale ao ambiente. Quando essas três esferas se inter-relacionam de modo harmônico, o indivíduo criativo se realiza criativamente.

Para Mumford, Medeiros e Partlow (2012) há necessidade de mais pesquisas sobre os estilos de pensar que investiguem, por exemplo, de que modo a execução do processo criativo é avaliado como eficaz, como ocorrem os erros no processo criativo, de que modo as estruturas de conhecimento são integradas e que tipos de conhecimento são considerados úteis para as pessoas criativas.

CAPÍTULO 2 - O PROBLEMA DE PESQUISA

OBJETIVOS

Geral

Investigar os estilos de pensar e criar e os fatores ambientais e psicológicos que influenciam a produção criativa de mulheres excelentes criativas brasileiras e portuguesas em diferentes áreas.

Específicos

- 1) Comparar se existem diferenças significativas nos estilos de pensar e criar entre as mulheres excelentes criativas e não excelentes criativas do Brasil e de Portugal;
- 2) Verificar se existem diferenças significativas em dimensões biográficas entre mulheres excelentes criativas e não excelentes criativas do Brasil e de Portugal;
- 3) Verificar se existem diferenças no histórico de vida e no processo criativo de mulheres excelentes criativas brasileiras e portuguesas.

HIPÓTESES

- 1) Existem diferenças significativas nos estilos de pensar e criar entre as mulheres excelentes criativas e não excelentes criativas do Brasil e de Portugal;
- 2) Existem diferenças significativas em dimensões biográficas entre mulheres excelentes criativas e não excelentes criativas do Brasil e de Portugal;
- 3) Existem diferenças significativas no histórico de vida e no processo criativo de mulheres excelentes criativas brasileiras e portuguesas.

CAPÍTULO 3 - MÉTODO

Participantes

A amostra foi constituída por 35 mulheres, sendo 20 delas consideradas excelentes criativas (11 brasileiras e 9 portuguesas) e 15 como não excelentes em criatividade até o momento (9 brasileiras e 6 portuguesas) provenientes de diferentes áreas de atuação. Duas portuguesas premiadas participaram apenas da entrevista, não respondendo os outros instrumentos da pesquisa, o que impossibilitou a coleta dos dados demográficos das mesmas. Portanto, para a caracterização da amostra de portuguesas premiadas serão consideradas somente 7 mulheres.

O critério de inclusão para as mulheres excelentes criativas foi o de ter sua produção reconhecida socialmente por meio de pelo menos uma premiação e/ou distinção em seus campos de atuação em nível local, estadual, nacional ou internacional. Quanto aquelas sem premiações ou honras procurou-se utilizar, como critério de inclusão, o mesmo tempo de experiência profissional daquelas consideradas criativas, além de possuir domínio em áreas correspondentes das criativas.

Todas as brasileiras premiadas e não premiadas pertencem a região Sudeste do Brasil. Quanto as portuguesas premiadas e não premiadas são oriundas das regiões Norte, Centro-Oeste e Sul de Portugal.

Também houve a participação de colaboradoras – de uma Professora Doutora e pesquisadora da Universidade do Minho que coorientou este estudo em Portugal e de dois juízes, alunas de pós-graduação da PUC-Campinas com nível de mestrado.

As características referentes às mulheres excelentes criativas/premiadas e não premiadas de cada país são descritos a seguir.

Tabela 1 – Faixa etária das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas

Faixa etária	Brasileiras				Portuguesas			
	Premiadas		Não premiadas		Premiadas		Não premiadas	
	F	%	F	%	F	%	F	%
28 - 39	1	9,09	2	22,22	3	42,85	0	0
40 - 49	3	27,27	2	22,22	0	0	3	50,00
50 - 59	7	63,63	4	44,44	2	28,57	2	33,33
60 -74	0	0	1	11,11	2	28,57	1	16,66
Total	11	100	9	100	7	100	6	100

Observa-se na Tabela 1 que a faixa etária das participantes variou entre 28 e 74 anos de idade, sendo que a concentração maior se situou entre 50 e 59 anos (63,63%) para as brasileiras premiadas e entre 28 e 39 anos (42,85%) para as portuguesas premiadas. Já para as brasileiras não premiadas prevaleceu a faixa etária entre 50 e 59 anos (44,44%) e para as portuguesas não premiadas a faixa etária entre 40 e 49 anos (50%).

A média de idade das brasileiras premiadas e não premiadas foi de 49 anos. As portuguesas premiadas tinham média de idade de 50 anos, enquanto a média de idade das não premiadas foi de 52 anos.

O estado civil das participantes bem como a quantidade de filhos que elas possuem podem ser vistos nas Tabelas 2 e 3.

Tabela 2 – Estado civil das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas

Estado civil	Brasileiras				Portuguesas			
	Premiadas		Não premiadas		Premiadas		Não premiadas	
	F	%	F	%	F	%	F	%
solteira	3	27,27	2	22,22	2	28,57	1	16,66
separada	1	9,09	0	0	0	0	0	0
divorciada	0	0	0	0	1	14,28	2	33,33
casada/ união estável	6	54,54	7	77,77	3	42,85	3	50,00
viúva	1	9,09	0	0	1	14,28	0	0
Total	11	100	9	100	7	100	6	100

Como nota-se na Tabela 2 houve prevalência das participantes casadas entre as premiadas e não premiadas em ambos países. A porcentagem de brasileiras premiadas casadas foi de 54,54% e de não premiadas, 77,77%, enquanto de portuguesas premiadas casadas foi de 42,85% e de não premiadas, 50%.

Tabela 3 – Quantidade de filhos das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas

Nº de filhos	Brasileiras				Portuguesas			
	Premiadas		Não premiadas		Premiadas		Não premiadas	
	F	%	F	%	F	%	F	%
1 filho(a)	2	18,18	1	11,11	1	14,28	0	0
2 filhos(as)	4	36,36	3	33,33	3	42,85	3	50,00
3 filhos(as)	2	18,18	1	11,11	1	14,28	2	33,33
4 filhos(as)	0	0	1	11,11	0	0	0	0
Sem filhos	3	27,27	3	33,33	2	28,57	1	16,66
Total	11	100	9	100	7	100	6	100

A quantidade de descendentes que predominou entre as participantes premiadas e não premiadas dos países foi de dois filhos. Para as brasileiras não premiadas, no entanto, sobressaiu-se tanto a quantidade de dois filhos (33,33%) quanto a ausência de filhos (33,33%) como apresentado na Tabela 3.

Quanto ao grau de parentesco das participantes para com as pessoas que moram na mesma residência é mostrado na Tabela 4. Houve prevalência para o grau de mãe e esposa tanto para as brasileiras premiadas (50%) quanto para as não premiadas (44,44%). Para as portuguesas premiadas houve maior concentração para nenhum grau de parentesco (33,33%), enquanto para as portuguesas não premiadas houve equivalência nas porcentagens para o grau de mãe (25%), esposa (25%), mãe e esposa (25%), mãe, esposa e filha (25%). Não foram incluídas nesta Tabela as participantes que moram sozinhas – 3 brasileiras premiadas, 1 brasileira não premiada, 1 portuguesa premiada e 2 portuguesas não premiadas.

Tabela 4 – Grau de parentesco com pessoas que residem na mesma casa das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas

Grau de parentesco das participantes	Brasileiras				Portuguesas			
	Premiadas		Não premiadas		Premiadas		Não premiadas	
	F	%	F	%	F	%	F	%
mãe	1	12,50	0	0	1	16,66	1	25,00
esposa	2	25,00	3	33,33	1	16,66	1	25,00
mãe e esposa	4	50,00	4	44,44	1	16,66	1	25,00
mãe e filha	0	0	1	11,11	0	0	0	0
mãe, esposa e filha	0	0	0	0	1	16,66	1	25,00
avó	1	12,50	0	0	0	0	0	0
nenhum	0	0	0	0	2	33,33	0	0
Total	8	100	8	100	6	100	4	100

No que refere ao nível educacional das participantes (Tabela 5) prevaleceu o doutorado (36,36%) entre as premiadas brasileiras e a especialização (44,44%) entre as não premiadas brasileiras. Houve destaque e equivalência na percentagem das portuguesas premiadas com doutorado (28,57%) e daquelas com nível superior (28,57%), enquanto que predominou o doutorado (50%) entre as portuguesas não premiadas. Sendo importante frisar que uma das brasileiras premiadas com nível de pós-doutorado também possui livre-docência, que é um grau acadêmico concedido apenas à carreira acadêmica no Brasil por meio de concurso público àqueles que já possuam, no mínimo o título de doutorado.

Tabela 5 – Escolaridade das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas

Escolaridade	Brasileiras				Portuguesas			
	Premiadas		Não premiadas		Premiadas		Não premiadas	
	F	%	F	%	F	%	F	%
ensino médio	1	9,09	0	0	1	14,28	1	16,66
superior	3	27,27	3	33,33	2	28,57	1	16,66
especialização	0	0	4	44,44	0	0	0	0
mestrado	1	9,09	0	0	1	14,28	1	16,66
doutorado	4	36,36	1	11,11	2	28,57	3	50,00
pós-doutorado	2	18,18	1	11,11	1	14,28	0	0
Total	11	100	9	100	7	100	6	100

As participantes premiadas brasileiras finalizaram seus cursos com predomínio e percentagem equivalente entre os 20 e 29 anos (36,36%) e entre os 30 e 39 anos (36,36%). Já as brasileiras não premiadas (44,44%) e as portuguesas premiadas (57,14%) finalizaram os estudos destacando-se na faixa etária entre 20 e 29 anos. As portuguesas não premiadas sobressaíram-se e equipararam-se em percentagem entre as faixas etárias de 20 a 29 anos (33,33%) e de 40 a 49 anos (33,33%) como pode ser observado na Tabela 6.

Tabela 6 – Faixa etária em que as brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas terminaram seus cursos

Faixa etária	Brasileiras				Portuguesas			
	Premiadas		Não premiadas		Premiadas		Não premiadas	
	F	%	F	%	F	%	F	%
16 - 19	1	9,09	0	0	1	14,28	1	16,66
20 - 29	4	36,36	4	44,44	4	57,14	2	33,33
30 - 39	4	36,36	3	33,33	2	28,57	1	16,66
40 - 49	2	18,18	1	11,11	0	0	2	33,33
50 - 59	0	0	1	11,11	0	0	0	0
Total	11	100	9	100	7	100	6	100

A Tabela 7 contém a profissão das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas. É possível verificar uma maior concentração de porcentagem para o cargo de professora universitária entre todas as participantes; as brasileiras premiadas (45,45%), as portuguesas premiadas (28,57%), as brasileiras não premiadas (22,22%) e as portuguesas não premiadas (50%).

Tabela 7 – Profissão das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas

Cargo no trabalho	Brasileiras				Portuguesas			
	Premiadas		Não premiadas		Premiadas		Não premiadas	
	F	%	F	%	F	%	F	%
Arquiteta autônoma	1	9,09	0	0	1	14,28	1	16,66
Artesã autônoma	0	0	1	11,11	1	14,28	1	16,66
Assessora biblioteca aposentada	0	0	0	0	1	14,28	0	0
Consultora esportiva	1	9,09	0	0	0	0	0	0
Comerciante/ Comentarista esportiva em programa de TV	1	9,09	0	0	0	0	0	0
Diretora depto. enologia	0	0	0	0	1	14,28	0	0
Engenheira civil	0	0	1	11,11	0	0	0	0
Gerente de design	0	0	1	11,11	0	0	0	0
Ilustradora e escritora autônoma	1	9,09	0	0	0	0	0	0
Pesquisadora	0	0	0	0	1	14,28	0	0
Prof ^a ed. física aposentada	1	9,09	0	0	0	0	0	0
Prof ^a artes autônoma	1	9,09	1	11,11	0	0	0	0
Prof ^a primária aposentada	0	0	1	11,11	0	0	0	0
Prof ^a primária	0	0	1	11,11	0	0	1	16,66
Prof ^a universitária	5	45,45	2	22,22	2	28,57	3	50,00
Psicóloga clínica autônoma	0	0	1	11,11	0	0	0	0
Total	11	100	9	100	7	100	6	100

O tipo de instituição na qual as participantes trabalham pode ser visto na Tabela 8. Há uma maior concentração de porcentagem para a universidade pública para as brasileiras premiadas (40%), as portuguesas premiadas (50%), as brasileiras não premiadas (25%) e as portuguesas não premiadas (50%). Nesta Tabela não foram incluídas as participantes aposentadas, ou seja, a professora de educação física brasileira aposentada, a professora brasileira primária aposentada e a assessora de biblioteca portuguesa aposentada. Quanto à psicóloga clínica autônoma que trabalha em clínica particular (12,50%) e a professora primária aposentada brasileiras trabalham como escritoras autônomas para uma editora privada. A assessora de biblioteca aposentada portuguesa trabalha como escritora autônoma para editoras. Também uma das atletas premiadas atualmente é comerciante (10%) e comentarista esportiva em programas de TV, enquanto a atleta não premiada trabalha com artesanato na própria residência (12,50%). Além disso, duas atletas premiadas e a não premiada atuam como atletas masters.

Tabela 8 – Tipo de instituição em que as brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas trabalham

Tipo de instituição	Brasileiras				Portuguesas			
	Premiadas		Não premiadas		Premiadas		Não premiadas	
	F	%	F	%	F	%	F	%
Ateliê próprio	2	20,00	1	12,50	1	16,66	0	0
Clínica particular	0	0	1	12,50	0	0	0	0
Comércio próprio/Programa esportivo da TV	1	10,00	0	0	0	0	0	0
Empresa multinacional privada	0	0	1	12,50	0	0	0	0
Empresa nacional privada	0	0	0	0	1	16,66	0	0
Escola particular	0	0	1	12,50	0	0	0	0
Escola pública	0	0	0	0	0	0	1	16,66
Escritório próprio	1	10,00	1	12,50	1	16,66	1	16,66
Fundação de empresa multinacional privada	1	10,00	0	0	0	0	0	0
Própria residência	0	0	1	12,50	0	0	1	16,66
Universidade privada	1	10,00	0	0	0	0	0	0
Universidade pública	4	40,00	2	25,00	3	50,00	3	50,00
Total	10	100	8	100	6	100	6	100

Sobre as atividades não remuneradas entre as mulheres que participaram do estudo podemos constatar que a maior parte das brasileiras premiadas (72,72%) e

não premiadas (77,77%) não realizam nenhum tipo de trabalho voluntário. De modo semelhante as portuguesas premiadas (57,14%) e as não premiadas (50%) não exercem voluntariado algum (Tabela 9). Dentre as brasileiras premiadas que realizam trabalho voluntário, houve maior concentração de porcentagem para duas delas (18,18%) que prestam serviço não remunerado à comunidade. Quanto as portuguesas premiadas houve uma equivalência nas porcentagens para uma que faz voluntariado em escolas e bibliotecas (11,11%), uma que faz voluntariado em associações de deficientes e crianças (11,11%) e outra que atua como membro da Ordem de Arquitetos (11,11%).

Tabela 9 – Atividades não remuneradas das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas

Atividades não remuneradas	Brasileiras				Portuguesas			
	Premiadas		Não premiadas		Premiadas		Não premiadas	
	F	%	F	%	F	%	F	%
Catequista	0	0	0	0	0	0	1	16,66
Conselheira cultural do município	0	0	1	11,11	0	0	0	0
Diretora de vôlei em clube	1	9,09	0	0	0	0	0	0
Membro de direção de um grupo etnográfico	0	0	0	0	0	0	1	16,66
Pintura em instituições filantrópicas	0	0	1	11,11	0	0	0	0
Membro da Ordem de Arquitetos	0	0	0	0	1	14,28	0	0
Voluntariado com idosos e estudantes estrangeiros	0	0	0	0	0	0	1	16,66
Voluntariado em associações de deficientes e crianças	0	0	0	0	1	14,28	0	0
Voluntariado na comunidade	2	18,18	0	0	0	0	0	0
Voluntariado em escolas e bibliotecas	0	0	0	0	1	14,28	0	0
Nenhuma	8	72,72	7	77,77	4	57,14	3	50,00
Total	11	100	9	100	7	100	6	100

O nível educacional dos companheiros das participantes casadas ou com união estável é apresentado na Tabela 10. Houve predominância do doutorado (50%) entre os companheiros das brasileiras premiadas e do nível superior (42,85%) entre os companheiros das brasileiras não premiadas. Enquanto os companheiros das portuguesas premiadas evidenciaram equiparação nas porcentagens para o

ensino médio (33,33%), o ensino superior (33,33%) e o doutorado (33,33%). Por outro lado, os companheiros das portuguesas não premiadas concentraram-se mais no nível médio (66,66%).

Tabela 10 – Escolaridade dos companheiros das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas

Escolaridade companheiro	Brasileiras				Portuguesas			
	Premiadas		Não premiadas		Premiadas		Não premiadas	
	F	%	F	%	F	%	F	%
ensino médio	1	16,66	1	14,28	1	33,33	2	66,66
superior	2	33,33	3	42,85	1	33,33	0	0
especialização	0	0	2	28,57	0	0	0	0
doutorado	3	50,00	1	14,28	1	33,33	1	33,33
Total	6	100	7	100	3	100	3	100

A Tabela 11 apresenta as profissões dos companheiros das participantes. Os esposos das brasileiras premiadas possuem uma maior concentração de porcentagem para o cargo de professor universitário (33,33%). Quanto aos companheiros das brasileiras não premiadas houve prevalência de engenheiros (71,42%), sendo dois deles aposentados (28,57%). Os esposos das portuguesas premiadas apresentaram maior concentração e equivalência nas porcentagens para contador (aposentado) (33,33%), enólogo (33,33%) e professor universitário (33,33%). Também os companheiros das portuguesas não premiadas evidenciaram maior concentração e equiparação nas porcentagens para as profissões de arquiteto (33,33%), serralheiro (33,33%) e técnico de telecomunicações (33,33%).

Tabela 11 – Profissão dos companheiros das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas

Profissão companheiro	Brasileiras				Portuguesas			
	Premiadas		Não premiadas		Premiadas		Não premiadas	
	F	%	F	%	F	%	F	%
administrador empresas	1	16,66	1	14,28	0	0	0	0
advogado	1	16,66	0	0	0	0	0	0
arquiteto	0	0	0	0	0	0	1	33,33
contador aposentado	0	0	0	0	1	33,33	0	0
engenheiro	0	0	3	42,85	0	0	0	0
enólogo	0	0	0	0	1	33,33	0	0
engenheiro aposentado	0	0	2	28,57	0	0	0	0
professor universitário	2	33,33	0	0	1	33,33	0	0
serralheiro	0	0	0	0	0	0	1	33,33
técnico de telecomunicações	0	0	0	0	0	0	1	33,33
técnico em eletrônica	1	16,66	0	0	0	0	0	0
vendedor	0	0	1	14,28	0	0	0	0
veterinário	1	16,66	0	0	0	0	0	0
Total	6	100	7	100	3	100	3	100

As profissões das mães das participantes são mostradas na Tabela 12. As mães das brasileiras premiadas tiveram maior concentração de porcentagem para a função de dona de casa (36,36%). De modo semelhante as mães das brasileiras não premiadas apresentaram maior concentração de porcentagem para o papel de dona de casa (55,55%). As mães das portuguesas premiadas tiveram maior concentração de porcentagem para o cargo de professora primária (42,85%). Já as mães das portuguesas não premiadas apresentaram maior concentração de porcentagem para a função de dona de casa (50%).

Tabela 12 – Profissão das mães das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas

Profissão das mães	Brasileiras				Portuguesas			
	Premiadas		Não premiadas		Premiadas		Não premiadas	
	F	%	F	%	F	%	F	%
auxiliar ação educativa	0	0	0	0	1	14,28	0	0
auxiliar enfermagem	1	9,09	0	0	0	0	0	0
comerciante	0	0	0	0	1	14,28	0	0
costureira	2	18,18	1	11,11	0	0	0	0
dona de casa/ do lar	4	36,36	5	55,55	1	14,28	3	50,00
funcionária pública	1	9,09	0	0	0	0	0	0
lavradora	0	0	0	0	0	0	1	16,66
professora	3	27,27	3	33,33	3	42,85	2	33,33
Total	11	100	9	100	7	100	6	100

As profissões dos pais das participantes são apresentadas na Tabela 13. É possível constatar que os pais das brasileiras premiadas apresentaram maior concentração e equiparação nas porcentagens para as profissões de advogado (18,18%), funcionário público (18,18%), lavrador (18,18%) e professor (18,18%). Os pais das brasileiras não premiadas mostraram maior concentração de porcentagem para a função de comerciante (22,22%). No que refere aos pais das portuguesas premiadas e das portuguesas não premiadas tiveram maior concentração de porcentagem para a função de professor, 28,57% e 33,33% respectivamente.

Tabela 13 – Profissão dos pais das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas

Profissão dos pais	Brasileiras				Portuguesas			
	Premiadas		Não premiadas		Premiadas		Não premiadas	
	F	%	F	%	F	%	F	%
administrador de obras	0	0	1	11,11	0	0	0	0
administrador empresas	0	0	1	11,11	0	0	1	16,66
advogado	2	18,18	0	0	0	0	0	0
alfaiate	1	9,09	0	0	0	0	0	0
arquiteto autônomo	0	0	1	11,11	0	0	0	0
bancário	0	0	1	11,11	0	0	0	0
comerciante	0	0	2	22,22	1	14,28	0	0
escriturário	0	0	0	0	0	0	1	16,66
empresário	1	9,09	1	11,11	0	0	0	0
funcionário público	2	18,18	0	0	0	0	0	0
guarda fiscal	0	0	0	0	1	14,28	0	0
lavrador	2	18,18	0	0	0	0	1	16,66
médico	0	0	0	0	1	14,28	0	0
militar	1	9,09	1	11,11	0	0	0	0
operário fabril	0	0	1	11,11	1	14,28	1	16,66
piloto aviador	0	0	0	0	1	14,28	0	0
professor	2	18,18	0	0	2	28,57	2	33,33
técnico farmácia	0	0	0	0	0	0	0	0
torneiro mecânico	0	0	0	0	0	0	0	0
vendedor	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	11	100	9	100	7	100	6	100

Nas Tabelas 14 e 15 a seguir são apresentadas as médias e desvios padrões por tipos de Produção Criativa das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas.

Tabela 14 – Médias e desvios padrões por tipos de Produção Criativa das brasileiras e portuguesas premiadas

Área	Brasileiras premiadas									Portuguesas premiadas								
	Produção não reconhecida			Produção reconhecida			Total			Produção não reconhecida			Produção reconhecida			Total		
	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP
Literatura	3	127,66	101,28	3	2,00	1,00	3	129,66	100,57	1	272,00	0,00	1	3,00	0,00	1	275,00	0,00
Artes	3	43,00	6,55	3	3,66	2,31	3	46,66	7,23	1	17,00	0,00	1	6,00	0,00	1	23,00	0,00
Educação	1	39,00	0,00	1	1,00	0,00	1	40,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
Arquitetura	1	14,00	0,00	1	7,00	0,00	1	21,00	0,00	1	28,00	0,00	1	6,00	0,00	1	34,00	0,00
Esporte	3	13,33	7,02	3	6,33	4,04	3	19,66	8,38	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
Química	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	1	77,00	0,00	1	1,00	0,00	1	78,00	0,00
Artesanato	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	1	45,00	0,00	1	2,00	0,00	1	47,00	0,00
Matemática	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	1	20,00	0,00	1	1,00	0,00	1	21,00	0,00
Enologia	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	1	2,00	0,00	1	1,00	0,00	1	3,00	0,00
Total	11			11			11			7			7			7		

M= Média; DP= Desvio padrão

Como pode se notar na Tabela 14 as médias mais altas foram alcançadas pelas mulheres premiadas na área da Literatura em ambos países.

Ainda sobre as médias, a área de Artes entre as brasileiras premiadas e a área de Química entre as portuguesas premiadas foram as áreas subsequentes mais pontuadas.

Percebe-se também que a área Esportiva foi a menos pontuada entre as participantes premiadas do Brasil, enquanto a área de Enologia foi a que recebeu pontuação mais baixa entre as portuguesas premiadas.

Tabela 15 – Médias e desvios padrões por tipos de Produção Criativa das brasileiras e portuguesas não premiadas

Área	Brasileiras não premiadas						Portuguesas não premiadas					
	Produção não reconhecida			Total			Produção não reconhecida			Total		
	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP
Artes	1	137	0	1	137	0	1	26	0	1	26	0
Literatura	2	47	4,24	2	47	4,24	0	0	0	0	0	0
Eng. Civil	1	68	0	1	68	0	0	0	0	0	0	0
Química	1	60	0	1	60	0	0	0	0	0	0	0
Educação	2	28	19,79	2	28	19,79	0	0	0	0	0	0
Arquitetura	1	16	0	1	16	0	1	6	0	1	6	0
Esporte	1	7	0	1	7	0	0	0	0	0	0	0
Eng. Mec.	0	0	0	0	0	0	1	48	0	1	48	0
Física	0	0	0	0	0	0	1	31	0	1	31	0
Matemática	0	0	0	0	0	0	1	19	0	1	19	0
Artesanato	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0
Total	9			9			6			6		

M= Média; DP= Desvio padrão

Eng. Mec.= Engenharia Mecânica

Observa-se na Tabela 15 que as brasileiras não premiadas da área Artística obtiveram médias mais altas, seguidas pela área de Engenharia Civil. Quanto as portuguesas não premiadas, aquela da Engenharia Mecânica alcançou média mais alta sucedida pela Física.

As participantes não premiadas com menores médias entre as brasileiras foi da área Esportiva e entre as portuguesas foi da área de Arquitetura.

Instrumentos

O material utilizado na pesquisa foi composto por: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Participante, Escala de Estilos de Pensar e Criar, Escala Biográfica de Mulheres Líderes Criativas, o Roteiro de Entrevista e a Análise de Produção Criativa.

O *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* para as participantes contém os objetivos e as normas éticas da pesquisa, referentes à não identificação das mesmas e de seus locais de trabalho e à condição de participação voluntária no estudo (Anexo 2).

A *Escala de Estilos de Pensar e Criar* (Wechsler, 2006), aprovada pelo Conselho Federal de Psicologia, é composta por 100 itens, com frases positivas e negativas, que devem ser respondidas no formato Likert com 6 pontos (discordo totalmente, discordo, discordo parcialmente, concordo parcialmente, concordo, concordo totalmente). A validade da estrutura interna desta escala foi observada através da análise fatorial com 1.752 indivíduos, que apontou a existência de cinco estilos de pensar e criar, explicando 36% da variância. A composição destes estilos foi a seguinte: 1) Estilo Cauteloso-Reflexivo caracterizando indivíduos que apresentam preferência por prudência, reflexão e ordem; 2) Estilo Inconformista-Transformador que caracteriza aquele que questiona regras de pensar e agir e gosta de resolver problemas de maneira incomum; 3) Estilo Lógico-Objetivo que se caracteriza pelo pensamento lógico, racional e pragmático; opta por situações práticas e evita qualquer grau de improvisação; 4) Estilo Emocional-Intuitivo que caracteriza-se pelo predomínio das emoções e das intuições em suas ações e, por fim, 5) Estilo Relacional-Divergente que caracteriza a pessoa flexível que busca obter vários pontos de vista, antes de tomar decisões e tem facilidade para liderar grupos, pois procura atender as opiniões de seus membros.

A validade da escala por critério externo foi feita comparando-se os resultados de 128 indivíduos que tinham recebidos premiações com os cinco estilos definidos, demonstrando correlações significativas entre estilos e produção criativa. Também foi observado que os estilos criativos podiam distinguir pessoas que tiveram a criatividade reconhecida por meio de prêmios recebidos daqueles indivíduos que não obtiveram nenhuma premiação. A precisão da escala variou de 0,60 a 0,90, pelo coeficiente Alpha, sendo mais alta para os três primeiros estilos (Anexo 4).

A *Escala Biográfica de Mulheres Líderes Criativas* (Wechsler & Guerreiro, 1986), não foi validada e é do tipo Likert com 5 pontos (discordo integralmente, discordo parcialmente, concordo parcialmente, concordo quase totalmente, concordo integralmente). Ela é constituída por 69 itens relacionados a cinco dimensões – infância e adolescência, vida escolar, trabalho, família e sexualidade (Anexo 5). A dimensão infância e adolescência abrange: Influência do Pai na Infância e Adolescência (IPIA) – itens 1, 8, 9, 12 e 21; Influência da Mãe na Infância e Adolescência (IMIA) – itens 2, 7, 10, 20, 25; Proteção e Necessidade de Afiliação na Infância e Adolescência (PNAIA) – itens 3, 4, 5, 6 e 13; Masculinidade e Feminilidade na Infância e Adolescência (MFIA) – itens 11, 14, 15, 22 e 23; Interesses Intelectuais e Artísticos na Infância e Adolescência (IAIA) – itens 16, 17, 18, 19, 24. A dimensão vida escolar inclui: Afiliação na Vida Escolar (AVE) – itens 25, 28, 29, 31, 33 e Intelectualização na Vida Escolar (IVE) – itens 26, 27, 30, 32, 34. A dimensão trabalho envolve: Masculinidade e Feminilidade no Trabalho (MFT) – itens 35, 37, 38, 39, 42; Afiliação no Trabalho (AT) – itens 36, 41, 44, 46, 47; Intelectualização no Trabalho (IT) – itens 40, 43, 45, 48, 49. A dimensão família abrange: Realização Através dos Outros da Família (RAOF) – itens 50, 51, 54, 56, 57 e Divisão de Tarefas e Papéis na Família (DTPF) – itens 52, 53, 55, 58, 59. A dimensão sexualidade inclui a Passividade e Papel Sexual (PPS) – itens 60, 61, 62, 66, 69 e a Identificação com Papel Sexual (IPS) – itens 63, 64, 65, 67, 68.

O *Roteiro de Entrevista* (Wechsler, Romo, Morais & Ferreira, 2013) é composto por quinze questões semi-abertas relacionadas à infância, adolescência, carreira, processo de trabalho, mudanças observadas no trabalho com o passar dos anos, obstáculos/bloqueios pessoais, identificação de jovens talentosos na área de atuação, administração da vida pessoal e profissional, desafios na atualidade e tempo livre. O roteiro (Anexo 6) foi baseado no modelo do protocolo de entrevista elaborado por Csikszentmihalyi (1997), que foi utilizado em indivíduos reconhecidos como criativos.

A *Análise de Produção Criativa* (Wechsler, 2004) contém dez questões dirigidas e uma aberta sobre a produção artística, científica e cultural do indivíduo (Anexo 7). As questões referem-se às Artes Plásticas, Literatura, Música, Teatro, Esporte, Publicação e Descoberta Científica e ao tipo (ou não) de reconhecimento por meio de premiação ou distinção local, regional, nacional e/ou internacional. Assim sendo, este instrumento possibilita a avaliação de três fatores: 1) produção

não reconhecida – quantidade de produtos julgados como criativos pelo indivíduo, mas sem nenhuma distinção/premiação; 2) produção reconhecida - quantidade de produtos premiados ou com distinções; 3) produção total – soma da produção não reconhecida com a reconhecida. Cada produto citado como produção reconhecida ou não reconhecida ganha 1 ponto. Este material foi baseado no inventário utilizado por Torrance (1981) em seus estudos longitudinais sobre a pessoa criativa e a produção criativa com a finalidade de conseguir um indicador válido da produção real do sujeito. Esta avaliação permite indicar as pessoas reconhecidas socialmente como criativas, bem como aquelas potencialmente criativas que ainda não foram reconhecidas pela sociedade.

Procedimento

Primeiramente o projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Vida da PUC-Campinas. Com a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê, a pesquisadora deu início a parte prática da pesquisa no Brasil.

Após buscar obter informações (por meio de sites de busca na internet, contatos pessoais e indicações) sobre as mulheres brasileiras que se destacaram e receberam prêmios em suas áreas de atuação, a pesquisadora contatou cada mulher por meio de telefone e/ou e-mail com o objetivo de apresentar a proposta da pesquisa, esclarecer possíveis dúvidas e convidá-las a participar da pesquisa. Metade das brasileiras premiadas foram indicadas por pessoas conhecidas da pesquisadora ou pelas próprias participantes, enquanto o restante foram conseguidas com informações obtidas através de pesquisas na internet e iniciativa da pesquisadora.

Quanto a maioria das brasileiras sem premiações ou honras foram encontradas por meio de dados pesquisados na web e as escritoras através de contatos com editoras de livros da região de Campinas, sendo que a artista, a arquiteta e a atleta foram indicadas. O procedimento de contato foi o mesmo utilizado para aquelas premiadas.

As brasileiras premiadas e não premiadas assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* aceitando participar, voluntariamente, do estudo.

Depois foram marcadas e realizadas entrevistas individuais e aplicados todos os instrumentos em suas residências, ateliês ou salas privadas de trabalho (no caso das professoras universitárias). As entrevistas foram gravadas e transcritas. A média de duração da entrevista juntamente aos instrumentos foi de duas horas.

Após o projeto de pesquisa foi submetido à comissão do programa da pós-graduação em Psicologia da PUC-Campinas para avaliação de sua conveniência ao Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Depois de aprovado/selecionado o projeto de pesquisa foi encaminhado à Pró-Reitoria da mesma instituição. Em seguida a Pró-Reitoria enviou à CAPES a inscrição da pesquisadora ao PDSE. Por conseguinte, a CAPES aprovou a concessão de recursos financeiros à pesquisadora para desenvolver o estudo durante o período de quatro meses em Portugal.

Em Portugal a maioria das mulheres premiadas e não premiadas foram indicadas por docentes da Universidade do Minho, instituição na qual a pesquisadora recebeu orientação para o estudo. Posteriormente, a pesquisadora entrou em contato com as mulheres premiadas e não premiadas por e-mail e/ou telefone a fim de marcar a entrevista e a aplicação dos instrumentos. A mulher líder criativa portuguesa na área de matemática e a artesã não premiada foram encontradas por meio de pesquisa na internet.

Para a análise estatística da *Escala de Estilos de Pensar* foi utilizado o teste Mann-Whitney para comparar as médias dos fatores entre os grupos de premiadas e não premiadas por país, além de comparar as médias dos fatores entre as premiadas dos dois países.

Também utilizou-se o teste Mann-Whitney para a *Escala Biográfica de Mulheres Líderes Criativas* com a finalidade de comparar as médias das dimensões entre as participantes premiadas e não premiadas do Brasil e entre aquelas premiadas e não premiadas de Portugal.

Para a *Análise de Produção Criativa* foi dado um ponto à cada ocorrência de produção reconhecida e não reconhecida e depois toda pontuação somada. Em seguida foi utilizada a Correlação por Postos de Spearman entre os fatores da Escala de Estilos de Pensar e Criar e da Produção Criativa das brasileiras e as portuguesas premiadas e após das não premiadas de ambos países para a verificação do inter-relacionamento das variáveis consideradas.

Quanto ao *Roteiro de Entrevista* foi utilizada a Análise de Conteúdo. Primeiro todas as respostas das participantes brasileiras premiadas foram categorizadas segundo o sistema de Bardin (2011) (pela frequência de aparecimento de itens). Depois os temas foram agrupados em categorias mais amplas. Estas categorias serviram de base para comparação com as categorias de respostas das participantes portuguesas e brasileiras não premiadas. Posteriormente, procedendo a validade de conteúdo, dois juízes de Psicologia foram convidados (Anexo 1) e leram duas entrevistas (de uma brasileira e uma portuguesa premiadas) para análise com auxílio das categorias anteriores já levantadas (Anexo 3). O grau de concordância entre os juízes realizado por meio do coeficiente Kappa.

A fim de analisar se existiam diferenças significativas entre as proporções de respostas de brasileiras e portuguesas foi utilizado o Qui-quadrado. O teste de Cochran-Mantel-Haenzel foi aplicado para a comparação das categorias/subcategorias entre os grupos de mulheres premiadas e não premiadas brasileiras e portuguesas. Este teste é um tipo de teste Qui-quadrado, adequado à estudos de associação em conjuntos de tabelas 2x2, como é o caso neste trabalho. Também para a análise das tabelas individuais 2x2, foi utilizado o teste exato de Fisher (versão exata do teste Qui-quadrado), uma vez que em todas as tabelas sempre tinha pelo menos uma célula com frequência inferior a 5. O nível de significância adotado para os testes estatísticos foi de 5% ($p < 0.05$). Nos casos onde o teste foi significativo, buscamos verificar quais dentre as subcategorias foi a característica que influenciou o teste ou qual o motivo da significância.

Na devolutiva a pesquisadora comunicou somente os resultados individuais da *Escala de Estilos de Pensar e Criar* às participantes por e-mail ou pessoalmente, quando houve interesse por parte de cada uma delas.

RESULTADOS

Neste estudo tentou-se comparar os estilos de pensar e criar entre mulheres premiadas do Brasil e de Portugal, bem como entre mulheres premiadas e não premiadas de cada país. Também buscou-se verificar a influência dos fatores psicológicos e ambientais na expressão da criatividade das brasileiras e portuguesas premiadas.

Apresentaremos primeiramente os resultados obtidos entre as brasileiras e as portuguesas premiadas e não premiadas com a Escala Estilos de Pensar e Criar. Para facilitar o entendimento dos resultados encontrados, apresentam-se na Tabela 16 as médias e desvios padrões obtidos pelas participantes em cada um dos fatores avaliados na escala.

Tabela 16 – Médias e desvios padrões dos fatores da Escala de Estilos de Pensar e Criar entre premiadas e não premiadas por país

Fator	País	Grupo	N	Média	Desvio padrão
CR	Brasil	Premiadas	11	85,27	5,74
		Não premiadas	9	85,00	3,57
	Portugal	Premiadas	7	87,71	4,49
		Não premiadas	6	88,16	3,25
EI	Brasil	Premiadas	11	116,54	13,39
		Não premiadas	9	101,33	17,02
	Portugal	Premiadas	7	108,14	18,16
		Não premiadas	6	109,83	14,31
IT	Brasil	Premiadas	11	101,90	12,13
		Não premiadas	9	97,22	11,87
	Portugal	Premiadas	7	95,57	10,67
		Não premiadas	6	96,50	7,06
LO	Brasil	Premiadas	11	104,72	14,79
		Não premiadas	9	110,55	11,38
	Portugal	Premiadas	7	113,00	7,68
		Não premiadas	6	113,83	10,34
RD	Brasil	Premiadas	11	110,63	21,08
		Não premiadas	9	111,11	8,63
	Portugal	Premiadas	7	115,28	2,40
		Não premiadas	6	112,16	12,63

CR= Cauteloso Reflexivo; EI= Emocional Intuitivo; IT= Inconformista Transformador; LO= Lógico Objetivo; RD= Relacional Divergente

Os resultados apresentados na Tabela 16 mostram que as mulheres premiadas do Brasil obtiveram médias maiores no Estilo Emocional Intuitivo,

enquanto as portuguesas premiadas alcançaram médias mais altas no Estilo Relacional Divergente. Quanto as não premiadas brasileiras conseguiram melhores médias no Estilo Relacional Divergente e as não premiadas de Portugal no Estilo Lógico Objetivo.

A fim de estudar se estas diferenças de médias são significativas, isto é, identificar possíveis diferenças entre as premiadas e as não premiadas de cada país e entre as premiadas e as não premiadas de ambos países nos fatores da Escala Estilos de Pensar e Criar foi utilizado o teste não paramétrico de Mann-Whitney como pode ser visto nas Tabelas 17, 18 e 19.

Tabela 17 – Comparação das médias dos fatores da Escala Estilos de Pensar e Criar entre premiadas e não premiadas por país

Fator	País	Grupo	N	Classificação das médias	U-Mann Whitney	p
CR	Brasil	Premiadas	11	10,73	47,00	0,848
		Não premiadas	9	10,22		
	Portugal	Premiadas	7	6,43	17,00	0,563
		Não premiadas	6	7,67		
EI	Brasil	Premiadas	11	12,64	26,00	0,073
		Não premiadas	9	7,89		
	Portugal	Premiadas	7	7,57	17,00	0,563
		Não premiadas	6	6,33		
IT	Brasil	Premiadas	11	11,45	39,00	0,425
		Não premiadas	9	9,33		
	Portugal	Premiadas	7	6,93	20,50	0,943
		Não premiadas	6	7,08		
LO	Brasil	Premiadas	11	9,77	41,50	0,542
		Não premiadas	9	11,39		
	Portugal	Premiadas	7	6,57	18,00	0,666
		Não premiadas	6	7,50		
RD	Brasil	Premiadas	11	11,23	41,50	0,541
		Não premiadas	9	9,61		
	Portugal	Premiadas	7	7,43	18,00	0,666
		Não premiadas	6	6,50		

CR= Cauteloso Reflexivo; EI= Emocional Intuitivo; IT= Inconformista Transformador; LO= Lógico Objetivo; RD= Relacional Divergente

Ao analisar a Tabela 17 pode-se verificar que não houve diferenças significativas entre as brasileiras premiadas e não premiadas, bem como entre as premiadas e não premiadas portuguesas nos fatores da Escala Estilos de Pensar e Criar.

Tabela 18 – Comparação das médias dos fatores da Escala Estilos de Pensar e Criar entre brasileiras e portuguesas premiadas

Fator	Grupo	N	Classificação das médias	U-Mann Whitney	p
CR	Premiadas brasileiras	11	8,50	27,50	0,316
	Premiadas portuguesas	7	11,07		
EI	Premiadas brasileiras	11	10,14	31,50	0,524
	Premiadas portuguesas	7	8,50		
IT	Premiadas brasileiras	11	10,59	26,50	0,276
	Premiadas portuguesas	7	7,79		
LO	Premiadas brasileiras	11	8,09	23,00	0,158
	Premiadas portuguesas	7	11,71		
RD	Premiadas brasileiras	11	9,45	38,00	0,964
	Premiadas portuguesas	7	9,57		

CR= Cauteloso Reflexivo; EI= Emocional Intuitivo; IT= Inconformista Transformador; LO= Lógico Objetivo; RD= Relacional Divergente

Na Tabela 18 observa-se que não houve diferenças significativas entre as brasileiras e as portuguesas premiadas nos fatores da Escala Estilos de Pensar e Criar.

Tabela 19 – Comparação das médias dos fatores da Escala Estilos de Pensar e Criar entre brasileiras e portuguesas não premiadas

Fator	Grupo	N	Classificação das médias	U-Mann Whitney	p
CR	Não premiadas brasileiras	9	6,33	12,00	0,075
	Não premiadas portuguesas	6	10,50		
EI	Não premiadas brasileiras	9	7,89	26,00	0,906
	Não premiadas portuguesas	6	8,17		
IT	Não premiadas brasileiras	9	8,11	26,00	0,906
	Não premiadas portuguesas	6	7,83		
LO	Não premiadas brasileiras	9	7,72	24,50	0,767
	Não premiadas portuguesas	6	8,42		
RD	Não premiadas brasileiras	9	7,89	26,00	0,905
	Não premiadas portuguesas	6	8,17		

CR= Cauteloso Reflexivo; EI= Emocional Intuitivo; IT= Inconformista Transformador; LO= Lógico Objetivo; RD= Relacional Divergente

Quanto a Tabela 19 nota-se que não houve diferenças significativas entre as brasileiras e as portuguesas não premiadas nos fatores da Escala Estilos de Pensar e Criar.

Para investigar a existência de relação significativa entre os fatores da Escala Estilos de Pensar e Criar e os tipos de Produção Criativa entre as participantes premiadas do Brasil e de Portugal e entre as não premiadas em ambos países foi realizada a Correlação de Spearman apresentada nas Tabelas 20 e 21.

Tabela 20 – Correlação por Postos de Spearman entre fatores da Escala de Estilos de Pensar e Criar e a Produção Criativa das brasileiras e portuguesas premiadas

Fator	Produção não reconhecida	<i>p</i>	Produção reconhecida	<i>p</i>	Produção Total	<i>p</i>
CR	-0,164	0,515	-0,058	0,818	-0,091	0,720
EI	0,394	0,106	-0,013	0,960	0,430	0,750
IT	0,052	0,838	-0,082	0,745	0,016	0,950
LO	-0,300	0,227	0,087	0,732	-0,272	0,274
RD	0,067	0,793	-0,036	0,888	0,076	0,764

CR= Cauteloso Reflexivo; EI= Emocional Intuitivo; IT= Inconformista Transformador; LO= Lógico Objetivo; RD= Relacional Divergente

Percebe-se na Tabela 20 a não existência de correlações significativas entre os fatores da Escala Estilos de Pensar e Criar e os tipos de Produção Criativa entre as participantes premiadas do Brasil e de Portugal.

Tabela 21 – Correlação por Postos de Spearman entre fatores da Escala de Estilos de Pensar e Criar e a Produção Criativa das brasileiras e portuguesas não premiadas

Fator	Produção não reconhecida	<i>p</i>	Produção Total	<i>p</i>
CR	-0,439	0,101	-0,439	0,101
EI	0,248	0,372	0,248	0,372
IT	-0,014	0,960	-0,014	0,960
LO	-0,345	0,208	-0,345	0,208
RD	0,162	0,563	0,162	0,563

CR= Cauteloso Reflexivo; EI= Emocional Intuitivo; IT= Inconformista Transformador; LO= Lógico Objetivo; RD= Relacional Divergente

Na Tabela 21 nota-se que não houve correlações significativas entre os fatores da Escala Estilos de Pensar e Criar e os tipos de Produção Criativa entre as participantes não premiadas dos dois países.

Na Tabela 22 são apresentadas as médias e desvios padrões obtidos pelas participantes do Brasil em cada uma das dimensões da Escala Biográfica. Para identificar possíveis diferenças entre as premiadas e as não premiadas brasileiras nas dimensões da Escala Biográfica foi utilizado o teste não paramétrico de Mann-Whitney.

Tabela 22- Médias, desvios padrões e comparação das médias das dimensões da Escala Biográfica de Mulheres Líderes Criativas entre premiadas e não premiadas brasileiras

Dimensão	Grupo	N	Média	Desvio padrão	U-Mann Whitney	p
IPIA	Premiadas	11	14,363	5,296	41,00	0,517
	Não Premiadas	9	12,444	4,666		
IMIA	Premiadas	11	13,454	2,423	15,50	0,009*
	Não Premiadas	9	16,666	2,598		
PNAIA	Premiadas	11	12,727	3,165	42,50	0,589
	Não Premiadas	9	13,555	2,554		
MFIA	Premiadas	11	13,090	2,547	37,50	0,354
	Não Premiadas	9	12,000	1,802		
IAIA	Premiadas	11	17,545	4,131	26,00	0,071
	Não Premiadas	9	14,888	4,075		
AVE	Premiadas	11	11,363	2,248	36,00	0,292
	Não Premiadas	9	12,444	1,666		
IVE	Premiadas	11	16,363	3,557	33,00	0,207
	Não Premiadas	9	14,888	3,723		
MFT	Premiadas	11	8,818	1,662	34,50	0,249
	Não Premiadas	9	10,222	2,862		
AT	Premiadas	11	11,272	2,004	36,00	0,301
	Não Premiadas	9	12,666	2,645		
IT	Premiadas	11	18,545	3,984	39,50	0,444
	Não Premiadas	9	18,111	3,100		
RAOF	Premiadas	11	7,636	2,335	32,50	0,191
	Não Premiadas	9	9,333	3,000		
DTPF	Premiadas	11	15,181	2,358	37,00	0,336
	Não Premiadas	9	14,222	1,563		
PPS	Premiadas	11	5,272	,646	39,50	0,318
	Não Premiadas	9	6,000	1,581		
IPS	Premiadas	11	16,727	2,327	43,50	0,645
	Não Premiadas	9	17,111	2,204		

IPIA= Influência do Pai na Infância e Adolescência; IMIA= Influência da Mãe na Infância e Adolescência; PNAIA= Proteção e Necessidade de Afiliação na Infância e Adolescência; MFIA= Masculinidade e Feminilidade na Infância e Adolescência; IAIA= Interesses Intelectuais e Artísticos na Infância e Adolescência; AVE= Afiliação na Vida Escolar; IVE= Intelectualização na Vida Escolar; MFT= Masculinidade e Feminilidade no Trabalho; AT= Afiliação no Trabalho; IT= Intelectualização no Trabalho; RAOF= Realização Através dos Outros da Família; DTPF= Divisão de Tarefas e Papéis na Família; PPS= Passividade e Papel Sexual; IPS= Identificação com Papel Sexual

* $p < 0,05$

Percebe-se na Tabela 22 que as brasileiras premiadas obtiveram médias mais altas do que as não premiadas nas seguintes dimensões: Influência do Pai na Infância e na Adolescência, Masculinidade e Feminilidade na Infância e Adolescência, Interesses Intelectuais e Artísticos na Infância e na Adolescência, Intelectualização na Vida Escolar, Intelectualização no Trabalho, Divisão de Tarefas e Papéis na Família.

Na mesma Tabela também observa-se que as médias mais altas alcançadas pelas brasileiras não premiadas ocorreram nas dimensões: Influência da Mãe na Infância e na Adolescência, Proteção e Necessidade de Afiliação na Infância e na Adolescência, Afiliação no Ambiente Escolar, Masculinidade e Feminilidade no Trabalho, Afiliação no Trabalho, Realização Através dos Outros da Família, Passividade e Papel Sexual, Identificação com Papel Sexual da Escala Biográfica.

Os resultados da Tabela 22 obtidos por meio do teste não paramétrico de Mann-Whitney mostram que houve diferença significativa entre as premiadas e não premiadas brasileiras na dimensão Influência da Mãe na Infância e Adolescência (IMIA) ($p=0,009$, $p<0,05$), sendo que a média nesta foi bem maior para as mulheres não premiadas.

No que refere a Tabela 23 são expostas as médias e desvios padrões obtidos pelas participantes portuguesas nas dimensões da Escala Biográfica. O teste Mann-Whitney foi utilizado para comparar as dimensões da Escala Biográfica entre as premiadas e as não premiadas portuguesas.

Tabela 23 - Médias, desvios padrões e comparação das médias das dimensões da Escala Biográfica de Mulheres Líderes Criativas entre premiadas e não premiadas portuguesas

Dimensão	Grupo	N	Média	Desvio padrão	U-Mann Whitney	p
IPIA	Premiadas	7	16,571	3,866	12,00	0,195
	Não Premiadas	6	12,666	6,713		
IMIA	Premiadas	7	14,714	3,988	13,50	0,282
	Não Premiadas	6	17,333	4,131		
PNAIA	Premiadas	7	14,142	1,345	19,00	0,774
	Não Premiadas	6	15,166	3,816		
MFIA	Premiadas	7	11,428	3,154	14,50	0,348
	Não Premiadas	6	13,333	3,777		
IAIA	Premiadas	7	16,714	3,251	8,00	0,061
	Não Premiadas	6	12,500	2,810		
AVE	Premiadas	7	10,857	3,078	14,00	0,310
	Não Premiadas	6	13,166	4,070		
IVE	Premiadas	7	16,142	3,023	13,50	0,279
	Não Premiadas	6	17,666	2,422		
MFT	Premiadas	7	7,428	1,397	6,00	0,029*
	Não Premiadas	6	10,166	3,060		
AT	Premiadas	7	10,285	1,704	5,50	0,024*
	Não Premiadas	6	12,666	1,505		
IT	Premiadas	7	19,428	2,878	19,00	0,773
	Não Premiadas	6	18,833	2,483		
RAOF	Premiadas	7	8,714	2,288	19,00	0,768
	Não Premiadas	6	9,666	3,502		
DTPF	Premiadas	7	16,571	1,272	18,00	0,662
	Não Premiadas	6	17,000	4,098		
PPS	Premiadas	7	6,142	1,864	14,50	0,332
	Não Premiadas	6	6,666	1,505		
IPS	Premiadas	7	15,857	2,115	14,50	0,348
	Não Premiadas	6	14,500	3,209		

IPIA= Influência do Pai na Infância e Adolescência; IMIA= Influência da Mãe na Infância e Adolescência; PNAIA= Proteção e Necessidade de Afiliação na Infância e Adolescência; MFIA= Masculinidade e Feminilidade na Infância e Adolescência; IAIA= Interesses Intelectuais e Artísticos na Infância e Adolescência; AVE= Afiliação na Vida Escolar; IVE= Intelectualização na Vida Escolar; MFT= Masculinidade e Feminilidade no Trabalho; AT= Afiliação no Trabalho; IT= Intelectualização no Trabalho; RAOF= Realização Através dos Outros da Família; DTPF= Divisão de Tarefas e Papéis na Família; PPS= Passividade e Papel Sexual; IPS= Identificação com Papel Sexual

* $p < 0,05$

Verifica-se na Tabela 23 que as portuguesas premiadas tiveram médias mais altas do que as não premiadas nas seguintes dimensões: Influência do Pai na Infância e na Adolescência, Interesses Intelectuais e Artísticos na Infância e na Adolescência, Intelectualização no Trabalho, Identificação com Papel Sexual.

Por sua vez, as portuguesas não premiadas obtiveram médias maiores do que as premiadas nas dimensões: Influência da Mãe na Infância e na Adolescência, Proteção e Necessidade de Afiliação na Infância e na Adolescência, Masculinidade e Feminilidade na Infância e Adolescência, Afiliação na Vida Escolar, Masculinidade e Feminilidade no Trabalho, Afiliação no Trabalho, Realização Através dos Outros da Família, Divisão de Tarefas e Papéis na Família, Passividade e Papel Sexual.

Ainda na Tabela 23 é possível perceber que as diferenças observadas entre as participantes portuguesas foram somente significativas para as dimensões Masculinidade e Feminilidade no Trabalho (MFT) ($p= 0,029$, $p<0,05$) e Afiliação no Trabalho (AT) ($p=0,024$, $p<0,05$), sendo que as médias maiores foram obtidas pelas não premiadas.

Além disso, nota-se que as premiadas brasileiras e portuguesas obtiveram coincidência de médias maiores nas dimensões Intelectualização no Trabalho, Influência do Pai na Infância e na Adolescência. Já entre as não premiadas dos dois países houve concordância nas médias maiores nas seguintes áreas: Influência da Mãe na Infância e na Adolescência, Proteção e Necessidade de Afiliação na Infância e na Adolescência, Afiliação na Vida Escolar, Masculinidade e Feminilidade no Trabalho, Afiliação no Trabalho, Realização Através dos Outros da Família, Passividade e Papel Sexual.

Em resumo, os resultados da análise estatística sustentam que a 1ª hipótese da pesquisa foi rejeitada, ou seja, não existem diferenças significativas nos estilos de pensar e criar entre as mulheres excelentes criativas e as não excelentes criativas brasileiras e portuguesas. Quanto à 2ª hipótese foi parcialmente aceita, pois foram encontradas diferenças significativas nas dimensões Masculinidade e Feminilidade no Trabalho e Afiliação no Trabalho entre as portuguesas e na dimensão Influência da Mãe na Infância e Adolescência entre as brasileiras.

Em relação a análise do Roteiro de Entrevista, foram incluídas mais duas portuguesas premiadas (uma pintora e uma compositora de música clássica contemporânea) que participaram da entrevista. Devido ao nível de ocupação dessas mulheres, elas não responderam aos outros instrumentos da pesquisa, ou

seja, a Escala Estilos de Pensar e Criar, a Escala Biográfica de Mulheres Líderes Criativas e a Análise de Produção Criativa. As respostas foram categorizadas e subcategorizadas por meio da análise de conteúdo. O critério adotado para inclusão da categoria/subcategoria foi o número mínimo de uma resposta no grupo de brasileiras premiadas. Após, as categorias/subcategorias baseadas nas respostas das brasileiras premiadas foram complementadas por outras que apareceram nas respostas das portuguesas premiadas conforme a quantidade mínima de uma (1) resposta. As categorias e subcategorias classificadas foram as seguintes:

1) **Brincadeiras na infância** – individual, grupal, jogo simbólico com materiais diversos, com animais, com natureza, com bonecas, criação de brinquedos, montagens de brinquedos, tradicionais, desenhar, pintar, andar de bicicleta, com bola, com carrinho, brincadeiras de rua, instrumento musical, atividades físicas, jogos/computador, microscópio/telescópio infantil, televisão (ausência/presença);

2) **Comportamento na infância** – desobediência/rebeldia, perfeccionismo, prematuridade, introspecção, autoafirmação, interesses diversos, interesse específico e interesse por aprender;

3) **Comportamento na adolescência** – desobediência, introspecção, receio do ridículo, sociável, dificuldade de relacionamento, diversidade de interesses, interesses intelectuais, interesses artísticos/culturais, interesses musicais, interesses esportivos/atividades físicas, interesses tecnológicos, destaque em habilidade específica, preocupação com o presente, preocupação com a profissão e preocupação com o casamento;

4) **Interesse pela área de atuação** – na infância, na adolescência e na fase adulta;

5) **Mentores** – pai, mãe, irmã(ão), avó(ô), amigo(a)/conhecido(a), cônjuge, ex-cônjuge, colega(s), professor(a), artistas de renome, empregados domésticos;

6a) **Características pessoais cognitivas (na vida adulta)** – originalidade, imagens criativas/imagéticas, questionamento/contestação, intelectualização,

flexibilidade, ausência de preconceito, persistência, fluência, curiosidade e linguagem metafórica/analogia;

6b) **Características de personalidade (na vida adulta)** – expressão de emoção, independência de julgamento, alta energia, atração pela complexidade, autoconfiança, busca pelo desafio/desejo de correr riscos, inconformismo, liderança, sensibilidade interna/empatia/intuição, sensibilidade externa, fantasia, sonhadora, tolerância à ambiguidade, necessidade de afiliação, envolvimento político, abertura ao novo (*openness*) e ludicidade/uso do humor;

7a) **Motivação intrínseca** – automotivação, aperfeiçoamento contínuo, desenvolvimento potencial, missão criativa/paixão pelo que faz, curiosidade e necessidade interna;

7b) **Motivação extrínseca** – reconhecimento social, necessidade monetária, compartilhamento e demandas externas/encomendas;

8) **Condições que influem no processo criativo** – tempo (clima), condições ambientais, período do dia, sono, alimentação, dias de descanso, processo de incubação, *insight*, *fluir (flow)* e solidão/isolamento;

9) **Fatores ambientais (sociais) favoráveis à criatividade** – diversidade sociocultural, socialização, respeito a individualidade, cultivo de valores, contato com natureza, modelo do pai, modelo da(o) irmã(ão), modelo da mãe, estrutura familiar/posição na família;

10) **Barreiras** – sociais/culturais, profissionais, econômicas, emocionais, familiares, físicas, tempo (falta de) e ausência;

11) **Administração vida pessoal com profissional** – suporte familiar, suporte social, suporte profissional e sozinha;

12) **Desafio(s) atual(is)** – profissional e pessoal;

13) **Tempo livre** – atividades profissionais, atividades domésticas, atividades intelectuais, atividades culturais, atividades artísticas, atividades físicas, com familiares, com namorado, com amigos, passeios/viagens;

14a) **Identificação de jovens talentosos na área** – sim e não;

14b) **Características de jovens talentosos na área** – habilidades específicas, adaptabilidade, criatividade, curiosidade, perspicácia, sensibilidade, intuição, autonomia/independência, imaginação, linguagem metafórica/analogia, ter empenho, inteligência/raciocínio, interesse, responsabilidade, objetividade, desenvoltura, paixão pelo que faz, espontaneidade e senso crítico;

14c) **Diferença de gênero entre jovens talentosos** – presença e ausência;

15a) **Valores intelectuais para criatividade na carreira** – atenção, raciocínio, educação/conhecimento artístico, conhecimento técnico/geral, originalidade, dotação intelectual, persistência, ter precisão, perspicácia, compreensão/interpretação, senso crítico e imaginativo;

15b) **Valores de personalidade para criatividade na carreira** – flexível, equilíbrio emocional, alta energia, ter autonomia, ausência de preconceito, ser comunicativo, sensibilidade, curiosidade, criatividade, ter coragem, autoconfiança, paixão pelo que faz, ser dedicado, disciplinado, habilidade específica e ser ético;

15c) **Valores sociais para criatividade na carreira** – abertura para experiências/idéias, missão social, ser sociável e disposição a solidão;

15d) **Diferença de gênero na carreira** – presença e ausência.

Após foi verificada a frequência das respostas das participantes em cada categoria/subcategoria e selecionadas aquelas com maiores frequências para o cálculo do Qui-quadrado. As frequências das respostas das brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas nas categorias e subcategorias selecionadas da análise de conteúdo podem ser vistas na Tabela 24.

Tabela 24 - Frequência de respostas das participantes nas categorias e subcategorias da análise de conteúdo

TEMÁTICA	FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS				
	BRASILEIRAS		PORTUGUESAS		
	PREMI	NÃO PREMI	PREMI	NÃO PREMI	
1.Brincadeiras na infância					
Individual	2	2	1	1	
Em grupo	5	6	3	3	
Jogo simbólico com materiais diversos	4	3	1	3	
Com animais	3	0	3	0	
Com natureza	4	0	3	1	
Com bonecas	5	6	6	4	
Criação de brinquedos	2	2	0	0	
Montagens de brinquedo	1	0	2	1	
Com carrinho	0	1	2	0	
Brincadeiras de rua	2	3	2	2	
2.Comportamento na infância					
Desobediência / Rebelia	0	0	3	0	
Interesse específico	2	2	3	0	
Interesse por aprender	2	0	1	0	
3.Comportamento na adolescência					
Desobediência	0	0	2	1	
Receio do ridículo	3	0	0	0	
Interesses intelectuais	6	5	8	1	
Interesses artísticos/ culturais	2	4	5	3	
Interesses musicais	2	3	3	1	
Interesses esportivos/ atividades físicas	5	2	3	2	
Destaque em habilidade específica	3	1	1	0	
Preocupação profissão	7	5	7	4	
Preocupação casamento	1	4	0	2	
4.Interesse pela área de atuação					
Na infância	2	2	3	1	
Na adolescência	4	1	4	3	
Na fase adulta	2	1	0	0	
5.Mentores					
Pai	4	1	5	1	
Mãe	4	2	1	1	
Professor(a)	2	4	3	3	
6.Características pessoais					
6a.Cognitivas	Originalidade	11	0	9	0
	Imagens criativas/ Imagética	2	0	2	1
	Flexibilidade	4	1	6	2
	Ausência de preconceito	3	0	0	0
	Persistência	1	0	2	0

(CONTINUAÇÃO DA TABELA 24)						
		BRASILEIRAS		PORTUGUESAS		
		PREMI	NÃO PREMI	PREMI	NÃO PREMI	
		Fluência	2	1	2	0
		Linguagem metafórica/ Analogia	0	0	3	0
6b. Personalidade		Expressão de emoção	2	0	0	1
		Independência de julgamento	4	0	0	1
		Alta energia	2	1	2	0
		Autoconfiança	2	0	1	0
		Busca pelo desafio/ Desejo de correr riscos	6	2	7	5
		Inconformismo	2	1	0	0
		Liderança	6	0	3	1
		Sensibilidade interna/ Empatia/ Intuição	7	1	5	1
		Fantasia	1	1	1	0
	Abertura ao novo (<i>Openess</i>)	6	3	3	0	
7. Motivação						
7a. Intrínseca		Automotivação	2	2	2	2
		Aperfeiçoamento contínuo	9	6	5	3
		Desenvolvimento potencial	2	0	3	0
		Missão criativa/ Paixão pelo que faz	6	2	2	0
		Curiosidade	2	1	1	0
		Necessidade interna	2	0	4	3
7b. Extrínseca		Reconhecimento social	4	1	3	1
		Compartilhamento	0	1	1	1
		Demandas externas/ Encomendas	2	0	3	0
8. Processo criativo						
Condições que influem		Tempo	4	1	4	2
		Condições ambientais	2	1	5	0
		Período do dia	7	4	7	5
		Sono	3	5	3	5
		Alimentação	2	2	3	2
		Processo de incubação	7	1	5	1
		<i>Insight</i>	8	3	7	1
		Fluir (<i>Flow</i>)	3	1	2	2
		Solidão/ Isolamento	4	0	5	1
9. Fatores ambientais favoráveis à criatividade						
		Diversidade sociocultural	1	0	4	0
		Socialização	5	2	7	2

(CONTINUAÇÃO DA TABELA 24)

	BRASILEIRAS		PORTUGUESAS	
	PREMI	NÃO PREMI	PREMI	NÃO PREMI
Respeito a individualidade	1	0	2	0
Cultivo de valores	9	4	6	3
Contato com natureza	1	1	3	0
Modelo do pai	4	1	5	1
Modelo da mãe	5	2	3	2
Estrutura familiar / Posição na família	2	2	4	3
10.Barreiras				
Sociais/ culturais	2	0	2	0
Profissional	3	2	1	2
Emocionais	3	0	0	0
Familiares	1	3	3	3
Ausência	1	1	1	1
11.Administração vida pessoal com profissional				
Suporte familiar	5	6	5	3
Suporte social	0	0	2	0
Suporte profissional	6	5	3	4
Sozinha	2	1	2	2
12.Desafio(s) atual(is)				
Profissional	7	7	8	5
Pessoal	1	0	0	1
13.Tempo livre				
Atividades profissionais	3	0	2	2
Atividades domésticas	3	3	1	1
Atividades intelectuais	3	1	2	2
Atividades culturais	4	2	5	1
Atividades artísticas	1	1	2	0
Atividades físicas	7	0	2	1
Com familiares	7	4	6	2
Com amigos	7	2	5	2
Passeios / viagens	1	4	2	2
14a.Identificação de jovens talentosos na área				
Sim	8	5	7	5
Não	1	0	0	0
14b.Características de jovens talentosos				
Habilidades específicas	1	1	0	1
Criatividade	2	0	2	0
Curiosidade	1	0	0	2
Perspicácia	1	0	2	1
Sensibilidade	2	0	3	0
Autonomia/ independência	1	0	1	0
Ter empenho	0	1	1	1
Inteligência/Raciocínio	2	0	1	1

(CONTINUAÇÃO DA TABELA 24)

		BRASILEIRAS		PORTUGUESAS	
		PREMI	NÃO PREMI	PREMI	NÃO PREMI
Interesse		2	3	0	1
Objetividade		0	1	0	1
Desenvoltura		1	2	0	0
Paixão pelo que faz		1	0	0	1
Senso crítico		3	1	0	0
14c.Diferença de gênero	Presença	1	2	3	1
	Ausência	4	3	4	4
15.Valores para criatividade na carreira					
15a.Intelectuais	Atenção	2	2	1	1
	Conhecimento técnico/ geral	2	0	0	0
	Dotação intelectual	0	0	3	0
	Persistência	1	2	1	3
	Senso crítico	2	0	0	1
15b.Personalidade	Ter autonomia	2	0	0	0
	Ausência de preconceito	1	1	0	0
	Ser comunicativo	1	1	3	3
	Sensibilidade	3	1	1	1
	Curiosidade	3	1	1	1
	Criatividade	2	1	1	0
	Ter paciência	0	1	0	1
	Autoconfiança	1	1	2	1
	Paixão pelo que faz	0	2	1	3
	Habilidade específica	0	2	1	1
Ser ético	1	0	1	0	
15c.Sociais	Abertura para experiências/ idéias	3	4	1	1
	Missão social	2	0	0	0
	Ser sociável	2	0	0	2
	Disposição a solidão	1	0	1	0
15d.Diferença de gênero	Presença	4	4	3	3
	Ausência	2	4	5	2

Quanto à concordância dos dois juízes que participaram do estudo foi comparada com o juiz ideal (a pesquisadora). Os dois juízes obtiveram o seguinte grau de concordância geral:

- Juiz 1 = 0,70, o que significa grau de concordância bom
- Juiz 2 = 0,61, ou seja, grau de concordância bom

As categorias/subcategorias nas quais o juiz 1 apresentou maior dificuldade em concordância foram: subcategorias *desobediência* e *receio do ridículo* da categoria *comportamento na adolescência*, subcategoria *na fase adulta* da categoria *interesse pela área de atuação*, subcategoria *abertura ao novo (openess)* da categoria *características pessoais/ de personalidade*, subcategoria *compartilhamento* da categoria *motivação extrínseca*, subcategorias *processo de incubação e fluir (flow)* da categoria *condições que influem no processo criativo*, subcategoria *socialização* da categoria *fatores ambientais favoráveis à criatividade*, subcategoria *pessoal* da categoria *desafio(s) atual(is)*, subcategoria *perspicácia* da categoria *identificação de jovens talentosos na área*.

Quanto ao juiz 2, teve maior dificuldade em concordância nas seguintes categorias/subcategorias: subcategorias *na adolescência* e *na fase adulta* da categoria *interesse pela área de atuação*, subcategoria *persistência* da categoria *características pessoais cognitivas*, subcategorias *busca pelo desafio*, *tolerância à ambiguidade* e *abertura ao novo (openess)* da categoria *características pessoais/ de personalidade*, subcategoria *aperfeiçoamento contínuo* da categoria *motivação intrínseca*, subcategoria *compartilhamento* da categoria *motivação extrínseca*, subcategorias *processo de incubação e fluir (flow)* da categoria *condições que influem no processo criativo*, subcategoria *pessoal* da categoria *desafio(s) atual(is)*, subcategoria *persistência* da categoria *valores intelectuais para criatividade na carreira*.

Analisaremos, a seguir, os resultados comparativos por país entre premiadas e não premiadas. Primeiramente serão apresentados os resultados comparativos entre as brasileiras premiadas e não premiadas nas categorias da análise de conteúdo por meio do teste de Conchran-Mantel-Haenzel e o teste exato de Fisher.

Tabela 25 – Comparação das categorias da análise de conteúdo entre premiadas e não premiadas brasileiras

Categoria	χ^2	gl	p
1.Brincadeiras na infância	0,0003	1	0,9862
2.Comportamento na infância	0,3762	1	0,5397
3.Comportamento na adolescência	0,0027	1	0,9584
4.Interesse pela área de atuação	0,7919	1	0,3735
5.Mentores	0,1335	1	0,7149
6a.Características pessoais cognitivas	19,8442	1	<0,001***
6b.Características de personalidade	19,0302	1	<0,001***
7a.Motivação intrínseca	3,9649	1	0,0465*
7b.Motivação extrínseca	1,5117	1	0,2189
8.Condições que influem no processo criativo	7,1140	1	0,0076**
9.Fatores ambientais favoráveis à criatividade	6,3242	1	0,0119*
10.Barreiras	0,7438	1	0,3885
11.Administração vida pessoal e profissional	0,1734	1	0,6771
12.Desafio(s) atual(is)	0,0466	1	0,8291
13.Tempo livre	5,2740	1	0,0216*
14a.Identificação de jovens talentosos na área	0,0000	1	1,0000
14b.Características de jovens talentosos na área	1,2492	1	0,2637
14c.Diferença de gênero entre jovens talentosos	0,0000	1	1,0000
15a.Valores intelectuais p/ criatividade na carreira	1,1782	1	0,2777
15b.Valores personalidade p/ criatividade na carreira	0,0817	1	0,7750
15c.Valores sociais p/ criatividade na carreira	0,8267	1	0,3632
15d.Diferença de gênero na carreira	0,3497	1	0,6270

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

É possível observar na Tabela 25 que houve diferenças altamente significativas entre as brasileiras premiadas e não premiadas para as seguintes categorias: Características pessoais cognitivas (6a na Tabela) ($\chi^2 = 19,8442$, $p < 0,001$) e Características de personalidade (6b na Tabela) ($\chi^2 = 19,0302$, $p < 0,001$), tendo o grupo de premiadas obtido maiores resultados do que as não premiadas. Como pode ser visto na Tabela 24 a subcategoria que sobressaiu-se em Características pessoais cognitivas (6a na Tabela 24) foi Originalidade ($\chi^2 = 0,0001$, $p < 0,001$) e nas Características de personalidade (6b na Tabela 24) foram as subcategorias Liderança ($\chi^2 = 0,0141$, $p < 0,05$) e Sensibilidade Interna/Empatia/Intuição ($\chi^2 = 0,0281$, $p < 0,05$) para as premiadas.

Na categoria Motivação intrínseca (7a na Tabela 25) que apresenta as subcategorias aperfeiçoamento contínuo, desenvolvimento potencial, missão criativa/paixão pelo que faz, curiosidade e necessidade interna, as mulheres premiadas obtiveram maiores pontuações significativamente diferentes das não premiadas ($\chi^2= 3,9649, p<0,05$).

Nota-se também na Tabela 25 diferença altamente significativa entre as brasileiras premiadas e não premiadas na categoria Condições que influem no processo criativo ($\chi^2= 7,1140, p<0,01$), com resultados maiores às premiadas. Ao observar a categoria Condições que influem no processo criativo (item 8) na Tabela 24 percebe-se que a subcategoria Processo de incubação ($\chi^2=0,0236, p<0,01$) ressaltou-se entre as brasileiras premiadas.

Além disso, ocorreram diferenças significativas ($\chi^2=6,3242, p<0,05$) a favor das premiadas na categoria Fatores ambientais favoráveis à criatividade (9 na Tabela), que envolve as subcategorias diversidade sociocultural, socialização, respeito a individualidade, cultivo de valores, modelo do pai e modelo da mãe.

Na categoria Tempo livre (13 na Tabela) ocorreram diferenças significativas ($\chi^2= 5,2740, p<0,05$) entre os grupos de brasileiras, com as premiadas obtendo as maiores pontuações. Ao verificar a Tabela 24 percebe-se que a subcategoria que sobressaiu-se na categoria Tempo livre foi Atividades Físicas ($\chi^2=0,0047, p<0,01$) a favor das premiadas.

Na Tabela 26 a seguir verificam-se os resultados obtidos entre as participantes premiadas e não premiadas portuguesas nas categorias da análise do conteúdo por meio do teste de Cochran-Mantel-Haenzel e o teste exato de Fisher.

Tabela 26 – Comparação das categorias da análise de conteúdo entre premiadas e não premiadas portuguesas

Categoria	χ^2	gl	p
1.Brincadeiras na infância	0,0065	1	0,9358
2.Comportamento na infância	5,3178	1	0,0211*
3.Comportamento na adolescência	1,8436	1	0,1745
4.Interesse pela área de atuação	0,0933	1	0,7600
5.Mentores	0,1567	1	0,6922
6a.Características pessoais cognitivas	15,1667	1	<0,001***
6b.Características de personalidade	3,1667	1	0,0752
7a.Motivação intrínseca	1,0057	1	0,3159
7b.Motivação extrínseca	1,4088	1	0,2353
8.Condições que influem no processo criativo	2,4131	1	0,1203
9.Fatores ambientais favoráveis à criatividade	7,6426	1	0,0057**
10.Barreiras	0,0000	1	1,0000
11.Administração vida pessoal e profissional	0,1154	1	0,7341
12.Desafio(s) atual(is)	0,2333	1	0,6291
13.Tempo livre	1,6461	1	0,1995
14b.Características de jovens talentosos na área	0,4396	1	0,5073
14c.Diferença de gênero entre jovens talentosos	0,3535	1	0,5758
15a.Valores intelectuais p/ criatividade na carreira	0,1567	1	0,6922
15b.Valores personalidade p/ criatividade na carreira	1,1115	1	0,2917
15c.Valores sociais p/ criatividade na carreira	0,8838	1	0,3472
15d.Diferença de gênero na carreira	0,3263	1	0,5921

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

Conforme nota-se na Tabela 26 houve diferença significativa entre as portuguesas premiadas e não premiadas na categoria Comportamento na infância (2 na Tabela) ($\chi^2 = 5,3178, p < 0,05$), com pontuações maiores obtidas pelas premiadas. Ao examinar a Tabela 24 percebe-se que a subcategoria que apresentou diferença significativa na categoria Comportamento na infância (2 na Tabela 24) entre as mulheres premiadas portuguesas foi a rebeldia ($\chi^2 = 0,0211, p < 0,05$).

Para a categoria Características pessoais cognitivas (6a na Tabela) ocorreram diferenças altamente significativas ($\chi^2 = 15,1667, p < 0,001$) entre as portuguesas, tendo as premiadas maiores pontuações. Nota-se na Tabela 24 que para esta categoria houve destaque para originalidade ($\chi^2 = 0,0001, p < 0,001$) entre as premiadas.

Quanto a categoria Fatores ambientais favoráveis à criatividade (9 na Tabela) houve diferenças altamente significativas ($\chi^2= 15,1667$, $p<0,01$) entre as portuguesas, com as premiadas obtendo pontuações significativas. Na Tabela 24 é possível averiguar que as premiadas tiveram maiores pontuações nas subcategorias diversidade sociocultural, socialização, respeito a individualidade, cultivo de valores, contato com natureza, modelo do pai, modelo da mãe, estrutura familiar/posição na família pertencentes a categoria Fatores ambientais favoráveis à criatividade.

Na Tabela seguinte constam os resultados obtidos entre as premiadas brasileiras e portuguesas nas categorias da análise de conteúdo.

Tabela 27 – Comparação das categorias da análise de conteúdo entre premiadas brasileiras e portuguesas

Categoria	χ^2	gl	p
1.Brincadeiras na infância	0,0003	1	0,9866
2.Comportamento na infância	1,8227	1	0,1777
3.Comportamento na adolescência	1,076	1	0,2996
4.Interesse pela área de atuação	0,0232	1	0,8790
5.Mentores	0,0624	1	0,8027
6a.Características pessoais cognitivas	1,6366	1	0,2008
6b.Características de personalidade	3,0141	1	0,0825
7a.Motivação intrínseca	0,1691	1	0,6809
7b.Motivação extrínseca	0,5488	1	0,4588
8.Condições que influem no processo criativo	2,0507	1	0,1521
9.Fatores ambientais favoráveis à criatividade	3,7187	1	0,0538
10.Barreiras	0,0000	1	1,0000
11.Administração vida pessoal e profissional	0,1444	1	0,7039
12.Desafio(s) atual(is)	0,5227	1	0,4697
13.Tempo livre	0,0682	1	0,7939
14a.Identificação de jovens talentosos na área	0,0000	1	1,0000
14b.Características de jovens talentosos na área	0,7731	1	0,3793
14c.Diferença de gênero entre jovens talentosos	0,3535	1	0,5758
15a.Valores intelectuais p/ criatividade na carreira	0,1630	1	0,6865
15b.Valores personalidade p/ criatividade na carreira	0,0838	1	0,7722
15c.Valores sociais p/ criatividade na carreira	2,7895	1	0,0949
15d.Diferença de gênero na carreira	0,3263	1	0,5921

Ao analisar a Tabela 27 percebe-se que não ocorreram diferenças significativas em nenhuma das categorias entre as premiadas brasileiras e portuguesas.

Tendo em vista os resultados das Tabelas 25 e 26, nota-se que as participantes premiadas brasileiras e portuguesas obtiveram resultados semelhantes nas categorias Características pessoais cognitivas (6a na Tabela) e Fatores ambientais favoráveis à criatividade (9 na Tabela), ambos significativamente mais altos do que as participantes não premiadas. Concluindo, pode-se dizer que a 3ª hipótese da pesquisa foi rejeitada, pois não ocorreram diferenças significativas entre as brasileiras e portuguesas premiadas na análise do conteúdo, o que inclui o histórico de vida e o processo criativo dessas mulheres.

A fim de ilustrar a análise de conteúdo serão expostas as categorias/subcategorias e exemplos de respostas correspondentes das participantes premiadas de cada país. São elas:

1 - Brincadeiras na infância:

- Grupal, criação de brinquedos e jogo simbólico com materiais diversos:

“Não tinha quase nenhum brinquedo naquela época, então fazíamos bonecas e brincávamos. Brincávamos com cantigas de roda e passa anel... Também não tinha televisão!” (artista plástica brasileira A)

- Individual e jogo simbólico com materiais diversos:

“Eu era muito inventadeira! Então, eu tinha uma canastra que acho que era uma coisa de costura que a minha mãe ia jogar fora, eu peguei e lá eu tinha pedras, tinha penas, tinha canetas, tinha facas sem ponta, igual da Emília do Sítio do Picapau Amarelo. Eu adorava a Emília! No meu imaginário eu era a Emília (risos). Paixão pela Emília! Então, assim eu tinha o clube dos abobrinhas. Tudo no imaginário!” (ilustradora e escritora brasileira)

- Grupal e brincadeiras de rua:

“Gostava de rua! Nunca gostei de estar presa em casa... Portanto as brincadeiras eram bicicleta, era andar com os meninos... Nas férias era jogar na rua..”. (enóloga portuguesa)

- Individual, com carrinho, boneca, montagens de brinquedos:

“Uma coisa que é engraçado é que a minha mãe disse que eu gostava de brincar com carros. A minha mãe disse que era curioso que eu tinha bonecas e gostava de bonecas, mas gostava muito de brincar com carros. Também depois, quando era mais pequenina, cubos, legos...” (matemática portuguesa)

- Grupal, com natureza, animais, montagens de brinquedos, com carrinho:

“Brincávamos no campo, portanto era uma coisa muito com paus, com pedras e com folhas e com... Sei lá! Muita terra e coisas assim! No campo brincávamos muito com sapos! Sei lá! Com tanta coisa! Bichos! Depois mais tarde talvez aquelas coisas mais tradicionais. Tinha um irmão que gostava muito de construções, legos e pistas, carros e coisas assim... Nós fazíamos isto! Sim! Fundamentalmente era isso, mas não havia muito brinquedo comprado. Era pouca coisa assim de brinquedo comprado tirando os carrinhos, as bonecas e tal.” (arquiteta portuguesa)

2 - Comportamento na infância:

- Interesse específico e interesse por aprender:

“Quis ler muito cedo! Ficava louca pra ler! É lógico via aquilo tudo de livro (que o pai tinha em casa) e queria ler! Então, tbém via os coleguinhas indo pra escola e disse: “Há!” Que tbém queria ir... E no colégio eu me destaquei muito cedo assim com leitura, que eu já sabia ler, né! E sempre gostava de aprender muita coisa nova. Então eu lembro... Estava até

lembrando esses dias que nos meus aniversários de sete, oito anos, eu pedia pras pessoas de presente me ensinar alguma coisa. Eu tinha isso na cabeça, que queria aprender matemática, que eu gostava muito de matemática. De tudo isso! Queria muito aprender matemática! Porque ler eu já sabia! Então é isso que eu me lembro!” (docente Letras brasileira A)

- Interesse específico:

“Gostava de desenhar! Mesmo na escola primária desenhava muito... Isolava-me muito pra fazer aquarelas e pinturas.” (artista plástica portuguesa A)

3 - Comportamento na adolescência:

- Interesses esportivos/atividades físicas e destaque em habilidade específica:

“Quando teve um campeonato no colegial, a professora de educação física levou a gente pra participar e eu destaquei. Tinha até uma atleta que já era da seleção de XXX participando e acabei ganhando dela.” (consultora esportiva brasileira)

“Era mais pintura, mais desenho ou trabalhava muito neste sentido. Depois também nesta altura fiz ginástica, natação e fui atleta de alta competição com, tinha 11, 12 anos mais ou menos. Mas depois acabei até por deixar, porque não era aquilo que eu queria seguir. Porque não era aquele esforço que eu queria desenvolver e sempre tive, fui muito ligada a arte. Eu acho que também foi nesta altura que eu também ganhei um prêmio que teve-me aqui a revalia a recebê-lo, mas muito a base do desenho e da pintura”. (artista plástica portuguesa B)

- Interesses intelectuais:

“...adorava português, as aulas de contação de história, geografia, história e artes... Na adolescência me conscientizei da facilidade que tinha na

literatura. Eu escrevia compulsivamente e descobri um canal dentro da poesia.” (escritora infantil brasileira)

- Receio do ridículo e preocupação profissão:

“ Eu não gostava de ser percebida muito não no meio que eu tava. Então muitas vezes entrava muda e saia calada. Depois isso passa a mudar depois que eu vim fazer o curso de pedagogia e começo a lecionar.”

“Minha primeira opção era ser independente! Acho que desde uns dez anos o meu sonho não era sair de casa casando. Não queria reproduzir o que a minha avó, bisavó, minha mãe, todo mundo acabou fazendo...”
(docente Pedagogia brasileira)

- Preocupação casamento e profissão:

"O casamento tinha o mesmo patamar que a profissão. Era meta casar e ter filhos. Faz parte também!" (arquiteta brasileira)

- Preocupação profissão, interesses intelectuais/ artísticos:

“Gostava muito de ler e participava de muita coisa do Liceu, mas tudo girava em torno da pintura. Aos 15 anos pintei os cenários de uma peça do teatro feita pelos alunos do Liceu e participava do jornal do Liceu... Nunca pensava no futuro (sobre casamento), não pensava em namoro pra casar. Queria ser pintora. Tinha o objetivo de ser pintora.” (artista plástica portuguesa A)

- Destaque em habilidade específica:

“... à essa professora eu mostrei os primeiros poemas que fiz e ela gostou deles e publicou-os no jornal da minha escola, que era um jornal escrito em francês e em português, que eu já tava num colégio francês.” (escritora infantil portuguesa)

- Desobediência:

“Claro que era proibida também! (de ler Eça de Queirós) Sabe como que eu lia o Eça de Queirós? Eu deitava me cedo, tinha uma lanterna, punha assim no lençol (demonstra que cobria toda a cabeça com o lençol e apontava a lanterna pro livro) e lia o Eça de Queirós dentro da cama.”
(escritora infantil portuguesa)

4 - Interesse pela área de atuação:

- Na infância:

“Quando eu tinha uns oito ou nove anos. Sei lá! Por aí! Vinha sempre uma equipe japonesa jogar aqui em XXX contra a seleção brasileira. E eu fiquei assistindo o jogo debaixo da mesa ali no XXX e vi bem de perto e lembro que aquilo me encantou! Eu fiquei encantada com aquelas jogadoras, sabe! E aí eu falei: “É isso que eu quero ser! Ser jogadora de vôlei!”. E assim, na época vôlei não era nada, né! Não era profissão! (ex-atleta olímpica brasileira)

- Na adolescência:

“Logo desde muito criança, 12, 13 anos eu criei que ia fazer música e isso era o que me preocupava. ... com 12 anos, portanto decidi ir pra uma escola de música... E no Brasil (onde morou dos 12 aos 17 anos de idade) foi tudo um grande improviso no início e eu retirava-me para tocar e descobri ali a tocar até as coisas se avançarem.” (compositora de música clássica contemporânea portuguesa)

- Na fase adulta:

“Quando me formei em veterinária, comecei a trabalhar, e à noite, comecei a estudar pintura. Com o tempo, comecei a expor meu trabalho em Galerias de Arte e a trabalhar com as duas áreas. Uma amiga um dia

me disse que meu traço tinha características de ilustrações de livros infantis. Resolvi então ilustrar livros e faço isso até hoje. Depois veio a vontade de escrever livros. Hoje, escrevo e ilustro os livros...” (ilustradora e escritora brasileira)

5 - Mentores:

- Pai:

“Cursei Química na UFMG e doida pra sair dali, doida pra sair dali e o meu pai sempre: “Não! Primeiro tens que ver se tu gostas, se tu não gostas!”. E o meu pai dizia: “Vai pro profissional! Pode ser que tu gostes no profissional! E depois vou eu pro profissional e, realmente, depois tive um percurso acadêmico.” (química portuguesa)

- Mãe e pai:

“E, enfim, meus pais me influenciaram a iniciar no esporte! Eles sempre procuraram abrir o leque mesmo! Não foram eles que escolheram o esporte que eu deveria praticar. Eles me deram todas as opções e eu escolhi o que eu gostava mais. Eles sempre me incentivaram a praticar vários esportes...” (ex-atleta olímpica brasileira)

- Professor(a) e pai:

“Com relação aos professores, sempre exerceram uma grande influência pra mim né! Desde a escola e, particularmente, meu pai que é professor de inglês e, que eu cresci na escola dele. Então, fui alfabetizada por ele, embora ele não seja brasileiro né.” (docente Pedagogia brasileira)

6 - Características cognitivas:

- Originalidade:

“Prêmio Jabuti – 1º lugar na Categoria Comunicação para o livro XXX”
(docente Letras brasileira B)

“Melhor curta (pelo cenário) – Festival de cinema de Brasília, Melhor curta/ cenário/ fotografia – FestRio” (artista plástica brasileira B)

“Medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos e recordista sul-americana”
(consultora esportiva brasileira)

“Menção Honrosa - Jutta Cuny Franz Memorial Award - Museum Kunst Palast (Alemanha), Menção Honrosa - Prêmio Pintor Fernando de Azevedo - XXX Bienal de Artes Plásticas” (artista plástica portuguesa B)

“Prêmio Nacional de Inovação Ambiental” (química portuguesa)

“Prêmio Calouste Gulbenkian” (escritora infantil portuguesa)

- Imagens criativas/imagéticas:

“Eu tenho esta facilidade do tridimensional, então eu crio primeiro tudo no pensamento, tudo na minha cabeça.” (arquiteta brasileira)

“Então o consciente registrou uma imagem e essa imagem, quando você pegou o material na mão, ela vem a tona.” (artista plástica brasileira A)

“Eu não desenho (uma peça). Vou experimentando, imagino na cabeça e tenho a impressão que nunca tentei desenhar! Vai saindo, vai saindo... eu nunca desenhei nenhuma peça das que tenho feitas. Vai saindo e talvez não saibas como deve ser, mas tenho na cabeça e vou a desenvolvendo. Pego materiais e começo pôr pra cima e começo a jogar aqui e depois tenho que dar a interpretação à quem é que estou a fazer essa peça, sobre quem, sobre quê e sobre que sentimento.” (artesã portuguesa)

- Flexibilidade:

“Eu procuro dar soluções diferentes. Não gosto de coisa repetitiva.”
(docente Letras brasileira B)

“Eu gosto de fazer soluções diferentes pro mesmo... Por exemplo, pra esses poemas, o mesmo tema eu faço vários poemas diferentes, porque acho que pode ter muitas abordagens. Também faço, mas não publico, fins diferentes pra uma história. Faço 4 ou 5 fins diferentes. Gosto de ir inventando coisas né!” (escritora infantil portuguesa)

“Sim, por vezes (procura soluções diferentes). Portanto, eu neste aspecto sou, não sou muito linear. Tem um lado meu que respeita muito toda evolução da música, das linguagens, tanto em função das linguagens sobretudo, porque a música não evolui... . Por outro lado, gosto do lado experimental e gosto de novas situações e gosto de sentir que estou a trabalhar num laboratório experimental. E, portanto, eu penso que tenho dois lados que interagem e que é como se fossem dois elétrons. Por exemplo, no meu ciclo XXX eu tive, tava a trabalhar com eletrônica e com instrumental e a minha idéia foi que houvesse material eletrônico e instrumental que interagisse.” (compositora de música clássica contemporânea portuguesa)

“Procuro sempre dar soluções diferentes. Não gosto de fazer nada igual!”
(enóloga portuguesa)

- Ausência de preconceito:

“... tá com a mente aberta pra, pra observar tudo, né! E nada você discriminar ou falar o que tá certo ou o que tá errado, né?!” (artista plástica brasileira A)

“Então eu costumo não ter preconceito com relação a nada e por mais estranho que aquilo seja eu gosto de achar uma solução, né!” (arquiteta brasileira)

“Olha! Eu acho que no meio esportivo você encontra de tudo um pouco! Eu nunca discriminei! Sempre aceitei, é, cada um! E a gente convive com muitas pessoas de muitos países...” (consultora esportiva brasileira)

- Persistência:

“E às vezes eu olho pra aquilo e falo assim: “Meu Deus, isto não tem solução! Não tem solução! Não tem solução!” Mas até hoje não teve nada que não achasse solução dentro da minha profissão, né!” (arquiteta brasileira)

“... ainda tive que convencer meu orientador clínico. Na altura quando surgiu a idéia tive que o convencer, porque ele disse: “Há! Isto aqui não presta! Alguém já havia de ter feito isto!” Na altura foi curioso! E depois quando tive a primeira reunião ele não ficou muito convencido, mas depois mais a frente comecei a mostrar-lhe mais coisas e ele ficou convencido e foi curioso que depois ficamos ambos muito entusiasmados igualmente e, portanto, os dois queriam saber o quê que dava né!” (matemática portuguesa)

“Não procuro dificuldade, procuro meu caminho, que às vezes é muito difícil e às vezes sou teimosa e consigo passar pelas dificuldades.” (artista plástica portuguesa A)

- Fluência:

“Tudo eu crio, crio, aí eu falo assim: “Agora eu tô pronta pra desenhar!” (arquiteta brasileira)

“Eu tenho muito mais idéias do que eu coloco em prática.” (ilustradora e escritora brasileira)

“E eu tenho uma produção muito grande de artigos. Por exemplo, este ano eu publiquei 12 artigos, quase um por mês.” (química portuguesa)

- Linguagem metafórica/analogia:

“As raparigas sentavam-se todas numas cadeiras e depois os rapazes vinham, convidavam-nas pra dançar e eu pensei: “Isto é uma espécie de uma feira de gado! Está o gado em exposição e então o comprador de gado vê: “Quero esta vaca, quero aquela cabrita, quero aquela égua...” (escritora infantil portuguesa)

“Vou lhe dar um exemplo. Hã! Vou fazer uma analogia! Imagina um escultor que quer fazer uma escultura em madeira e tem uma idéia, mas depois vai ter que realizar essa idéia. Então quando ele vai escolher a madeira e ele já está ali, a idéia é importante. Ele vai escolher uma específica madeira. Mas na música é tudo muito abstrato, não existe, mas já está com idéias...” (compositora de música clássica contemporânea portuguesa)

7 - Características de personalidade:

- Expressão de emoção:

“Com meus desenhos e histórias tento levar um pouquinho do que sinto pelos animais pelo meio ambiente em que eles e nós dividimos.” (ilustradora e escritora brasileira)

“Até então sou uma mulher muito realizada e feliz!” (se emociona e algumas lágrimas escorrem pelo seu rosto). (artista plástica brasileira A)

- Independência de julgamento:

“Eu, na verdade, nunca me preocupei com isso! (com a opinião dos outros). Até porque assim, as meninas que tinham lá na fazenda falavam assim: “Ai! Você vai praticar esse esporte!? Fica masculinizado o corpo!” Eu não tava nem um pouco preocupada! Eu queria ganhar mais medalhas

e se o corpo ia ficar masculinizado, eu não tinha essa preocupação! Nunca!” (consultora esportiva brasileira)

- Alta energia:

“Mas só acontece (o surgimento de idéias), porque tem uma energia! Não é assim de graça! Coloco as questões!” (docente Letras brasileira A)

“Se eu acho que tô perdendo tempo, então é melhor eu fazer! Então eu tenho dificuldade de trabalhar em equipe se as pessoas não estiverem no mesmo ritmo.”

“Eu sou muito rápida e faço dez coisas ao mesmo tempo.” (arquiteta brasileira)

“Por exemplo, quando estou a pensar numa coisa e de repente tenho uma idéia qualquer, sinto um entusiasmo e de repente aquilo parece que... É assim uma espécie de energia! Que de repente há uma idéia boa e é assim como se fosse uma energia: “Há! Que boa idéia! Isto é capaz de resultar!” E então daí começa a se desenvolver uma energia que influencia as pessoas se calhar que estão ao lado, mas, quer dizer, é uma espécie de motivação interna!” (arquiteta portuguesa)

- Autoconfiança:

“As minhas idéias são... Tenho a sensação de que quando elas forem colocadas na prática, vai dar tudo certo!” (atleta master brasileira)

“... tenho uma idéia muito precisa do que quero.” (compositora música clássica contemporânea portuguesa)

- Busca pelo desafio/desejo de correr riscos:

"Então, eu gosto de coisa nova, eu gosto de desafio. Eu adoro um cliente que me pede um negócio e que nunca pensei sobre aquilo." (arquiteta brasileira)

"Na verdade sempre gostei de desafios! Sempre gostei! ...na verdade essa questão de eu ser hoje consultora esportiva... Isso não estava nos meus planos. Eu achava que ia ser igual a todo mundo. Você é atleta, depois você vira treinador! Eu nunca gostei muito dessa coisa de ser treinadora. Então foi que eu comecei fazer curso pra ser consultora esportiva." (consultora esportiva brasileira)

"Estou sempre a entrar em desafios e como considero a minha arte como desafio, cada quadro é um espaço novo onde desenvolvo minha imaginação e a minha reflexão sobre o mundo. E como eu e o mundo estamos sempre em mudança o meu trabalho acaba por ser uma surpresa para mim própria." (artista plástica portuguesa A)

"Eu gosto de desafio! Isso é verdade! E claro, talvez quando os desafios são são mais difíceis, tornam-se mais aliciantes." (química portuguesa)

- Inconformismo:

"E essa questão assim, eu não me conformo com as coisas, entendeu?! Eu acho que isso é o principal! Eu não me conformo! Não tem que tá daquele jeito! Por exemplo, eu fico indignada com o que tá acontecendo com a Amazônia e aquele poema saiu..." (ilustradora e escritora brasileira)

"Existe um movimento do impressionismo que é o estilo que mais mexe comigo, é o mais revolucionário!" (artista plástica brasileira A)

- Liderança:

"...um jovem chegou e falou: "Você é um exemplo! Quero ser assim! Quero trilhar o seu caminho!" Então eu fico orgulhosa de saber que tem

outras pessoas que se inspiram pra seguir a caminhada né!” (docente Pedagogia brasileira)

“Você vê que, que passa 20, 30 anos e tem pessoas te seguindo nesses 20, 30 anos... Essas pessoas voltam, porque elas me seguem e acreditam nas coisas que ensino e que faço.” (artista plástica brasileira A)

“Dou ordens muitas vezes na apresentação do trabalho – exposições, obras públicas, onde o trabalho é grupal. Eu que decido, tomo decisões e o grupo tem que acatar de acordo com as minhas necessidades.” (artista plástica portuguesa A)

“Eu prefiro dar instruções diretivas do que receber ordens, embora receber também seja às vezes importante, mas dado o meu processo de trabalho, a coisa é um bocado mais ao contrário. É mais no sentido de eu dar diretivas do que receber. É um trabalho em equipa, mas que tem sempre uma origem e a origem parte sempre de mim. Eu não tenho sócios, eu trabalho sozinha. É um pouco sempre de mim pra os outros e depois os outros vêm e intervêm. Mas primeiro sai de mim pra os outros.” (arquiteta portuguesa)

- Sensibilidade interna/empatia/intuição:

“A minha intuição é muito forte e essencial ao meu trabalho.” (escritora infantil brasileira)

“Eu sigo muito a minha intuição e acho que ela é bastante aguçada, né! Eu consigo visualizar muita coisa antes de acontecer, problemas e soluções... Sem dúvida! Tenho essa característica que é muito positiva pra mim, eu acho!” (consultora esportiva brasileira)

“Eu dou muito espaço à intuição, porque sei que ela vem de um conhecimento que já foi trabalhado. E não é por acaso que eu intuo isto ou aquilo e, portanto, tenho às vezes que mergulhar nesta intuição e ver

como é que eu desenvolvo esse material que escrevi intuitivamente e qual é o pensamento que está por trás dele. E, portanto, é que andamos pra trás e pra frente em nós próprios e na nossa história!” (compositora música clássica contemporânea portuguesa)

“Eu acho que é mais intuição! Nosso trabalho não é muito racional. É às vezes até irracional, não é! É difícil de advir da própria arte, então se formos pensar racionalmente não fazíamos...” (artista plástica portuguesa B)

- Fantasia:

“Então fiz um livro que até teve bastante êxito que se chama “XXX”... Que é sobre uma princesa a quem aconteceu uma maldição. A princesa nasceu e então os pais pediram 3 fadas para fadarem...” (escritora infantil portuguesa)

“ “XXX” eu escrevi de repente, surgiu a idéia e escrevi a história de um porco que só queria saber de ganhar presentes” (ilustradora e escritora brasileira)

- Abertura ao novo (openess):

“Eu gosto de descobrir alguma coisa que a gente ainda não sabe. Uma coisa que já tá claro pra todo mundo eu acho que é chato.” “Eu não gosto de coisa repetitiva, coisa que eu já sei, que eu já entendi. E isso pra dar aula é meio complicado! Você deveria explicar a mesma coisa muitas vezes e eu não gosto. Então eu mudo muito a disciplina que eu tô dando, que eu acho ali que já tá fácil eu não quero mais, acho sem graça.” (docente Letras brasileira B)

"Primeira coisa – eu odeio rotina! Então por isso que eu sou autônoma. E a única rotina que eu consegui ter na vida era quando eu dava aula, que eu tinha os horários de dar aula, mas mesmo assim eles mudavam a cada

seis meses e eu adorava essa mudança. Então eu tenho uma agenda, mas a minha agenda é assim altamente mutável. Altamente! E eu sou feliz assim! Se eu tiver que fazer uma rotina eu não conseguiria." (arquiteta brasileira)

"Tem sido um aprendizagem nestes últimos 2 anos em que estou a trabalhar no espetáculo e que tenho que interagir com outras idéias e com outras abordagens. Tem sido uma grande aprendizagem!" (compositora música clássica contemporânea portuguesa)

"Eu não gosto de rotina! Pronto! Isto aí já responde!" (artista plástica portuguesa B)

- Ludicidade/uso do humor:

"Um dia por brincadeira escrevi um livro para crianças que era a "XXX" (primeiro livro infantil da autora). Fui à uma editora por onde eu já tinha feito algumas traduções... E depois pra minha sorte ou pro meu azar pretenderam atribuir aquele livro o maior prêmio de literatura infantil que era o prêmio XXX." "Também fiz um poema sobre o XXX, outros sobre assim, meio humorístico, com coisas um bocado humorísticas, engraçadas." (escritora infantil portuguesa)

8 - Motivação intrínseca:

- Automotivação:

"A busca de você trabalhar com desafios diferentes todo dia pra solucionar casas pra pessoas diferentes, situações diferentes é o que motiva..." (arquiteta brasileira)

"O que é que sou eu senão uma formiga no universo! Sou uma formiga no universo! Não me interessam nada se me reconheçam ou deixem de

reconhecer, porque sou formiga e uma formiga que não consegue viver sem escrever!” (escritora infantil portuguesa)

“... sempre a estar satisfeita com aquilo que está a fazer não é! Ter algum prazer naquilo que está a fazer! ...nós temos gosto naquilo que fazemos...” (arquiteta portuguesa)

- Aperfeiçoamento contínuo:

“Houve uma evolução! Então, assim! Eu acredito no desenvolvimento pelo trabalho, entendeu? Você vai sempre melhorando! E depois que eu parei de jogar, enfim, entrei no comércio. Também comecei dando cabeçada, errando muito e você vai aprendendo. Não tem outro jeito! Eu acho que a vida da gente é desse jeito! É um treino constante e o tempo inteiro praticando pra ir melhorando!” “Cada dia você melhorar um pouco, porque é um trabalho de formiguinha! ...amanhã tá melhor do que hoje e depois de amanhã tá melhor que amanhã! Assim, no sentido de evoluir!” (ex-atleta olímpica brasileira)

"Então, olhando a vida profissional, houve um direcionamento! E aí claro! Você vai se aperfeiçoando naquilo e o reconhecimento vai aumentando, porque você fica focada numa... Profissionalmente eu evolui muito!" (arquiteta brasileira)

“A mudança é constante! Eu fui mudando como pessoa e a minha pintura foi mudando. Neste momento há um amadurecimento maior.” (artista plástica portuguesa A)

“...há mais experiência, já há mais certezas de certas coisas, já há mais segurança em algumas coisas... Houve uma evolução, mas não é uma evolução tão grande quanto eu gostaria, porque ao mesmo tempo que nós vamos ganhando experiência... Mas isto também tem haver com as condições gerais da nossa atividade e da nossa profissão! Estamos sempre a esperar na medida que vamos crescendo profissionalmente,

que também o grau, o interesse dos trabalhos, o reconhecimento dos trabalhos, etc, também aumentem na mesma proporção, mas isto não acontece assim! Até acho que não evoluí tanto como gostaria! Eu acho que não evoluí tanto quanto eu gostaria de ter evoluído no sentido, não é o dinheiro, é crescer, no sentido de poder usar aquilo que tenho! Vamo lá ver! Eu quando comecei a trabalhar eu acho que usava 80% da minha capacidade, eu acho que hoje uso 30%! Eu poderia usar muito mais se tivesse muito mais trabalho, muito mais encomenda! (contexto devido a crise econômica de Portugal). Portanto eu sinto aquém daquilo que eu poderia fazer!” (arquiteta portuguesa)

- Desenvolvimento potencial:

“Você nunca tá pronta 100%! Você pode até chegar perto desse 100%, mas sempre tem uma margem pra melhorar.” (Dentre outros títulos, ganhou como melhor jogadora do campeonato italiano e melhor recepção Superliga na modalidade de vôlei) (ex-atleta olímpica brasileira)

“Eu posso dizer que hoje sinto-me no auge da minha carreira científica!” (além de trabalhar em parceria com pesquisadores de várias universidades internacionais, a participante vem sendo solicitada pra ser avaliadora em instituições de renome da Espanha, Bélgica e Brasil) (química portuguesa)

“Me considero uma pessoa ambiciosa... E sempre pensei neste momento que estou aqui, mas quero ir mais longe! E sempre fui andando e saltando pra chegar mais longe. Pronto! Sou trabalhadora! Me considero uma pessoa muito trabalhadora e sempre fiz com que os outros vissem isso em mim e que acreditassem em mim e nas minhas capacidades. E isso aconteceu! Neste momento estou numa situação profissional muito boa.” (ocupa cargo de direção no depto. de enologia de empresa produtora de vinho) (enóloga portuguesa)

- Missão criativa/paixão pelo que faz:

“Intuitivamente eu sabia que tinha algo importante a realizar para mim e a apresentar e oferecer caminhos para os jovens construírem trajetórias significativas.” (escritora infantil brasileira)

“Tenho vontade de querer que as pessoas vivam e saiam fora daquele “quadrado”, porque na vida tudo é possível! Aí sim uso a minha experiência, o meu knowhow e a vontade que as pessoas tenham um pouquinho da felicidade que eu tive no esporte!” (atleta master brasileira)

"Então o meu objetivo era ser professora, mas uma professora que ajudasse o jovem, ajudasse a pessoa se encontrar na arte... Eu queria muito construir um espaço cultural, uma galeria, algo que, que fosse grande, que fosse bom, que ficasse pra humanidade!" (artista plástica brasileira A)

“Eu tenho uma coisa comigo! Eu tenho que passar pra frente isso! (experiência adquirida no esporte). Eu não posso levar isso comigo! Tenho que deixar um legado! Então sempre que eu vou fazer um projeto é assim, eu quero fazer, iniciar com as crianças! Eu quero passar pra elas toda experiência que eu adquiri ao longo desses anos pra que elas tenham uma oportunidade! A que eu tive! Eu posso não conseguir levar todas, mas eu vou tentar levar o maior número delas pro caminho do esporte!” (consultora esportiva brasileira)

“Acho que é muito importante primeiro de tudo amar o que se faz. O essencial é gostar do que se faz e amar o que se faz! O maior prazer que eu tinha na vida era passar o valor pros jovens, mas nunca tive possibilidades disso, principalmente em Portugal! Isso me dói um bocado! Sabe-se de tanto curso! Por que não se abriu nenhum curso, por exemplo sobre a história da renda da cana que está a desaparecer? Pontos tradicionais! E aí dói-me um bocado, dói-me um bocado da alma! Poderia ser transmitida aos jovens a cultura popular!” (artesã portuguesa)

“Procurar junto das crianças em geral, nas escolas como lhe digo, fazer com que elas sintam como é importante não só ler, porque quem me convida é para incentivá-las a ler. Não é só ler, é comunicar e compreender os outros e saber relacionar-se. Acho isso mais importante! Tanto faz que seja na escrita, por música, tanto faz que seja por um abraço, tanto faz que seja por linguagem gestual. Qualquer maneira!”

“O melhor prêmio pra mim é ir às escolas e ver que os miúdos gostaram daquilo que eu fiz e que aquilo ascendeu alguma chama neles!” (escritora infantil portuguesa)

- Curiosidade:

“O que motiva o desenvolvimento de uma idéia é a curiosidade sobre determinado assunto.” (docente Letras brasileira A)

“Então o que me motiva desenvolver uma idéia, projeto, é a curiosidade!” (docente Letras brasileira B)

“Na arquitetura eu sou 100% digital e estou sempre procurando algum mecanismo novo...” (arquiteta brasileira)

“Se há um problema que não está resolvido e afeta muitas pessoas quero ver se aquilo funciona, se vai fazer diferença. Tenho curiosidade pra saber se aquilo vai funcionar ou não.” (matemática portuguesa)

- Necessidade interna:

“É uma coisa interna, não tem jeito! É muito engraçado isso! Não sei te explicar!” (ilustradora e escritora brasileira)

“A grande influência e alavanca para a escrita foi a necessidade de expressar-me.” (escritora infantil brasileira)

“É sobretudo por grande necessidade de exprimir como artista e como pintora. É uma urgência em fazer! De tal maneira que quando fico muito tempo sem pintar, fico incomodada, nervosa.” (artista plástica portuguesa A)

“Uma das razões às vezes que me faz mais escrever é quando tô realmente numa crise psicológica como aquelas pessoas que estão no psicanalista ou que tomam alguma droga... Não é o meu caso! E então, qual é minha droga? A droga pra mim é escrever!” (escritora infantil portuguesa)

9- Motivação extrínseca:

- Reconhecimento social:

“Nunca consegui ter o destaque que eu gostaria como artista, entendeu! O meu desafio é buscar reconhecimento né!” (artista plástica brasileira B)

“É claro que quando você está fazendo um esporte, você acaba querendo um reconhecimento... Que as pessoas reconheçam que você joga bem!” (ex-atleta olímpica brasileira)

“O reconhecimento é muito importante como estímulo para continuarmos nesse processo...” (compositora música clássica contemporânea portuguesa)

“O que me faz criar um vinho é o sucesso e o reconhecimento. Você provar meu vinho e dizer que é maravilhoso e que nunca tinha provado nada assim. Pra mim é um reconhecimento e fico contente!” (enóloga portuguesa)

- Compartilhamento:

“Pra mim é a partilha! Como eu gosto de trabalhar muito com outras pessoas e pessoas diferentes em locais do mundo diferentes, pra mim é a partilha.” (química portuguesa)

- Demandas externas/encomendas:

“Sempre fui movida por objetivos, em cima de metas. As pessoas me perguntam: “Você não joga mais nenhuma bolinha?” Eu digo: “Não! Não sinto motivada! Não tem meta!” (ex-atleta olímpica brasileira)

“Também há demandas externas, convite externo sobre um assunto em que nunca trabalhei.” (docente Letras brasileira A)

“A maior parte das vezes, digamos que 90% das vezes a minha obra vem de encomendas. Por exemplo, se eu vou ter uma encomenda da orquestra XXX, sei que vou escrever para a orquestra XXX, portanto o efetivo é aquele. (compositora música clássica contemporânea portuguesa)

“As motivações muitas vezes vem do exterior – quando um escritor pede ilustração de livro e uso as minhas pinturas. Do teatro do Shakespeare, obras, teatros, painéis de azulejo, em obras como teatros na Rússia – encomendas.” (artista plástica portuguesa A)

10 - Condições que influem no processo criativo:

- Tempo (clima):

“Antigamente escrevia em dia chuvoso, hoje em dia não. Na poesia percebo que escrevo mais em dia nublado ou chuvoso.” (escritora infantil brasileira)

“Quando o dia está ensolarado.” (artista plástica brasileira A)

“Gosto mais do tempo chuvoso e nebuloso que é um convite à interiorização.” (artista plástica portuguesa A)

“O sol, muito mais o sol! Acho que o tempo influencia imenso!”
(matemática portuguesa)

- Condições ambientais:

“Eu preciso de um ambiente ideal, então eu tenho que ficar com tudo certo, pronto aqui na minha casa, tudo em ordem, as crianças (filhos)...”
(ilustradora e escritora brasileira)

“Preciso de luz e clareza pra desenvolver uma idéia, pro processo de trabalho.” (docente Letras brasileira A)

“O trabalho está mais dirigido pra uma resposta mais normalizada e menos criativa. Portanto, pra nós conseguirmos fazer uma coisa criativa hoje é muito mais difícil como era há alguns anos atrás. Temos menos liberdade de criação por tanta norma, norma europeia e tanta coisa que nos impede de propor... A medida que nós vamos sendo mais conhecidos, temos mais trabalhos, temos mais prêmios, temos não sei o quê, essa evolução não acompanha! Por muitas razões! Uma delas pode ser a crise econômica! Outras tem haver com, se calhar, aquilo que nós desenvolvemos e que não é aquilo que a sociedade quer... Há um desencontro relativo aquilo que a gente espera e aquilo que a sociedade quer.” (arquiteta portuguesa)

“Pra mim tem influência! Porque artes plásticas... Detesto cigarro, detesto sítios (lugares) fechados! Eu gosto muito de luz natural! A luz natural é muito importante!” (artista plástica portuguesa B)

- Período do dia:

“Sou mais produtiva na parte da manhã.” (artista plástica brasileira A)

“De manhã prefiro a produção mais intelectual e a noite, madrugada o fazer artístico.” (artista plástica brasileira B)

“Se é poesia, por exemplo, eu acordo cedo, lá pras seis e tal da manhã. Então é a altura que me vem muitas idéias. Eu às vezes até sonho poesias e até acordo com as poesias todas feitas com métricas, rimas e tudo! E se as escrever elas estão feitas. Se deixo passar 5 minutos elas desaparecerão. Então quando acordo deixo-me até ficar na cama que é pras idéias me virem!” (escritora infantil portuguesa)

“Mais tarde e noite. De manhã não funciona!” (artista plástica portuguesa B)

- Sono:

“Nem vou dormir! Sou capaz de passar a noite acordada! Porque eu não quero interromper, porque eu não tenho a certeza de quando voltar estou (estarei) na mesma linha de sensibilidade, pensamento...” (escritora infantil portuguesa)

“... às vezes sonho com estréias, obras que nunca escrevi e que estão lá! Isso é uma coisa que nunca compreendi, mas que acontece! Já sonhei 3 ou 4 vezes com estréias, novas orquestras que nunca escrevi, mas que estão vivas no sonho e que existem do início ao fim.” (compositora música clássica contemporânea portuguesa)

“Às vezes acordo na madrugada para anotar um verso. Se não anotar, ele pode se perder para sempre.” (escritora infantil brasileira)

“Acontece muito de ter idéias boas enquanto durmo, mas quando saio daquela coisa prazerosa, a realidade de ter que cuidar de filhos... te limita na criatividade.” (artista plástica brasileira A)

- Alimentação:

“Interfere! Quando pinto esqueço do tempo para comer” (artista plástica brasileira A)

“Às vezes como mais e às vezes como menos.” (docente Letras brasileira A)

“Fico sem comer! Não posso interromper!” (escritora infantil portuguesa)

“Tanto posso não comer nada como dá pra acabar com aqueles chocolates todos!” (artista plástica portuguesa B)

- Processo de incubação:

“As idéias acontecem o tempo todo... Eu só vou desenhar depois que eu tô com uma coisa 80% formatada entendeu? Eu vou pro papel esmiuçar e então eu fico... Aí eu guardo em alguma gaveta lá, porque se alguma coisa precisar da minha atenção aí eu volto. Feito o desenho, eu vou detalhar ele tecnicamente inteirinho com essa ajuda (da filha que também é arquiteta). Vai e volta, vai e volta e veio, aí eu finalizo! Finalizo todo o pacote e envio pro cliente.” (arquiteta brasileira)

“Então eu gosto depois que tenho a idéia, vamos supor, deixo descansar um pouquinho e aí tento trabalhar a lógica daquilo, quais são os pressupostos...” (docente Letras brasileira A)

“Experimentando! Portanto quando já penso num produto, num vinho diferente, penso como chegar à isso! E então como estava a dizer, temos uma vez por ano para experimentá-lo, para fazer. É! Posso dizer que há dois vinhos – uma marca que é a XXX, em que tive 3 anos de teste até chegar ao lançamento do vinho. A colheita tardia do tinto que também há um valor em Portugal, que praticamente não há vinho nenhum (tinto). Aquela garrafinha pequenina (aponta uma garrafa de vinho tinto) tive 4 ou 5 anos até produzir esse produto! Portanto, pensei nele e comecei a tentar

fazê-lo e depois, pois as coisas... Felizmente consigo fazê-las!” (enóloga portuguesa)

“Quando eu tô a fazer um trabalho que tenho em mente e que não tá a sair aquilo que eu quero, que descrevi na minha mente, atiro pro lado e sou capaz de pegar nessa peça 3 ou 4 meses depois. Tá a perceber?! E trabalhar em cima da peça depois.” (artesã portuguesa)

- Insight:

“As idéias vão surgindo todo o tempo, em qualquer lugar e a qualquer hora do dia, da noite ou da madrugada, não importa o que esteja fazendo.” (escritora infantil brasileira)

“Fico incubando, acontece! Às vezes eu sento pra ler, eu acordo pra ver os exames do meu marido e tô no computador, vejo meus e-mails e aí vejo alguma coisa e aí “Hã!” (artista plástica brasileira B)

“Fiquei num hotel super gostoso! Aí tava tão assim confortável, gostoso, sozinha, noite! E eu não gosto de assistir televisão e fiquei sozinha naquele quarto gostoso, silêncio... Assim que deitei “Tum!” Deu idéia do livro, uma coleção! Escrevi uma coleção inteira! Fiquei até onze e meia da noite escrevendo a coleção inteira em duas, três horinhas, porque são textos curtos pra criança. Aí cheguei (no Brasil), levei pro produtor e ele gostou. Agora já illustrei e vai sair a coleção.” (ilustradora e escritora brasileira)

“A primeira idéia, aquela que tento agarrar, me dá força, vem de um modo por vezes que não é necessariamente musical. Portanto eu por vezes posso ter uma idéia quando estou a ver um quadro ou estou a ler um poema ou posso me inspirar, por exemplo, num autor como fiz agora num ciclo de Shakespeare. Foi através dos instrumentos de Shakespeare que cheguei depois a idéia de todo ciclo. Portanto o estímulo, aquele primeiro estímulo que me dá a idéia pode vir muitas vezes das artes visuais, da literatura ou da poesia, enfim, poesia em particular. Depois que tenho algo

bastante concreto, depois quando eu começo a ter a fase de aquisição da matéria, como que a obra, a questão do material musical, eu passo por uma fase mais abstrata. Digamos que é um pouco a matéria em si e depois volto pra uma fase mais concreta.” (compositora música clássica contemporânea portuguesa)

“Eu acho que já aconteceu de tudo! (no surgimento de uma idéia). Quer dizer, tudo pode ser possível! Já aconteceu de eu estar no máximo do estresse, preocupada com coisas e de repente lembro-me de uma idéia que pode resultar. Como já aconteceu de estar a sonhar, estar de férias e acordar: “Há! Lembrei-me disto e tal!” Não há uma regra!” (arquiteta portuguesa)

- Fluir (*flow*):

“Vivo intensamente o que faço! Então você não tem que pintar a mesma coisa que você pintou ontem ou que você criou ontem! Ontem foi a cria de ontem! Hoje é a cria de hoje! Amanhã ao futuro que pertence, né! Então, essa mudança ocorreu, eu gostei e gosto até hoje! Cada coisa que vai surgindo pra mim tem sido uma experiência fantástica! Fico muito feliz, me satisfaz muito, cada dia, cada cria, cada coisa.” (artista plástica brasileira A)

“Enquanto estou em processo de criação vivo intensamente o trabalho. Toda minha força e energia está no trabalho!” (artista plástica portuguesa A)

“Eu acho que é uma satisfação de poder criar cada dia uma coisa diferente, de exercitar a criatividade.” (arquiteta brasileira)

“Às vezes aparece uma palavra... Por exemplo, uma palavra qualquer e aquela palavra de repente fica assim, repetiste aquela palavra, a palavra gira e prendo nela. Eu posso não ter até idéia nenhuma e pegar nela e começar com ela uma história, um poema. Só porque aquela palavra foi uma espécie de um happening e não sei onde vou ter. Não sei se vou

escrever sobre isto ou sobre aquilo ou sobre aquilo, outro. E gosto de deixar às vezes o subconsciente andar a vontade e então pode acontecer muitas coisas não é! Claro! Chega uma altura que nós vemos que as coisas já tem uma determinada direção. E então aí já a pessoa começa a ter talvez um sentido um pouco crítico. Mas gosto de pensar, por exemplo, embrenhar-me numa floresta, meto-me por um atalho e é como se fosse a palavra. Aquele primeiro pezinho que eu ponho aqui é como se fosse a primeira palavra. E depois vou andando e não sei por onde vou ter! Posso encontrar pessoas maravilhosas, bichos extraordinários, árvores fantásticas, seres inimaginados. Posso encontrar também um assassino, posso encontrar... Tudo pode acontecer! E digo-lhe que acho isso uma sensação boa! Nós pensarmos que estamos a criar o mundo.” (escritora infantil portuguesa)

- Solidão/isolamento:

“Gosto de trabalhar sozinha e preciso mesmo de silêncio e de solidão. O que não quer dizer que não faça coisas em grupo.” (escritora infantil portuguesa)

“Só gosto de trabalhar sozinha, muito solitária e em silêncio. Detesto barulho! Daí o processo de isolamento e de grande introspecção e de encontro com coisas que vem ao encontro à mim com o mundo desconhecido. E o encontro com o desconhecido que é maravilhoso na arte.” (artista plástica portuguesa A)

“Eu tenho necessidade de trabalhar sozinha, porque preciso ter muita concentração.” (docente Letras brasileira A)

“... a hora que eu sento (pra desenhar ou escrever) eu me desligo do mundo. Enquanto eu não encontrar essa condição, desse mundo que eu fecho assim e ficar só no imaginário, sabe...” (ilustradora e escritora brasileira)

11 - Fatores ambientais favoráveis à criatividade:

- Diversidade sociocultural:

"Até a pré-adolescência eu vivi na fazenda e depois de lá sai pra estudar em São Paulo... O Japão foi pra mim, enfim, o passo principal pra minha carreira!" (tbém já morou no Canadá e Estados Unidos) (artista plástica brasileira A)

"Minha infância é um pouco peculiar, porque uma parte estive em África e depois fui pro Brasil. Nós tivemos que sair de Moçambique por causa da guerra... Cheguei ao Brasil com treze anos, no começo da minha adolescência." (química premiada)

"Depois quando eu tinha 5 anos me puseram num colégio inglês. Aos 10 anos passei pra um colégio francês... No colégio inglês tive algumas colegas que eu gostava depois perdi-as porque fui pra outro. Quando tinha 11 anos fui pra outro, pro Liceu. No Liceu eu não tinha amigas íntimas. Sabe por quê? Porque eu achei que ia pra um mundo diferente, porque o meu Liceu ficava situado num bairro operário, o que foi bom pra nós conhecermos todo o gênero de pessoas e os problemas de todas as pessoas e isso, não é! Mas eram pessoas muito diferentes daquelas que eu tinha contatado, porque as minhas outras colegas eram filhas de diplomatas, como estrangeiros eram pessoas diplomadas, profissionais liberais" (escritora infantil portuguesa)

- Socialização:

"... e gosto muito de trabalhar em grupo. Gosto muito de gente em volta!" (artista plástica brasileira A)

"Prefiro trabalhar em grupo! Quase sempre eu trabalho em grupo com os pesquisadores ou com os alunos." (docente Letras brasileira B)

“Todos os projetos que estou a fazer agora são desafiadores e são diferentes. Estamos a trabalhar com a Medicina, a trabalhar com a Biologia e tenho um trabalho com o Porto (universidade do Porto) na área da catálise.” (química portuguesa)

“Nos últimos anos tenho começado a fazer os espetáculos multimídia que me levou a interagir com outras áreas, precisamente nas artes visuais.” (compositora música clássica contemporânea portuguesa)

- Cultivo de valores:

“Com os alunos sim (tenta os convencer sobre suas convicções). Aí eu gosto de discutir com eles, mostrar coisas que já estão ultrapassadas, mostrar coisas que são bons caminhos na nossa área.” (docente Letras brasileira B)

“Olha! Quando eu tenho oportunidade eu tento conduzir pra que os meus técnicos tenham uma linha de conduta em relação a respeito, a comportamento em relação ao que é o atleta...” (atua como diretora de vôlei em clube) (atleta master brasileira)

“Eu tento convencer os mais novos e os mais velhos sobre minhas convicções! (risos) O modo depende! Há alturas que eu sou chata e insistente e há outras alturas que eu sou, tento convencer pelos argumentos, pelo... Sei lá! Pelos desenhos! Tem muita maneira de fazer! Porque eu acho que o que estou a propor é o melhor pra o caso!” (arquiteta portuguesa)

“Sim! Acho que na atitude que tenho perante os meus alunos eu estou a transmitir os meus valores. Isto aí eu não tenho dúvida nenhuma!” (química premiada)

- Contato com a natureza:

*“...quer me dar uma alegria é poder ir lá no sítio com as crianças (filhos).
(ilustradora e escritora brasileira)*

“Gosto muito da natureza e dos animais. Não posso passar muito tempo sem bichos de estimação.” (escritora infantil portuguesa)

- Modelo do pai:

“E o meu pai sabia muitas lengalengas, trava línguas, poemas. Tanto poemas populares como poemas eruditos... Eram os poemas que ele gostava e que ele me recitava. Eu adorava ouvir aquilo, porque comecei a entusiasmar-me pela sonoridade da língua e por esta parte encantatória que já não tem tanto haver com o secular significado.” (escritora infantil portuguesa)

“O meu pai era, tinha um comércio aberto e entretanto se viu a abrir uma garrafeira de vinhos. Tinha eu treze anos de idade. Tinha uma loja de vinhos e começar frequentar vários cursos e pro seu próprio conhecimento, prova de vinho, etc. E foi fundador de uma, da confraria dos enófilos de XXX, que no fundo é um grupo de pessoas que gostam muito de vinho e movem-se a volta disso. Eu o acompanhei!” (enóloga portuguesa)

- Modelo da mãe e do pai:

“O fato da minha mãe sempre trabalhar também é um espelho, é uma influência... Então, nós fomos criadas, todas as filhas pra ser independente e trabalhar. E o meu pai, apesar de ser advogado, era construtor.” (arquiteta brasileira)

“Meu pai em termos de profissão, era professor universitário por excelência. Era um investigador de pura excelência e muito do que eu sou é realmente referência dele. No Brasil ele descobriu uma pedra que existe no Brasil e que levou o nome dele – XXX. Depois vou lhe mostrar na internet! Como investigador e como pessoa humana eu tenho admiração

pelo meu pai excepcional! Mas, também pela minha mãe, porque minha mãe tem a particularidade de ter sido a primeira mulher negra da Madeira que tirou um curso!” “Eu quando me formei na Química era pra seguir os passos do meu pai. Meu pai é geoquímico e especializado em geoquímica, mas depois as circunstâncias não abriam mestrado em geoquímica e eu fui fazer mestrado e encaminhei-me pra outra área.” (química portuguesa)

“...meu pai tem muitos livros, de diversas nacionalidades, de diversas línguas, diversas áreas. Ele gostava de arte, também minha mãe gosta e minha mãe é professora e tem essa criatividade muito grande. Então eu acho que isso me influenciou muito, né!” (docente Letras brasileira A)

- Estrutura familiar/posição na família:

“Então minha mãe teve quatro filhos, dois homens e duas mulheres. Eu sou a quarta...” (ilustradora e escritora brasileira)

“...os meus irmãos são mais velhos do que eu. Eu sou a filha do meio, sou a filha única do meio. Meu irmão é sete anos mais velho, minha irmã nove anos mais velha e a minha irmã mais nova é cinco mais baixa. Eu falo que eu sou a filha única do meio, porque eu não era perto de nenhum irmão; era isolada” (arquiteta brasileira)

“Tenho um irmão com menos 5 anos do que eu e outro com menos 10 anos do que eu. Na minha primeira infância nem dava muito pra falar com eles, porque era uma diferença grande de idade! Depois as coisas mudaram com o tempo não é!” (escritora infantil portuguesa)

“Eu sou a mais nova de sete irmãos. Eu frequentei desde nova uma escola grande e tinha sempre os seis mais velhos que eu observava. E que, portanto, não só no que diz respeito aquilo que não seria tão bom, os erros que eles cometiam eu observava e pra mim era uma grande escola. Quando comecei a ter “direito” a falar, já tinha uma aprendizagem adquirida

por toda observação do meu grupo familiar.” (compositora música clássica contemporânea portuguesa)

12 - Barreiras:

- Sociais/culturais:

“Eu sofri dois sequestros!” (ilustradora e escritora brasileira)

“O obstáculo maior que eu vivi foi quando eu tive fora de Campinas. Então, esse confronto ou a vivência com outra cultura, né! A gente tá falando aqui do Brasil, mas outra cultura, outra fala, outra linguagem, outro tudo! Ali foi um obstáculo muito grande. Então a experiência de ficar nove meses morando no interior de Goiás, enfim, conseguir entender o que as pessoas falavam... Porque é um código linguístico que não tem nada a ver comigo. É como se eu tivesse em outro mundo! Só se conhece quem nasceu junto, vive junto, casa e descasa... As pessoas ficam muito juntas e o fato de ser considerada forasteira, vir de fora, não há essa integração.” (docente Pedagogia brasileira)

“Acho que a princípio quando comecei a dedicar-me para essas obras (artesanatos), as mudanças que eu vi atuais é que as pessoas não estão viradas pra isso! Não estão viradas pra esse estilo do meu trabalho, né! Porque talvez me consideram um bocado louca! Eu me considero um bocado louca! Louca no bom sentido!” (artesã portuguesa)

- Profissionais:

“Acho que meu maior obstáculo foi a relação com alguns colegas no começo da minha carreira aqui. Era um ambiente muito complicado! As pessoas brigavam muito, eram muito agressivas e falavam coisas horríveis! Isso eu detestava!” (docente Letras brasileira B)

“...eu fui pro Sul-americano na XXX. Eu fui nem sei porquê! O XXX (técnico) não me colocou pra sacar nem em treinamento! Quer dizer, me humilhou! Que eu era titular e não podia abrir a boca! E aí a imprensa vinha: “XXX! Você não joga! O que tá acontecendo?” Ele (técnico) não me convocou pra seleção da Olimpíada! ...ele foi responsável por truncar o coroamento da minha carreira!” (atleta master brasileira)

“Eu tinha um chefe aqui na XXX que realmente me deu dor de cabeça e foram em alguns anos ainda... E a mim prejudicar, prejudicou muito a nível de saúde mesmo. Tinha problemas de estômago, intestino. Foi me diagnosticado a síndrome do colo irritável, que é stress de fundo nervoso. As pernas, tinha imensas dores nas pernas...” (enóloga portuguesa)

- Econômicas:

Acho que é aquela questão mais econômica da gente querer fazer algum trabalho e precisa pra uma exposição e depois não há dinheiro pra fazer aquilo.” (artista plástica portuguesa B)

- Emocionais:

“Teve um período que eu tive um bloqueio enorme, um tempão... Acho que fiquei um ano sem pintar!” (artista plástica brasileira B)

“Eu tive Síndrome do Pânico quando a minha segunda filha nasceu.” (arquiteta brasileira)

- Familiares:

“Pra falar a verdade, de toda minha carreira esportiva, o maior obstáculo que eu encontrei na verdade foi o meu ex-marido! Quando eu consegui o índice pra ir pras Olimpíadas, meu ex-marido me perguntou: “Você não vai pra Olimpíadas! Você vai ter que escolher ou eu ou as Olimpíadas!” Aí foi duro pra mim! Foi um período que eu enfrentei a maior barreira da minha

vida, porque, não porque eu tinha dúvida se eu queria ficar com o marido ou com as Olimpíadas. Eu queria com certeza as Olimpíadas, mas ele criou muito caso, porque tinha uma filha. Ele atrapalhou bastante a minha vida! Ele fez de tudo pra que eu perdesse o gosto pela coisa, mas não consegui! Foi o contrário! Tanto é que eu tive que me separar pra ir pras Olimpíadas e ponto, ponto final! Não tive mais problemas!” (o ex-marido também era atleta) (consultora esportiva brasileira)

“Talvez o mais consciente foi quando eu casei com um arquiteto e a idéia era fazermos um trabalho em conjunto. Ia terminar na altura e houve uma diferença, isto é, percebeu-se que eu queria fazer atividade de uma forma muito persistente e ele não queria tanto. Portanto eu comecei a trabalhar mais sozinha e ele ficou mais envolvido na carreira acadêmica, a dar aulas, etc. Isso criou um problema no casa! Eu acho que criou uma espécie de ciúme, de concorrência do gênero... Aí me separei! Nós nos separamos não por causa disso só...” (arquiteta portuguesa)

- Físicas:

“Eu acho que o principal como jogadora foi a questão das minhas contusões. Ter me machucado! E isso, assim, me atrapalhou bastante! A primeira vez que eu machuquei o joelho foi uma lesão séria. Eu fiquei seis meses sem jogar. E é um processo que, pra quem joga, seis meses é muito tempo.” (ex-atleta olímpica brasileira)

- Tempo (falta de):

“A falta de tempo é um grande obstáculo! Eu hoje vivo com essa falta de tempo. As solicitações são tantas que o tempo é cada vez mais curto.” (arista plástica portuguesa A)

- Ausência (de barreiras):

“Acho que não tive muitos obstáculos. Minha vida fluiu muito bem! Sempre fui firme nos meus propósitos e acho que fui uma boa esposa no momento certo, fui uma boa mãe quando meus filhos precisaram. Hã! Não sinto que, que tive obstáculos, não! Não sinto!” (arista plástica brasileira A)

“Eu não tive nenhum obstáculo significativo. Eu tenho uma coisa que pode ser boa ou má, mas eu minimizo os problemas. Por exemplo, tenho que fazer as duas coisas ao mesmo tempo neste momento – pós-doutorado (em engenharia biomédica) e medicina (cursando 3º ano). Tenho que me manter profissionalmente ativa e fazer um bom trabalho e me manter no curso e fazer um bom trabalho também. E, às vezes, de um ou outro posso perder um pouco, pois não sou duas, não é! Isso é realmente um problema, mas eu acho que sou otimista! Não deixo de pensar nisso, mas acho que isso não é um problema!” (matemática portuguesa)

13 - Administração vida pessoal e profissional:

- Suporte familiar:

“... conto muito com a ajuda do cônjuge e da minha filha” (arista plástica brasileira A)

- Suporte social, profissional e familiar:

“Sempre empregada, pais, amigos, marido ou companheiros. Quer dizer, toda a gente... Sim! Tive ajuda sim, sempre de pessoas do exterior sim!” (arquiteta portuguesa)

- Suporte profissional:

“Eu tenho empregados. Eu tenho uma empregada em casa, um jardineiro e uma pessoa que, não é motorista, mas que quando eu preciso ele busca filho, leva e traz.” (docente Letras brasileira B)

- Suporte profissional e familiar:

“Concilio com muitas dificuldades e sacrifícios pessoais. Tenho muitas vezes ajuda do cônjuge e de uma empregada.” (artista plástica portuguesa A)

- Sozinha:

“Olha! Na verdade eu não conto com a ajuda de ninguém! Meu namorado mora muito longe então ele ajuda afetivamente, né! E ele me incentiva a fazer as coisas! Tenho muitos amigos, mas as demandas desde que eu dou aula na XXX sempre foram tudo pra ontem, correr, ter que orientar, tem prazo... Então eu estou no momento de organizar a casa, essas coisas...” (docente Letras brasileira A)

“Eu moro com uma amiga há 2 anos. Consigo conciliar com os afazeres domésticos. Acho que não descuido da minha vida pessoal. Não deixo de dar atenção à minha vida pessoal por causa da profissional. Não vivo com meus pais, mas ligo pra eles quase todos os dias. Mantenho contato direto com meus pais e saio com amigos, namorado. Tenho uma vida pessoal efetiva e não apago isto para ter mais tempo pra carreira.” (matemática portuguesa)

14 - Desafio(s) atual(is):

- Profissional:

“Eu vou ilustrar no ano que vem um livro. Ano que vem não, semestre que vem eu começo! Que é o maior desafio que eu já tive até hoje! Um livro com mais de duzentos e cinquenta páginas e vou ficar mais um ano nesse livro.” (ilustradora e escritora brasileira)

"De ensinar por mais anos, depois viajar, visitar muitos museus e obras de arte, fazer cursos também, melhorar os meus skills, né!" (artista plástica brasileira A)

"Eu ganhei um selo no ano passado que é de profissional influente. Então isso é um estímulo na verdade. Então quanto mais você trabalha e mais você se posiciona no mercado é um desafio, porque quantos profissionais são cadastrados no mercado. Você trabalha com desafio o tempo todo..." (arquiteta brasileira)

"Os desafios profissionais agora são publicar em alguns lugares específicos, para os quais eu fui convidada e não tenho tempo de fazer do jeito que eu quero. Então o desafio é fazer, driblar o que tenho que fazer." (docente Letras brasileira A)

"O que eu gostaria neste momento era sinceramente ser reconhecida (na cidade onde mora). O meu trabalho!" (a artesã é reconhecida na França, Espanha, Itália e em Portugal, mas não na cidade portuguesa onde reside) (artesã portuguesa)

"Acho que é continuar com lucidez a fazer a minha arte." (artista plástica portuguesa A)

- Pessoal:

"Pessoalmente, fazer dieta, esportes, perder o peso que eu ganhei. Organizar a vida financeira também é um desafio. Recuperar minha vida pessoal em termos de saúde, estética, organizar minha casa... Essas coisas assim!" (docente Letras brasileira A)

15 - Tempo livre:

- Atividades profissionais, artísticas, domésticas, com familiares:

“Então, eu passo a maior parte do tempo com arte mesmo, mas tempo livre assim não sobra muito, porque a gente é dona de casa. Também a gente é mãe, é compras, é resolver problemas de banco, é médico. Você deixa pros seus momentos o dia off, né! Aquele dia que você tira pra resolver as coisas pessoais, mas gosto de ficar com a família, sim! Gosto!” (artista plástica brasileira A)

- Atividades físicas, intelectuais, culturais, com amigos e familiares:

“Gosto de passar o meu tempo livre com os cuidados pessoais, fazendo exercícios físicos e massagem relaxante, vendo filmes, lendo um bom livro, junto aos meus familiares, usufruindo da piscina, indo a cafés com amigos e mantendo um bom papo, jantando com amigos, indo ao teatro, concertos e cinema.” (escritora infantil brasileira)

- Atividades físicas, artísticas, profissionais, com amigos e familiares:

“Eu gosto de estar com amigos, familiares... Atividade esportiva, já gostei de fazer atividades esportivas, mas agora se quer... só ando a pé. Artística, olhe! Antes eu gostava muito de pintar, gostava muito de fazer cerâmica. Eu adorava fazer! Mas na realidade acabo por não ter tempo e agora que tô reformada (aposentada) pensava que ia ter tempo pra tudo, mas não tenho tempo nenhum, porque olhe...! Agora tenho lido os livros pra rever...” (escritora infantil portuguesa)

- Atividades culturais, físicas, com amigos:

“Vou ao teatro, cinema, música... Tudo aquilo que eu gosto de fazer! Desporto, ginástica, amigos, festas.” (arquiteta portuguesa)

16 - Características de jovens talentosos na área:

- Paixão pelo que faz, desenvoltura/desempenho e interesse:

“Primeiro uma paixão, né, pelo fazer que eu acho que é o mais importante, sabe?! Conseguir desenvolver bem né, naquilo que se propõe. E fica interessado e vai atrás e lê.” (artista plástica brasileira B)

- Inteligência/raciocínio e senso crítico:

“Então, alguns eu percebo que são mais inteligentes que os outros e têm um sentido crítico maior do que os outros. Esses eu acho que, eu identifico que podem ter uma boa carreira. E aí eu tento ajudar esses. Peço bolsa pra eles, discuto projeto com eles...” (docente Letras brasileira B)

- Inteligência/raciocínio, sensibilidade, autonomia/independência, perseverança e perspicácia:

“Razão, sensibilidade e perseverança! ...que tem uma certa independência, autonomia, traz mais idéias, não fica só esperando. Mas ao mesmo tempo eu acho que tem que ser inteligente pra perceber as coisas. E tem que ser perseverante, né!” (docente Letras brasileira A)

- Sensibilidade, inteligência/raciocínio e perspicácia:

“Sim! Sim! Sim! E já dei aulas! Dei e dou aulas e percebe-se muito bem quais são os alunos neste caso que tem capacidades... Sobretudo uma capacidade visual, de perceber o quê que é a resposta pra determinado tipo de problemas e imaginar isso de uma forma muito concreta... Uma sensibilidade e ao mesmo tempo uma resposta mais viva, mais inteligente, mais assertiva.” (arquiteta portuguesa)

- Sensibilidade e perspicácia:

“Sim! Eu encontro miúdos (crianças) fantásticos, fantásticos, fantásticos! Eu tenho pena de não poder seguir a carreira deles, porque com certeza são miúdos com potencialidades enormes! Porque eu vou 4 vezes por semana às escolas e uma das coisas que os miúdos me fazem é oferecer

os trabalhos deles! E há miúdos que se exprimem tão bem e tem uma visão da vida tão fantástica que eu tenho pena de não ter aqueles miúdos perto. Eles tem uma grande perspicácia e sensibilidade!” (escritora infantil portuguesa)

17 - Diferença de gênero entre jovens talentosos:

- Presença:

“Para os meninos isso é muito mais fácil, agora para as mulheres nem sempre, porque às vezes elas têm potencial, mas esbarram, num casamento muito jovem, são mães muito jovens, mães precoces ou, às vezes, têm que trabalhar muito cedo. Ou tem que parar tudo por uma questão de saúde de alguém da família, tem que cuidar, tem que zelar, enfim...” (docente Pedagogia brasileira)

“É claro que as raparigas são mais organizadas, os homens mais desorganizados talvez.” (química portuguesa)

- Ausência:

“Não! Dentro da minha área não existe diferença entre masculino e feminino!” (arquiteta brasileira)

“Diferença de gênero eu não noto! Acho que tanto mulheres quanto homens que eu oriento tem muita chance!” (docente Letras brasileira A)

“Não vejo diferença de gênero. A pintura quando tem qualidade não tem sexo, mas revela a personalidade e a história da pessoa, a relação da pessoa com o meio onde vive. No fundo é o encontro entre a pequena história da pessoa e a grande história da humanidade.” (artista plástica portuguesa A)

“Diferença de gênero não. Já tive alunas e alunos bons.” (matemática portuguesa)

18 - Valores intelectuais, sociais e de personalidade pra criatividade na carreira:

- Curiosidade, abertura para experiências/ideias, ter autonomia, ser dedicado, criatividade, disciplinado e autoconfiança:

“As características que considero importantes são: curiosidade, abertura para experiências novas, capacidade de tolerar frustração, disciplina, autonomia, trabalho árduo, intuição aguçada, capacidade de gerar idéias e criar soluções para os problemas, ter fé e persistir e, especialmente, ser resiliente e nunca se desviar do caminho que você acredita e das coisas que dão sentido à vida e que você quer realizar.” (escritora infantil brasileira)

- Sensibilidade, disciplinado, curiosidade, ser sociável e ser ético:

“Você tem que ser curioso, que perguntar, que questionar e querer saber alguma coisa e buscar a resposta. Segunda, há uma certa disciplina né! Acho que a terceira questão é da sensibilidade, que é fundamental pra você lidar com pessoas. Então, a sociabilidade e o respeito ao outro, a postura ética e o respeito ao outro...” (docente Pedagogia brasileira)

- abertura para experiências/ideias, paixão pelo que faz, dotação intelectual, ser comunicativo e ter conhecimento geral:

“Uma vantagem é a pessoa ser diferente! Interesse-me por escritores com uma mente aberta, escritores que tenham paixão pela língua, que gostem de trabalhar a palavra, que façam uma obra de arte daquilo que escrevem. Gosto que sejam pessoas calejadas (dotadas) intelectualmente, que compreendam tudo que há na vida... Mas por outro lado também tem de ter a capacidade de comunicar, porque isso faz muita falta! Portanto há escritores que até escrevem-se bem, mas do meu ponto de vista não logram aquilo que eu acho que é importante também na escrita que é a

capacidade de comunicar com os outros, porque se enredam apenas na linguística e na estilística e descuidam da parte da comunicação.” (escritora infantil portuguesa)

- Disposição à solidão, autoconfiança, criatividade e disciplinado:

“Importante é ter uma grande capacidade de estar só, sentir solitário... Hã! Alimentar seu imaginário e ter essa vivência, porque o processo da composição é um processo que obriga a um retiro. E a centrar, nós temos que nos centrar pelas próprias..., temos que... não dominamos nós... E porque nós, no fundo, vamos entregar uma coisa para os outros ouvirem, não é! Portanto temos que acreditar nisso se não, não faz sentido. Há que ter essa capacidade de nos retirarmos e de não ter medo disso! Não ter medo de estar só! A outra questão importante é a disciplina. É preciso muita disciplina! O criador tem que ser disciplinado, porque como sabemos, 90% de suor e 10 de inspiração... Tem que ser disciplinado, porque compor não é só as idéias, depois vem a inspiração...” (compositora música clássica contemporânea)

19 - Diferença de gênero na carreira:

- Presença:

“Agora, se eu vejo diferença de gênero? Eu vejo! No Brasil eu vejo! Eu vejo que há uma tendência de se privilegiar professores homens, alunos homens, não por mal. Eu já ouvi professor falando que latim é coisa pra homem, de brincadeira, mas falando! Vejo no ambiente de trabalho piadinhas machistas, reprimindo! Vejo comentários de quando uma mulher tá grávida, que a carreira dela vai embora! Vejo críticas da beleza, da falta de beleza da mulher acadêmica. Se você é bonita... Eu já ouvi falar em outro país que se a pessoa é bonita, a outra pessoa falar: “Há! ela conseguiu isso, porque é bonita!” Aqui no Brasil eu nunca ouvi falar disso! Aqui eu só vejo falar que mulher acadêmica tem cabelo feio, engorda, fica com o quadril grande e que não é boa de cama. Já ouvi comentários

nestes termos! Absolutamente machistas! Que na verdade assim, não me atingem plenamente, mas incomodam né! Pra que falar disso?! Falar disso dentro de uma universidade! Então eu vejo diferença de gênero sim, mas que não são determinantes!” (docente Letras brasileira A)

“Sim, eu percebo. A área de Letras é muito feminina, então se você olhar pro curso de graduação nem dez por cento é menino. Agora, se você olhar os professores, dez por cento é mulher. Então a ascensão deles na carreira é muito diferenciada!” (docente Letras brasileira B)

“Eu reconheço diferença de gênero. Eu reconheço que há uma literatura nitidamente feminina e que tem uma maneira de ver o mundo sob o ponto de vista da perspectiva e vivência das mulheres e atualmente até já há muitas mulheres escritoras e acho que isso também faz bem aos homens para ver que o mundo não é só deles, que é também das mulheres. E o mundo das mulheres leva-as muito mais ao cotidiano e a importância das pequenas coisas da vida. E às vezes as pequenas coisas na vida são tanto mais importantes na vida do que aquelas que chamamos grandes. Claro que, agora, há outro gênero que é o gênero gay. Há muitos! As editoras não privilegiam homens ou mulheres. Pode ter havido isso antigamente, mas atualmente não.” (escritora infantil portuguesa)

“Eu acho que pra isso não há uma regra! Há diferenças, mas não há uma regra! Há mulheres mais estruturadas, mais organizadas e homens menos estruturados, menos organizados. Há homens, há mulheres mais criativas e desorganizadas e homens... Quer dizer, não há uma regra! Há diferenças, mas não há uma regra que possa se colar ao gênero.” (arquiteta portuguesa)

- Ausência:

“Não acho que há diferença no gênero! Tanto que na minha área você tem uma população gay muito grande, entendeu? Então na verdade não faz diferença!” (arquiteta brasileira)

“Não noto diferença de gênero. Eu noto diferença mais em culturas e não tanto em gênero.” (dá aula pra universitários bolsistas de diversas nacionalidades) (arista plástica portuguesa B)

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

A criatividade que traz inovação e alterações favoráveis ao cotidiano das pessoas vem sendo valorizada cada vez mais nas diversas culturas (Runco, 2007). Assim sendo, faz-se necessário encorajar o talento criativo para o desenvolvimento social e cultural dos países.

Quanto às mulheres reconhecidas socialmente como criativas em diferentes setores da sociedade, é de grande importância compreender como os fatores ambientais e psicológicos influem na expressão da produção criativa dessas mulheres, bem como conhecer seus estilos de pensar e modos de solucionar problemas. Desse modo, o presente trabalho teve como objetivo investigar os estilos de pensar e criar, além dos fatores psicológicos e ambientais que influenciam a expressão da produção criativa de mulheres excelentes criativas brasileiras e portuguesas em diferentes áreas. Para tanto foram utilizados instrumentos que possibilitaram verificar os estilos de pensar e criar de sujeitos assim como analisar os aspectos psicológicos e ambientais que influenciam a expressão da produção criativa. Simultaneamente às mulheres premiadas/criativas foram também avaliadas aquelas não premiadas dos dois países para que ambas mulheres (premiadas e não premiadas) de diferentes culturas pudessem ser comparadas, dignificando o estudo. O critério de escolha por Portugal foi pelo fato da cultura e linguagem serem semelhantes, o que facilitaria a comparação entre as mulheres.

A amostra foi composta por mulheres reconhecidas socialmente como criativas por meio de premiações/distinções e por mulheres não premiadas de diferentes setores da região sudeste do Brasil e de regiões de Portugal. Houve uma pequena diferença na quantidade de participantes premiadas e não premiadas em ambos países, favorecendo as mulheres premiadas. O que ocorreu devido a dificuldade de se encontrar mulheres não premiadas com experiência mínima de dez anos em profissões correspondentes às premiadas que aceitassem participar do estudo.

A faixa etária das participantes premiadas variou entre 28 e 72 anos de idade. Apesar da maioria delas já ter passado dos 40 anos de idade, muitas delas receberam premiações em torno dos 30 a 40 anos, faixa etária conforme a qual Cropley (2001) e Simonton (1997) referem ocorrer o pico de realizações criativas de um indivíduo.

O estado civil que prevaleceu entre as participantes premiadas e as não premiadas em ambos países foi o de serem casadas e de possuírem dois filhos. Isto não vem de encontro com o estudo relatado por Wechsler (2008a) sobre mulheres altamente criativas em que foi constatado que elas não tendiam ao casamento – eram solteiras, divorciadas ou viviam com alguém – ou se casavam bem tarde e não tinham filhos.

Quanto ao nível educacional das participantes do Brasil o doutorado sobressaiu entre as premiadas e a especialização, entre as não premiadas. Em Portugal houve destaque para o doutorado e para o nível superior entre as premiadas, enquanto o doutorado sobressaiu entre as mulheres não premiadas. A constante capacitação por meio da educação, do acesso à informação são fundamentais ao desenvolvimento das habilidades criativas (Faria & Alencar, 1996), já que o conhecimento adquirido pela pessoa em determinada área poderá evidenciar suas capacidades criativas (Alencar & Fleith, 2003; Collins & Amabile, 2009).

As participantes premiadas brasileiras finalizaram seus cursos com predomínio entre os 20 e 29 anos e entre os 30 e 39 anos. Já as brasileiras não premiadas e as portuguesas premiadas finalizaram os estudos destacando-se na faixa etária entre 20 e 29 anos. As portuguesas não premiadas sobressaíram-se entre as faixas etárias de 20 a 29 anos e de 40 a 49 anos. Desse modo, houve uma incidência para a faixa etária entre os 20 e 29 anos para as mulheres de ambas categorias e culturas quanto ao término dos estudos. Este é um aspecto a ser explorado pelos estudiosos do tema.

A profissão que imperou entre as brasileiras e portuguesas premiadas e não premiadas foi o de docência em universidade pública. O ambiente universitário é propício ao desenvolvimento da expressão criativa e inovadora, pois produz conhecimento e gera novas idéias, causando impacto econômico e social em certos campos de ação (Wechsler, 2011). Sobretudo nos dias atuais, com a competição cada vez mais acirrada no mercado de trabalho, espera-se criatividade aos profissionais da área acadêmica para obtenção de uma quantidade maior de produtividade e flexibilidade para as atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Sobre as atividades não remuneradas entre as mulheres que participaram do estudo podemos constatar que a maior parte das brasileiras premiadas e não premiadas não realizam nenhum tipo de voluntariado, bem como as portuguesas

premiadas e as não premiadas. Apenas duas brasileiras premiadas prestam serviço não remunerado à comunidade, uma portuguesa premiada colabora com escolas e bibliotecas, outra portuguesa premiada atua em associações de deficientes e crianças e outra portuguesa premiada exerce a função de membro da Ordem de Arquitetos. Segundo Eikleberry (2010) a pessoa criativa aprecia solucionar problemas ajudando aos outros, o que não pôde ser confirmado por meio do trabalho voluntário entre as mulheres tidas criativas, embora este tipo de trabalho não seja a única maneira de ajudar as pessoas.

No que refere ao nível educacional dos companheiros das participantes casadas ou com união estável houve predominância do doutorado entre os companheiros das brasileiras premiadas e do nível superior entre os companheiros das brasileiras não premiadas. Os companheiros das portuguesas premiadas evidenciaram equiparação entre o ensino médio, o ensino superior e o doutorado. Por outro lado, os companheiros das portuguesas não premiadas concentraram-se mais no nível médio. Tal fato sugere que o nível de escolaridade equiparável das mulheres com o de seus companheiros pode influir para a expressão criativa delas. Pesquisas poderiam ser realizadas para que fosse verificada a relação entre o nível educacional do cônjuge e a manifestação criativa no gênero feminino.

Dentre as profissões dos companheiros das participantes brasileiras com distinções houve prevalência para o cargo de professor universitário, enquanto para os companheiros das não premiadas prevaleceu a engenharia. Os esposos das portuguesas criativas apresentaram maior concentração para a função de contador, enólogo e professor universitário. Também os companheiros das portuguesas não premiadas evidenciaram maior concentração nas profissões de arquiteto, serralheiro e técnico de telecomunicações. Para Fox (2005) a ocupação profissional do esposo na mesma área da companheira é um dos fatores que pode influenciar a produtividade feminina. O que pode ser comprovado em parte pela amostra premiada, uma vez que o companheiro da enóloga portuguesa, o esposo de uma professora universitária portuguesa e os maridos de duas docentes universitárias brasileiras trabalham em profissões equivalentes a delas.

Quanto a ocupação das mães das brasileiras excelentes criativas e não excelentes criativas e das portuguesas não premiadas houve o predomínio para a função de dona de casa, enquanto às mães das portuguesas premiadas sobressaiu o cargo de professora primária. Por sua vez, os pais das brasileiras premiadas

destacaram-se nas profissões de advogado, funcionário público, lavrador e professor e os pais das não premiadas na função de comerciante. Quanto a profissão dos pais das portuguesas premiadas e não premiadas prevaleceu a função de professor. As ocupações profissionais das mães e dos pais refletem o grau de instrução dos mesmos e a possível influência destes na manifestação do talento criativo das mulheres desde a infância, pois como referem Olszewski-Kubilius (2000), Moraes, Rabelo e Salmela (2004) a família tem papel importante no reconhecimento e no desenvolvimento do talento de um indivíduo. Também a família, com seus valores e crenças próprios, pode motivar e levar a filha a seguir determinada profissão, bem como ter posição contrária a inclinação profissional apresentada pela mesma. Embora tenha ocorrido o predomínio para as funções domésticas (o que inclui o cuidado com os filhos) para as mães das brasileiras e para o magistério primário, considerado extensão da maternidade e do lar (Almeida, 1998), para as mães das portuguesas, todas as participantes premiadas tem ocupações em áreas adversas de suas mães.

Em relação as médias por tipos de Produção Criativa (Produção não reconhecida, Produção reconhecida e Produção Total) entre as brasileiras e portuguesas premiadas observou-se que as mais altas foram obtidas por aquelas da área da Literatura em ambos países. Estes resultados devem ser mais pesquisados, devido a quantidade pequena da amostra e pela falta de participantes da área de exatas e biológicas, uma vez que a pesquisadora teve dificuldade para conseguir profissionais dessas áreas que aceitassem participar do estudo.

Primeiramente discutiremos a hipótese sobre as diferenças significativas nos estilos de pensar e criar entre as mulheres excelentes criativas e não excelentes em criatividade do Brasil e de Portugal.

Não houve diferenças significativas entre as brasileiras premiadas e não premiadas em nenhum dos fatores da Escala Estilos de Pensar e Criar, o que ocorreu provavelmente pela quantidade reduzida de participantes, além destas pertencerem a uma região singular do país. Desta forma, enfatiza-se a necessidade de aplicação do instrumento numa amostra mais abrangente, que represente grande parte do Brasil, para que possíveis diferenças nos estilos de pensar e criar entre as brasileiras premiadas e não premiadas possam ser notadas.

As brasileiras premiadas tenderam ao Estilo Emocional Intuitivo. Elas demonstraram possuir esse estilo ligeiramente maior do que as brasileiras não

premiadas, embora esse estilo não tenha sido distinguido significativamente entre elas. Tal estilo caracteriza-se pelo predomínio das emoções e das intuições nas ações do indivíduo. Ostrower (1977) cita a intuição como fator de grande importância à pessoa criativa, pois está relacionada com a sensibilidade aos problemas, o brincar com as idéias, o uso da imaginação e fantasia (Wechsler, 2008b). Em uma extensa revisão da literatura sobre os estilos de liderança organizacional, Armstrong, Cools e Sadler-Smith (2011) notaram que os gerentes seniores tendem a ser mais intuitivos.

As brasileiras premiadas e não premiadas não diferiram significativamente no Estilo Cauteloso-Reflexivo, que descreve indivíduos que apresentam preferência por prudência, reflexão e ordem. Este resultado contradiz a teoria de Kirton (1976, 1994), pois para ele os indivíduos inovadores são percebidos como contestadores, indisciplinados, pensadores, criadores, visionários, gostam de arriscar-se com idéias diferentes e tendem a ignorar hábitos e padrões. Assim, esperava-se que somente as não premiadas apresentassem o Estilo Cauteloso-Reflexivo ressaltado em seus resultados.

No Estilo Inconformista-Transformador que evidencia o questionamento às regras de pensar e agir e o gosto por resolver problemas de maneira incomum, não houve diferenças significativas entre as premiadas e não premiadas do Brasil. O que contraria Rieger e Blaubergs (1979), que encontraram a originalidade dentre os traços comuns nas mulheres altamente criativas. A independência de julgamento social e o questionamento também são típicos da pessoa criativa (Cotec, 2012; Patterson, Kerrin & Gatto-Roissard, 2012). Em estudo de Mundim e Wechsler (2007) constatou-se que as gerentes de grandes empresas demonstraram ter estilos de criar mais ousados e inconformistas do que seus subordinados. Também Wechsler, Vendramini e Oaklan (2012) verificaram que o estilo Inconformista-Transformador prediz realizações criativas. O resultado entre as participantes brasileiras pode ter ocorrido talvez pela não compreensão de alguns itens da escala que medem o Estilo Inconformista-Transformador ao responderem o instrumento, pois no resultado da Análise do Conteúdo exposto mais adiante foi verificada que um dos aspectos que sobressaiu entre as brasileiras premiadas em detrimento das não premiadas foi a originalidade.

As brasileiras não premiadas e premiadas não demonstraram diferença significativa no Estilo Lógico-Objetivo que se caracteriza pelo pensamento lógico,

racional, pragmático e voltado para situações práticas. Na literatura, ao contrário do que foi visto neste resultado, consta que o esperado à pessoa criativa é que ela tenha atração pela complexidade (Dacey, 1998; Morais, 2001; Runco & Pritzker, 2011; Wechsler, 2008a). Isto não implica necessariamente no uso exclusivo do pensamento divergente, pois o pensamento convergente e lógico também são utilizados a posteriori no processo criativo (Wechsler, 2006).

O Estilo Relacional-Divergente que indica o indivíduo que apresenta flexibilidade, liderança e pensamento divergente, não diferiu significativamente entre brasileiras premiadas e não premiadas. As características desse estilo são mencionadas dentre as características da pessoa criativa por Dacey (1998), Morais (2001), Runco e Pritzker (2011) e Wechsler (2008a). Estes dados contrariam o estudo de Mundim, Wechsler e Martins (2012) no qual percebeu-se que as mulheres gerentes tendem a apresentar o estilo Relacional-Divergente.

Quanto às portuguesas premiadas aproximaram mais do Estilo Relacional Divergente. Neste estilo elas alcançaram médias mais altas do que as portuguesas não premiadas, entretanto esta diferença nas médias não mostraram-se significantes, assim como para os outros Estilos. Isto não condiz com a literatura, uma vez que a intuição, a impulsividade, a flexibilidade, a liderança, a originalidade, o questionamento, a independência de julgamento e a atração pela complexidade são esperadas à pessoa criativa como explicado anteriormente. Além disso, Garcês (2011) averiguou em uma amostra portuguesa a relação entre maiores níveis de escolaridade com o estilo Inconformista-Transformador e o estilo Lógico-Objetivo.

No que diz respeito aos resultados nos estilos da Escala Estilos de Pensar e Criar entre as brasileiras e portuguesas premiadas e entre as brasileiras e portuguesas não premiadas houve semelhanças, pois as diferenças entre as pontuações nos fatores foram mínimas. A comparação desse instrumento entre as não premiadas foi importante, porque elas não foram reconhecidas por sua criatividade até o momento pela sociedade. Apesar de Csikzentmihalyi (2005) alegar que o fenômeno da criatividade pessoal é explicado por meio das influências culturais e, portanto, distinto em diferentes culturas, a ausência de diferença nos resultados entre os dois países pode ser explicada pelo compartilhamento de aspectos culturais cruciais, tais como a linguagem e a difusão cultural ocorrida na época da colonização.

Sobre a correlação entre os fatores da Escala Estilos de Pensar e Criar e os tipos de Produção Criativa, não ocorreram diferenças significativas entre as participantes premiadas do Brasil e de Portugal. Tal fato é contestado por Wechsler (2006) que verificou correlações significativas entre os estilos e a produção criativa.

Quanto a Escala Biográfica de Mulheres Líderes Criativas, verificou-se diferença significativa somente na dimensão Influência da Mãe na Infância e Adolescência entre as brasileiras premiadas e não premiadas, com média maior para as não premiadas. Assim sendo, as não premiadas sofreram bem mais influência das mães na infância e adolescência do que aquelas premiadas. De acordo com Dessen (1997) e Ramos (2008) os comportamentos femininos de subordinação e dependência são adquiridos no ambiente familiar, ou seja, por meio do modelo materno. Por apresentarem tendência à independência de pensamento e autonomia na infância (Runco, 2006), as mulheres criativas não foram tão influenciadas por suas mães.

Já entre as portuguesas, percebeu-se diferenças significativas para as dimensões Masculinidade e Feminilidade no Trabalho e Afiliação no Trabalho, sendo que as médias maiores foram obtidas pelas não premiadas. O que significa que as portuguesas não premiadas tendem a aceitar mais os papéis designados aos gêneros no trabalho, além de sentirem maior necessidade de afiliação no ambiente de trabalho. Tais resultados condizem com o que foi averiguado por Candeias (2008) e Dacey (1998) no que refere a característica andrógena da pessoa criativa, isto é, a mulher criativa possui características de personalidade parecidas com as do homem criativo, resistindo aos papéis de gêneros impostos pela sociedade. Além disso, Cornett, Júnior e Nofsinger (2013) notaram que a pessoa criativa possui necessidade de afiliação relativamente baixa.

Considerando os resultados da Escala Biográfica de Mulheres Líderes Criativas, a hipótese de que existem diferenças significativas em dimensões biográficas entre mulheres excelentes criativas e não excelentes criativas dos dois países foi parcialmente aceita. As mulheres brasileiras e portuguesas premiadas tendem a questionar os comportamentos sociais esperados às mulheres, tais como a subserviência e a dependência.

As premiadas brasileiras e portuguesas obtiveram médias maiores e semelhanças nas dimensões Influência do Pai na Infância e na Adolescência e Intelectualização no Trabalho. Portanto, as brasileiras e portuguesas premiadas

possuem um perfil que condiz ao que é encontrado na literatura à pessoa criativa. Helson (1971) e Montgomery (1990), por exemplo, revelaram que o pai foi o maior influenciador na escolha profissional de mulheres criativas. Por sua vez, Kerr (1994) refere que as mulheres criativas prezam por buscar desafios à sua capacidade intelectual e por atingir um desempenho satisfatório em determinada área.

Entre as não premiadas dos dois países houve coincidência quanto as médias maiores nas dimensões relacionadas a maior Influência da Mãe na Infância e na Adolescência, maior Proteção e Necessidade de Afiliação na Infância e na Adolescência, maior Afiliação na Vida Escolar, maior aceitação da Masculinidade e Feminilidade no Trabalho, maior Afiliação no Trabalho, maior Realização Através dos Outros da Família, mais Passividade no Papel Sexual. Estes dados estão de acordo com a literatura, pois como visto anteriormente os comportamentos femininos de sujeição e obediência são transmitidos pela mãe (Dessen, 1997; Ramos, 2008). Além disso, para Alencar e Fleith (2003a), Krumm, Vargas-Rubilar e Gullón (2013) os pais devem adotar comportamentos, tais como incentivo à autoconfiança e à independência para estimular a criatividade nos filhos, caso contrário eles sentirão necessidade de maior proteção e submissão frente aos outros. Por outro lado, a pessoa criativa apresenta rebeldia, habilidade para auto-expressar-se, rejeição pelas influências externas/sociais (Helson, 1966, 1971) e não limita-se as expectativas estereotipadas dos papéis aos gêneros (Candeias, 2008; Dacey, 1998).

Quanto as categorias da Análise do Conteúdo, ocorreram diferenças altamente significativas entre as brasileiras premiadas e não premiadas na categoria Características Pessoais Cognitivas, tendo o grupo de premiadas obtido maiores resultados do que as não premiadas e sobressaindo a subcategoria originalidade. A originalidade foi uma das características mencionadas por Rieger e Blaubergs (1979) como inerente às mulheres altamente criativas.

Na categoria Características de Personalidade houve diferença altamente significativa entre os dois grupos de brasileiras, tendo o grupo de premiadas obtido maiores resultados do que as não premiadas. Nesta categoria houve destaque para as subcategorias Liderança e Sensibilidade Interna/Empatia/Intuição. Estes dados estão de acordo com os estudos biográficos de pessoas eminentemente criativas de Barron e Harrington (1981), Plucker e Renzulli (1999) em que foram verificadas a capacidade de liderança, a sensibilidade interna e externa dentre as características de personalidade pertencentes àquelas. Também de acordo com Wechsler (2006) a

intuição, que está relacionada com a sensibilidade interna e empatia da pessoa criativa, acaba por lhe conferir capacidade de liderança frente as pessoas.

Quanto à categoria Motivação Intrínseca foi observada diferença significativa entre as brasileiras premiadas e não premiadas, tendo as premiadas apresentado maior motivação intrínseca com as subcategorias aperfeiçoamento contínuo, desenvolvimento potencial, missão criativa/paixão pelo que faz, curiosidade e necessidade interna. A motivação intrínseca refere ao engajamento e satisfação que o indivíduo tem pela atividade, independentemente dos estímulos ambientais, que podem levá-lo ao desenvolvimento de habilidades de domínio e ao desenvolvimento da criatividade (Amabile, 1996).

Para a categoria Condições que Influem no Processo Criativo notou-se diferença altamente significativa entre os grupos das brasileiras, tendo o grupo de premiadas obtido maiores resultados do que as não premiadas e sobressaindo a subcategoria Processo de Incubação. A incubação é uma das fases cruciais do processo criativo, pois pode levar as pessoas criativas a descobertas relevantes (Sio & Rudowicz, 2007).

Também foram verificadas diferenças significativas entre as brasileiras premiadas e não premiadas na categoria Fatores Ambientais Favoráveis à Criatividade com as subcategorias diversidade sociocultural, socialização, respeito a individualidade, cultivo de valores, modelo do pai e modelo da mãe. As premiadas alcançaram maiores resultados nesta categoria. Chagas e Fleith (2011) observaram em estudo com jovens talentosos que a família é a causa de maior impacto sobre o desenvolvimento deles. Também o comportamento criativo dos pais e o fator multicultural familiar predizem a criatividade de seus descendentes (Chang, Hsu, Shih & Chen, 2014; Leung, Maddux, Galinsky, & Chiu, 2008), assim como as atitudes dos pais frente aos filhos (Alencar & Fleith, 2003a; Krumm, Vargas-Rubilar & Gullón, 2013). Por outro lado os fatores sócio-culturais presentes na escola também contribuem para que a criança exerça sua capacidade intelectual e habilidades específicas (Baenninger & Newcombe, 1989; Hamilton, 1995; Lawton, 1994).

Na categoria Tempo Livre houve diferença significativa entre os dois grupos de brasileiras, com as mulheres premiadas tendo obtido melhores resultados e com destaque para a subcategoria Atividades Físicas. A alta energia psíquica e física presente na pessoa criativa que a faz trabalhar por longas horas (Csikszentmihalyi, 1997) provavelmente é utilizada também em atividades físicas.

Quanto às portuguesas premiadas e não premiadas, houve diferença significativa na categoria Comportamento na Infância, com maiores resultados entre as premiadas e sobressaindo a subcategoria Rebeldia. A independência de pensamento apresentada no comportamento da criança potencialmente criativa (Runco, 2006) pode ser interpretada como rebeldia por parte de algumas pessoas.

Na categoria Características Pessoais Cognitivas ocorreu diferença altamente significativa entre os dois grupos portugueses, com maiores resultados para as premiadas. A subcategoria Originalidade foi ressaltada nesta categoria. A originalidade que refere a qualidade da idéia incomum, é consequente da exploração do conhecimento em certo domínio e da maneira na qual o conhecimento disponível foi utilizado pelo indivíduo criativo (Rietzschel, Nijstad & Stroebe, 2007).

Entre ambos grupos de Portugal também observou-se diferenças altamente significativas, a favor do grupo das premiadas, na categoria Fatores Ambientais Favoráveis à Criatividade com as subcategorias diversidade sociocultural, socialização, respeito a individualidade, cultivo de valores, contato com natureza, modelo do pai, modelo da mãe, estrutura familiar/posição na família. Para que o talento feminino ocorra, o ambiente, a personalidade, a percepção pessoal e a habilidade devem funcionar como fatores mobilizadores que favoreçam a promoção desse talento de acordo com Reis (2005).

Quanto a hipótese sobre as diferenças significativas no histórico de vida e no processo criativo entre mulheres excelentes criativas em ambos países, foi rejeitada. Nos resultados entre as premiadas de ambos países na Análise de Conteúdo, verificou-se que não ocorreram diferenças significativas em nenhuma das categorias. O que pode ser explicado pelo perfil psicológico semelhante entre elas, ou seja, pelo tipo de pensamento original, questionador, flexível, fluente, curioso e intelectualizado. Rieger e Blabergs (1979), por exemplo, averiguaram que as mulheres altamente criativas tendem apresentar os mesmos traços de personalidade. Por outro lado, como no estudo de Reis (1998) foi possível perceber que apesar dessas mulheres apresentarem traços de personalidade comuns, elas são muito diferentes entre si.

Percebeu-se que houve concordância entre a Escala Biográfica de Mulheres Líderes Criativas e a Análise de Conteúdo com os resultados obtidos pelas participantes premiadas do Brasil e de Portugal. As premiadas de ambos países apresentaram semelhanças nos fatores relacionados a influência do pai e a maior

intelectualização no trabalho, sendo este último relacionado a originalidade. Assim sendo, independente da cultura, o papel do pai é bastante influenciante na mulher criativa, bem como a intelectualização. Ou seja, a mulher criativa difere do perfil da mãe que tende a ser mais passiva, dependente e menos intelectualizada.

Ao analisar os resultados deste estudo, conclui-se que as mulheres excelentes criativas de ambos países possuem perfil semelhante, entretanto existem diferenças entre as mulheres excelentes criativas e não excelentes criativas nos dois países.

No que refere as diferenças comportamentais entre as participantes dos países foram observados os tipos de respostas à entrevista e a colaboração na indicação de outras possíveis participantes ao estudo. A maioria das participantes portuguesas responderam as perguntas do Roteiro de Entrevista de modo mais elaborado, ou seja, com respostas mais ricas em detalhes, enquanto a maior parte das brasileiras responderam as mesmas questões sucintamente. Quanto ao auxílio que era solicitado pela pesquisadora às participantes, ao final da aplicação dos instrumentos, para indicação de outras mulheres (premiadas ou não) ao estudo, a maioria das brasileiras foram solícitas, diferindo das portuguesas. Isto sugere a influência cultural como determinante na diferença do comportamento entre as participantes.

Outro aspecto percebido de modo distinto em ambas culturas é a definição entre artista e artesã. Enquanto em Portugal há diferenciação entre artista e artesã, no Brasil a definição de artista encontra-se para diferentes áreas, inclusive para quem trabalha com artesanato.

Considerando a idade média das participantes premiadas que é de 49 anos entre as brasileiras e de 50 anos entre as portuguesas, nota-se que as mesmas foram criadas dentro de culturas machistas. A sociedade ainda luta contra o machismo, onde a mulher ganha menos do que o homem, gasta mais tempo cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos (Bruschini & Lombardi, 2010; Daniel, 2009; Perista, 2002), aspectos estes que dificultam o seu desenvolvimento profissional. E essa luta pelo reconhecimento da mulher pode influir no aparecimento de certas características nas mulheres criativas de ambos países, fazendo com que algumas características relacionadas ao pai não apareçam tanto. Talvez futuros estudos com outras gerações demonstrem essas diferenças no perfil das mulheres criativas, com menos influência das características paterna.

Apesar dos avanços conseguidos pelas mulheres por meio de decretos-leis e programas em prol de maior igualdade e mais oportunidades no mundo do trabalho (Brasil, 2012; Marcelino, 2009; Moraes, 2010), a reivindicação feminina por esses direitos ainda continua, haja visto a persistência dos valores, crenças e normas sociais com o propósito de manter a posição de subordinação da mulher no espaço público do trabalho (Oliveira, 2003).

Limitações do estudo e sugestões para futuras pesquisas

A pesquisa apresenta algumas limitações que serão expostas a seguir para que estudos futuros possam investigar melhor a excelência criativa feminina. A principal delas foi a dificuldade de representatividade das áreas da saúde e engenharias devido a não disponibilidade das profissionais destas áreas em participar desta pesquisa.

Outra questão percebida foi a representatividade da amostra ser específica de uma única região do Brasil, ou seja, do Estado de São Paulo, não possibilitando generalizar os resultados encontrados para outros locais do mesmo país.

Também sobre a amostra, nota-se a não equivalência na quantidade de participantes excelentes criativas e não excelentes criativas em ambos países, predominando as excelentes criativas. O que aconteceu pela dificuldade de se encontrar mulheres não premiadas com o mínimo de experiência em áreas que correspondessem àquelas das premiadas e que concordassem em cooperar com o estudo. Ainda, a amostra foi composta em grande parte por pessoas que trabalham no meio acadêmico.

No que refere aos instrumentos aplicados foram de fácil compreensão, embora juntos exigissem tempo longo de execução. A Escala Estilos de Pensar e Criar foi o único instrumento que não conseguiu discriminar as mulheres excelentes criativas das não excelentes criativas, provavelmente devido a pequena quantidade de participantes nos grupos do Brasil e de Portugal. Portanto, uma amostra com maior número de mulheres nos grupos das excelentes criativas e não excelentes criativas seria necessária para melhor avaliar seus estilos de pensar e criar. Além disso, a pesquisadora sugere maior quantidade possível de participantes premiadas

e não premiadas a fim de que se verifique mais adequadamente as dimensões cognitivas, afetivas e ambientais que interferem na expressão criativa.

Outro fato ocorrido foi a duração de tempo gasto no deslocamento para encontrar as participantes, sobretudo as premiadas. Em Portugal, por exemplo, a pesquisadora viajou por treze horas para entrevistar uma artista premiada.

Pretendeu-se com esta pesquisa aumentar conhecimento sobre os estilos de pensar e criar, bem como os fatores psicológicos e ambientais que influem na expressão da produção criativa de mulheres excelentes criativas brasileiras e portuguesas. Desse modo, reflexões sobre ações que estimulem as mulheres com potencial criativo possam ser suscitadas.

REFERÊNCIAS

- Abramo, L. (2010). *Igualdade de gênero e raça no trabalho: avanços e desafios*. Disponível: <www.oit.org.br>. Acesso em 10/03/2012.
- Academia Brasileira de Letras (2012). *Rachel de Queiroz*. Recuperado em 20 de outubro, 2011, de <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=261&sid=115>.
- Alencar, E.M.L.S. (1995a). *Como desenvolver o potencial criador* (3ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Alencar, E.M.L.S. (1995b). *Criatividade* (2ª ed.). Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- Alencar, E. M. L. S. & Virgolim, A. M. R. (2001). Dificuldades emocionais e sociais do superdotado. Em E. M. L. S. Alencar (Org.), *Criatividade e educação dos superdotados* (pp. 174-205). Petrópolis: Vozes.
- Alencar, E. M. L. S., & Fleith, D. S. (2003a). *Criatividade: múltiplas perspectivas* (3a. ed.) Brasília: EdUnB.
- Alencar, E.M.L.S. & Fleith, D.S. (2003b). Barreiras à criatividade pessoal entre professores de distintos níveis de ensino. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (1), 63-69.
- Alencar, E. M. L. S. & Fleith, D. S. (2003c). Contribuições teóricas recentes ao estudo da criatividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19 (1), 1-8.
- Alencar, E. M. L. S. & Fleith, D. S. (2008). Criatividade pessoal: fatores facilitadores e inibidores segundo estudantes de engenharia. *Magis, Revista Internacional de Investigación en Educación*, 1, 113-126.
- Almeida, J. S. (1998). *Mulher e Educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: EdUNESP.
- Amabile, T. M. (1996). *Creativity in Context*. Oxford: Westview Press.
- Amabile, T. (1998). How to kill creativity. *Harvard Business Review*, 1, 77-87.
- Araújo, C. & Scalon, C. (2006). Gênero e a distância entre a intenção e o gesto. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 21 (62), 45-68.
- Araújo, M. F. C. (2007). *A figura feminina em Às mulheres Portuguesas, de Ana Castro Osório*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga.

- Armstrong, S. J., Cools, E. & Sadler-Smith, E. (2011). Role of Cognitive Styles in Business and Management: Reviewing 40 Years of Research. *International Journal of Management Reviews*, 14 (3) 238-262.
- Arnold, K., Noble, K. D. & Subotnik, R. F. (1996). *Remarkable Women - Perspectives on Female Talent Development*. New York: Rampton Press.
- Azevedo, N. & Ferreira, L. O. (2006). Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil: educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940. *Cadernos Pagu*, 27, 213-254.
- Baenninger, M. & Newcombe, N. (1989). The role of experience in spatial test performance: a meta-analysis. *Sex Roles*, 20, 327-344.
- Baer, J., & Kaufman, J. C. (2005). Whence creativity? Overlapping and dual aspect skills and traits. Em J. C. Kaufman & J. Baer (Eds.), *Creativity across domains: Faces of the muse* (pp.313-320). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Baer, J. & Kaufman, J. C. (2008). Gender differences in creativity. *Journal of Creative Behavior*, 42 (2), 75-105.
- Bahia, S. (2010). Considerações sobre a educação para a arte e para a cultura, ou “como levar Clio à escola”, *Revista Lusófona de Educação*, 16, 47-58
- Bandera, V. (2012). A ditadura caça o PCB: um recorte do período autoritário pós-64. *Cadernos CEDEM*, 3 (1), 38-72.
- Bardin, L (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Barron, F. & Harrington, D. M. (1981). Creativity, intelligence and personality. *Annual Review of Psychology*, 32, 439-476.
- Bassanezi, C. (2004) “Mulheres dos anos dourados”. Em M. D. Priore (Org.), *História das mulheres no Brasil* (7ª ed.) (pp. 607-635). São Paulo: Contexto.
- Batista, E. L., Clark, J. U. & Padilha, C. A. T. (2008). As relações entre educação e trabalho sob a perspectiva do ideário nacional-desenvolvimentista no governo Juscelino Kubitschek (1956-1961). *Anais VI Seminário do Trabalho - Trabalho, Economia e Educação no Século XXI*. Recuperado em 10 de março, 2012, de www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/.
- BDTD (2012). Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Recuperado em 12 de março, 2012, de <http://bdttd.ibict.br/>.
- Beltrão, K. I. & Alves, J. E. D. (2009). A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. *Cadernos de Pesquisa*, 39 (136), 125-156.

- Bender, S. W., Nibbelink, B. L., Towner-Thyrum, E. & Vredenburg, D. (2013). Defining characteristics of creative women. *Creativity Research Journal*, 25 (1), 38-47.
- Benevides, M. V. M. (1979). *O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política, 1956-1961*. (3ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Biasoli-Alves, Z. M. (2000). Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16 (3), 233-239.
- Bragotto, D. (2006). *O Perfil e a Influência do Mentor na Produção de Escritores*. Tese de Doutorado. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Brasil (2012). *Mulheres no ensino superior*. Recuperado em 23 de fevereiro, 2012 de <http://www.brasil.gov.br/linha-dotempo/epocas/1879/mulheres-ganham-o-direito-de-frequentar-cursos-superiores>.
- Bruno-Faria, M.F. e Alencar, E.M.L.S. (1996). Estímulos e barreiras à criatividade no ambiente de trabalho. *Revista de Administração*, 31 (2), 50-61.
- Bruno-Faria, M.F. e Alencar, E.M.L.S. (1998). Indicadores de clima para a criatividade: um instrumento de medida da percepção de estímulos e barreiras à criatividade no ambiente de trabalho. *Revista de Administração*, 33 (4), 86-91.
- Bruschini, C. (1994). O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. *Estudos Feministas*, 4 (2), 179-199.
- Bruschini, C. & Lombardi, M. R. (1996). O trabalho da mulher brasileira no primeiros anos da década de noventa. Em *Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, Caxambu (MG). Anais. Belo Horizonte: ABEP: v.1, p.483-516.
- Bruschini, C. & Lombardi, M. R. (2000). A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo. *Cadernos de Pesquisa*, 110, 67-104.
- Bruschini, C. & Lombardi, M. R. (2010) *Mulheres no mercado de trabalho: grandes números*. Recuperado em 23 de fevereiro, 2012, de <http://www.fcc.org.br/bdmulheres>.
- Bruschini, C. & Puppim, A. B. (2004). Trabalho de mulheres executivas no Brasil no final do século XX. *Cadernos de Pesquisa*, 34 (121), 105-138.
- Bruschini, M. C. A. & Ricoldi, A. M. (2012). Revendo estereótipos: o papel dos homens no trabalho doméstico. *Estudos Feministas*, 20 (1), 259-287.
- Byrd, R. E. (1986). *C&RT, the Creatix Inventory*. San Diego, CA: University Associates.

- Cambi, F. (1999). *História da Pedagogia*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP.
- Candeias, A. A. (2008). Criatividade: perspectiva integrativa sobre o conceito e sua avaliação. Em: M. F. Morais, M. F. e S. Bahia (Orgs.). *Criatividade: conceito, necessidades e intervenção* (pp. 41-64)
Braga: Psiquilíbrios.
- Capes (2012). *Banco de Teses*. Recuperado em 10 de março, 2012, de <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>.
- Cardoso, A. R. R. (1996) Women at Work and Economic Development: Who's Pushing What? *Review of Radical Political Economics*, 28 (3), 1-34.
- Carvalho, F. M. (2009). *Década de 30 - os anos de incertezas*. Recuperado em 05 de abril, 2012, de <http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/decada-de-30-os-anos-de-incertezas/27596>.
- Carvalho, S. A. (2012). A intuição. Em F. J. V. C.Sousa (Org.) *A criatividade como disciplina científica* (pp. 71-74) Santiago de Compostela: Meubook.
- Carvalho, T. B. (2002). A inserção da mulher no mercado de trabalho e a questão de gênero. *Revista Pegada*, 3 (1), 805-828.
- Carvalho, T. B. (2007). O trabalho domiciliar feminino como estratégia de sobrevivência e/ou imposição do capital? *Revista Pegada*, 8 (2), 131-148.
- Casadei, E. B. (2009). As questões de redistribuição e reconhecimento na imprensa feminista alternativa: O caso mulherio. *Revista Alterjor*, 1 (1), 1-19.
- Chagas, J. F. (2008). *Adolescentes talentosos: características individuais e familiares*. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília.
- Chagas, J. F. & Fleith, D. S. (2011). Perfil de adolescentes talentosos e estratégias para o seu desenvolvimento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27 (4), 385-392.
- Chang, J. H., Hsu, C. C., Shih, N. H., & Chen, H. C. (2014). Multicultural Families and Creative Children. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 45(8), 1288-1296.
- CITE (2013). *Relatório sobre o progresso da igualdade entre mulheres e homens no trabalho, no emprego e na formação profissional – 2012*. Recuperado em 06 de setembro, 2013, de http://www.cite.gov.pt/asstscite/downloads/Relat_iguald_homens_mulheres_12.pdf.
- Coelho, L. (2010). *Mulheres, Família e Desigualdade em Portugal*, Tese de Doutorado, Coimbra: Universidade de Coimbra.

- Colling, A. M. (2004). *As mulheres e a ditadura militar no Brasil*. Recuperado em 05 de abril, 2012, de www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/Ana_Maria_Colling.pdf.
- Collins, M., & Amabile, T. (2009). Motivation and Creativity. In R. Sternberg (Ed.), *Handbook of Creativity* (pp. 297-312). Cambridge: Cambridge University Press.
- Cornett, M. M.; Júnior, T. A. A. & Nofsinger, J. (2013). *Comportamento organizacional*. Porto Alegre: Bookman.
- Cooke, P. & Lazzeretti, L. (2008). *Creative Cities, Cultural Clusters and Local Economic Development*. Cheltenham: Edward Elgar.
- Costa, E. V. (1985). *Da Monarquia a República: momentos*. (3ª ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Costa, A. A. A. (2005). O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. *Estudos Feministas*, 5 (2), p. 9-35
- Cotec (2012). *La persona protagonista de la innovación*. Recuperado em 20 de maio, 2012, de <http://www.oei.es/salactsi/personas.pdf>.
- Cova, A., & Pinto, A. C. (1997). O Salazarismo e as mulheres – uma abordagem comparativa. *Penélope*, 17, 71-94.
- Cropley, A. J. (2001). *Creativity in education & learning: A guide for teachers and educators*. New York: RoutledgeFalmer. Recuperado em 26 de setembro, 2012, de <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=MATEdOlpHw4C&oi=fnd&pg=PR1&dq=Creativity+in+Education+%26+Learning:+A+Guide+for+Teachers+and+Educators&ots=Z36DSiTk0f&sig=6bfhEwVRvPjYU8nPUKB2T5SnbAY#v=onepage&q=Creativity%20in%20Education%20%26%20Learning%3A%20A%20Guide%20for%20Teachers%20and%20Educators&f=false>.
- Csikszentmihalyi, M. (1997). *Creativity: flow and the psychology of discovery and invention*. New York: Harper Collins.
- Csikszentmihalyi, M. (2005). Implications of a systems perspective for the study of creativity. In R. Sternberg (Ed.), *Handbook of creativity* (pp. 313-335). Cambridge, USA: Cambridge University Press.
- Cuadrado, I, Morales, J. F. & Recio, P. (2008). Women's access to managerial positions: an experimental study of leadership styles and gender. *The Spanish Journal of Psychology*, 11 (1), 55-65.
- D'Alonso, G. L. (2008). Trabalhadoras brasileiras e a relação com o trabalho: trajetórias e travessias. *Psicologia para América Latina*, 15, 15 -23.

- Dacey, J. S. (1998). *Understanding creativity: the interplay of biological, psychological, and social factors*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Daniel, C. (2009). *Mulheres embarcadas: gênero, família e trabalho na percepção de mulheres em espaços masculinos*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Debret, J.B. (1975). *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. (6ª.ed.) São Paulo: I.N.L.
- De Castro, H. D. F. G. (2000). *Emancipação da mulher e regeneração social no século XIX segundo Lopes Praça*. Dissertação de Mestrado, Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Dessen, M. A. (1997). Desenvolvimento familiar: transição de um sistema triádico para poliádico. *Temas em Psicologia*, 3, 51-61.
- Dessen, M. A. Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes de nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 221-231.
- Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (2012). *A Situação do trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000*. Recuperado em 23 de abril, 2012, de: <http://www.dieese.org.br/livroSituacaoTrabalhoBrasil/livroSituacaoTrabalhoBrasil.pdf>.
- Duarte, C. L. (2003). Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*, 17 (49), 103-114.
- Eagly, A. H. & Carli, L. L. (2003). The female leadership advantage: an evaluation of the evidence. *The Leadership Quarterly*, 14, 807-834.
- Eagly, A. H. (2007). Female leadership advantage and disadvantage: resolving the contradictions. *Psychology of Women Quarterly*, 31, 1-12.
- Eikleberry, C. (2010). *The career guide for creative and unconventional people*. Berkeley: Ten Speed Press. Recuperado em 11 de agosto, 2012, de http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Et8QphS_ZyIC&oi=fnd&pg=PR7&dq=volunteering+creative+person&ots=tBIZvE_wtr&sig=enaP_9PPi_4sRp_AHaEVC9LE9otA#v=onepage&q&f=false.
- Engen, M. L. V., Leeden, R. V. D., Willemsen, T. M. (2001). Gender, context and leadership styles: a field study. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 74 (5), 581-598.
- Esteves, J. (2001). Os primórdios do feminismo em Portugal: a 1.ª Década do Século XX. *Penélope: revista de história e ciências sociais*, 25, 87-112.

- Faria, M. F. B. & Alencar, E. M. L. (1996). Estímulos e barreiras à criatividade no ambiente de trabalho. *Revista de Administração*, 31 (2), 50-61.
- Ferreira, V. (2010). *Comissão para a igualdade no trabalho e no emprego - A Igualdade de Mulheres e Homens no Trabalho e no Emprego em Portugal: Políticas e Circunstâncias*. Recuperado em 05 de setembro, 2013, de www.cite.gov.pt.
- Ferreira, M. M. & Mesquita, C. (2001). Os anos JK no acervo da Biblioteca Nacional . Em P. R. Pereira (Org.) *Brasiliana da Biblioteca Nacional - guia de fontes sobre o Brasil* (pp.329-368). Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/ Nova Fronteira.
- Figueiredo, L. (2004). Mulheres nas Minas Gerais. Em M. Del Priore (Org.) *História das mulheres no Brasil* (pp.141-188) (7ª Ed.), Contexto: São Paulo.
- Fishkin, A. S., & Johnson, A. S. (1998). Who is creative? Identifying children's creative abilities. *Roeper Review*, 21(1), 40-46.
- Fleith, D. S. (2011). Desenvolvimento da criatividade na educação fundamental: teoria, pesquisa e prática. Em S. M. Wechsler e V. L. T. Souza (Orgs.) *Criatividade e aprendizagem - caminhos e descobertas em perspectiva internacional* (pp. 33-52). SP: Loyola.
- Fox, M. F. (2005). Gender, family characteristics, and publication productivity among scientists. *Social Studies of Science*, 35, 131-150.
- Furst, S. A. & Reeves, M. (2008). Queens of the hill: Creative destruction and the emergence of executive leadership of women. *The Leadership Quarterly*, 19, 372-384.
- Garcia, M. A. (1997). O gênero na militância: notas sobre as possibilidades de uma outra história da ação política. *Cadernos Pagu*, 8/9, 319-342.
- Garcia-Santos, S. C., Almeida, L. S., & Werlang, B. S. G. (2012). Excelência Humana: A contribuição da personalidade. *Paidéia*, 22(5), 251-259.
- Garcês, S. F. (2011). *Escala de Estilos de Pensar e Criar - Adaptação e Validação à População Portuguesa*. Dissertação de Mestrado, Ilha da Madeira: Universidade da Madeira.
- Gardner, H. (1996). *Mentes que criam: Uma anatomia da criatividade observada através das vidas de Freud, Einstein, Picasso, Stravinsky, Eliot, Graham e Gandi*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Giroletti, D. (2002). *Fábrica: convento e disciplina*. (2ª Ed.). Brasília: Ed. UnB.

- Goellner, S. V. (2005). Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar e Prática*, 8 (1), 85-100.
- Goellner, S. V. & Jaeger, A. A. (2007). Os feminismos em Portugal. *Revista Estudos Feministas*, 15 (3), 839-841.
- Gowan, J. C. (1979). The production of creativity through right hemisphere imagery. *The Journal of Creative Behavior*, 13 (1), 39-51.
- Guilford, J.P. (1950) Creativity. *American Psychologist*, 5 (9), 444-454.
- Hamilton, C. J. (1995). Beyond sex differences in visuo-spatial processing. The impact of gender trait possession. *British Journal of Psychology*, 86, 1-20.
- Hahner, J. E. (2011). Escolas mistas, escolas normais: a coeducação e a feminização do magistério no século XIX. *Revista Estudos Feministas*, 19 (2), 467-474.
- Heller, B. (1997). *Em busca de novos papéis: imagens da mulher leitora no Brasil (1890-1920)*. Tese de Doutorado, Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Helson, R. (1966). Personality of women with imaginative and artistic interests: The role of masculinity, originality, and other characteristics in their creativity. *Journal of Personality*, 34 (1), 1-25.
- Helson, R. (1971). Women mathematicians and the creative personality. *Journal of Consulting & Clinical Psychology*, 36 (2), 210-220.
- Hirata, H. (1998). Reestruturação produtiva, trabalho e relações de gênero. *Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo*, 4 (7), 121-145.
- Homsí, S. H. V. (2006). *Temperamento e sua relação com estilos de pensar e criar*. Dissertação de mestrado, Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Hunter, S. T., Bedell, K. E. & Mumford, M. D. (2007). Climate for creativity: A quantitative review. *Creativity Research Journal*, 19, 69-90.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011). *Mulheres no mercado de trabalho*. Recuperado em 23 de fevereiro, 2012, de: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/mulher/diainternacional/>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2012). *Principais destaques da evolução do mercado de trabalho nas regiões metropolitanas abrangidas pela pesquisa: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre 2003-2011*. Recuperado em 23 de fevereiro, 2012, de

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/retrospectiva2003_2011.pdf.

- Itaboraí, N. R. (2003). Trabalho feminino e mudanças na família no Brasil (1984-1996): explorando relações. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, 20 (2), 157-176.
- Jackson, S. A., & Csikszentmihalyi, M. (1999). *Flow in sports – The keys to optimal experiences and performances*. Recuperado em 28 de março, 2012, de http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Jak4A8rEZawC&oi=fnd&pg=PR8&dq=+Csikszentmihalyi+sport&ots=GvREmF2l8X&sig=zrI4FMGM PkOj4arnk0kFq26_i3g#v=onepage&q=Csikszentmihalyi%20sport&f=false.
- Jackson, S. A. (1996). Toward a conceptual understanding of the flow experience in elite athletes. *Research quarterly for exercise and sport*, 67(1), 76-90.
- Jackson, S. A., & Eklund, R. C. (2002). Assessing flow in physical activity: The Flow State Scale-2 and Dispositional Flow Scale-2. *Journal of Sport & Exercise Psychology*. 24(2), 133-150.
- Jonathan, E. G. (2011). Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. *Psicologia Clínica*, 23 (1), 65-85.
- Jorge, S. A. (2010). A situação da mulher na família e no mercado de trabalho – RMSF. *Revista on-line de educação e ciências humanas*, 11, 53-59.
- Junior, R. D. (2001). *Isabel, a “redentora dos escravos”*: um estudo das representações sobre a princesa. Dissertação de Mestrado, Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Kerr, B. A. (1994). *Smart girls two: A new psychology of girls, women and giftedness*. Dayton, OH: Ohio Psychology Press.
- Keller-Mathers, S. (2004). *A Qualitative Study of Women of Extraordinary Creative Achievement*. Dissertation, Argosy University, Sarasota, Fl.
- Keinänen, M., & Gardner, H. (2006). Vertical and horizontal mentoring for creativity. Em R. J. Sternberg, E. L. Grigorenko, & J. L. Singer (Eds.), *Creativity from potential to realization* (2ªed.) (pp.169-194). Washington: American Psychological Association.
- Kirton, M. (1976). Adaptors and innovators: a description and measure. *Journal of Applied Psychology*, 61 (5), 622-629.
- Kirton, M. (1994). *Adaptors and Innovators - Styles of Creativity and Problem Solving*. London: Routledge.

- Krumm, G., Vargas-Rubilar, J., & Gullón, S. (2013). Estilos parentales y creatividad en niños escolarizados. *Psicoperspectivas*, 12(1), 161-182.
- Kulesza, W. A. (1998). A institucionalização da Escola Normal no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 79 (193), 63-71.
- Ladegaard, H. J. (2011). 'Doing power' at work: Responding to male and female management styles in a global business corporation. *Journal of Pragmatics*, 43, 4-19.
- Lavinias, L. (2001). Empregabilidade no Brasil: inflexões de gênero e diferenciais femininos. *Textos para Discussão n. 826. IPEA*, 1-24.
- Lawrence PA (2006) Men, Women, and Ghosts in Science. *PLoS Biology* 4 (1) Recuperado em 20 de maio, 2012, de <http://www.plosbiology.org/article/info:doi/10.1371/journal.pbio.0040019>.
- Lawton, C. A. (1994). Gender differences in way-finding strategies: relationship to spatial ability and spatial anxiety. *Sex Roles*, 30, 765-779.
- Leal, V. M. V. (2008). *As escritoras contemporâneas e o campo literário brasileiro: uma relação de gênero*. Tese de Doutorado, Brasília: Universidade de Brasília.
- Leung, A. K. Y., Maddux, W. W., Galinsky, A. D., & Chiu, C. Y. (2008). Multicultural experience enhances creativity: the when and how. *American Psychologist*, 63(3), 169-181.
- Li, C.H. & Wu, J. J. (2011). The Structural Relationships Between Optimism and Innovative Behavior: Understanding Potential Antecedents and Mediating Effects. *Creativity Research Journal*, 23 (2), 119-128.
- Lodi-Corrêa, S. (2009). *Anália Franco e sua ação sócio-educacional na transição do Império para a República (1868-1919)*. Dissertação de Mestrado, Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Lombardi, M. R. (2004). *Perseverança e resistência: a engenharia como profissão feminina*. Tese de Doutorado, Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Lopes, C. L. E. (1993). *8 de março: dia internacional da mulher – uma data de muitas histórias*. São Paulo: IMESP.
- Lopes, F. H. (2007). Medicina, educação e gênero: as diferenciações sexuais do suicídio nos discursos médicos do século XIX. *Educar em Revista*, 29, 241-257.
- Lubart, T. (2007). *Psicologia da criatividade*. Porto Alegre: Artmed.

- Lyonette, C., Crompton, R., & Wall, K. (2007). Gender, Occupational Class and Work–Life Conflict: a Comparison of Britain and Portugal. *Community, Work and Family*, 10(3), 283-308.
- Machado, C. S. F. (2003). *A participação feminina no mercado de trabalho e o consumo de serviços*. Dissertação de Mestrado, Braga: Universidade do Minho.
- Maia, K. (2001). *Progresso tecnológico, qualificação da mão-de-obra e desemprego*. Tese de Doutorado, Brasília: Universidade de Brasília.
- Marcelino, C. (2009). *Comissão para a igualdade no trabalho e no emprego - Relatório sobre o Progresso da Igualdade de Oportunidades entre Mulheres e Homens no Trabalho, no Emprego e na Formação Profissional – 2006-2008*. Recuperado em 06 de setembro, 2013, de www.cite.gov.pt/asstscite/downloads/Relat_Lei10.pdf.
- Martinez, S. R. M. & Peric, R. B. A. (2009). As exigências educacionais para o mercado de trabalho no século XXI. *Revista Interfaces*, 1 (1), 10-12.
- Martins, A. L. M. (2006). *Casamento e trabalho: reflexões sob a ótica de gênero e do ciclo vital*. Dissertação de mestrado, Brasília: Universidade de Brasília.
- Martins, E. (2009). *Estilos de pensar e criar em gerentes e sub-gerentes de micro e pequena empresas*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Matias, M. & Fontaine, A. M. A. (2012). Conciliação de papéis profissionais e familiares: o mecanismo psicológico de *spillover*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28 (2), 235-244.
- Matud, M. P., Rodríguez, C. & Grande, J. (2007). Gender differences in creative thinking. *Personality Individual Differences*, 43, 1137-1147.
- Melo, H. P. (1998). O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras. *IPEA*. 15 (1), 1-29.
- Menchén Bellón, F. (2003). Evaluación de la creatividad en las organizaciones. *Creatividad y Sociedad*, 4, 23-32.
- Mesquita, M. M. R. (2011). *Parentalidade (s) nas famílias nucleares contemporâneas com crianças em idade pré-escolar: dimensões, desafios, conflitos, satisfação e problemas*. Tese de Doutorado, Lisboa: Universidade Aberta.
- Montgomery, J. L. (1990). Factors That Influence the Career Aspirations of Mathematically Precocious Females. Recuperado em 10 de setembro, 2012, de <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED352267.pdf>.

- Moraes, L. C., Rabelo, A.S. & Salmela, J. H. (2004). Papel dos pais no desenvolvimento de jovens futebolistas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17, 211-222.
- Moraes, E. L. (2010). A Política de Promoção da Igualdade de Gênero e a Relação com o Trabalho. Em *Igualdade de gênero e raça no trabalho: avanços e desafios / Organização Internacional do Trabalho* (pp.81-100). Recuperado em 10 de março, 2012, de www.oit.org.br.
- Morais, M. F. (2001). *Definição e avaliação da criatividade*. Braga: Universidade do Minho.
- Morais, M. F. & Azevedo, I. (2009). Avaliação da criatividade como um contexto delicado: revisão de metodologias e problemáticas. *Avaliação Psicológica*, 8 (1), 1-15.
- Mourão, T. M. F. & Galinkin, A. L. (2008). Equipes gerenciadas por mulheres: representações sociais sobre gerenciamento feminino. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21 (1), 91-99.
- Mumford, M. D., Medeiros, K. & Partlow, P. J. (2012). Creative Thinking: Processes, Strategies, and Knowledge. *The Journal of Creative Behavior*, 46 (1), 30-47.
- Mundim, M. C. B. & Wechsler, S. M. (2007). Estilos de pensar e criar em gerentes organizacionais e subordinados. *Boletim de Psicologia*, V, LVII, p. 15-32.
- Mundim, M. C. B., Wechsler, S. M. & Martins, E. (2012). Gerentes organizacionais e seus estilos de pensar e criar. *Anais do III Congresso Latino-Americano de Avaliação Psicológica*, Belo Horizonte.
- Murcia, J. A. M., Gimeno, E. C., & Coll, D. G. C. (2008). Relationships among goal orientations, motivational climate and flow in adolescent athletes: differences by gender. *The Spanish journal of psychology*, 11(01), 181-191.
- Naderi, H., Abdullah, R. Aizan, T. Sharir, J. & Mallan, V. K. (2009). Gender Differences in Creative Perceptions of Undergraduate Students. *Journal of Applied Sciences*, 9, 167-172.
- Nahes, S. (2007). *Revista FON-FON: a imagem da mulher no Estado Novo (1937-1945)*. São Paulo: Arte & Ciência.
- Nakano, T. D. C., & Castro, L. R. D. (2013). Relação entre criatividade e traços temperamentais em estudantes do ensino fundamental. *Psico USF*, 18(2), 249-261.

- Nakano, T. C. & Wechsler, S. M. (2007). Criatividade: características da produção científica brasileira, *Avaliação Psicológica*, 56 (2), 261-270.
- Nakano, T. C., Santos, E., Wechsler, S. M., Martins, E., & Zavarize, S. (2010). Estilos de pensar e criar em estudantes universitários das áreas de humanas e sociais aplicadas: diferenças por gênero e curso. *Psicologia, Teoria e Prática*, 12 (3), 120-134.
- Nakano, T. C., Campos, C. R., Silva, T. F., & Pereira, E.K.G. (2011). Estilos de pensar e criar no contexto organizacional: Diferenças de acordo com o cargo profissional. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 2(2), 171-193.
- Nascimento, P. H. (2012). *Mulheres no Pódio: as histórias de vida das primeiras medalhistas olímpicas brasileiras*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Neto, A. M. C., Tanure, B. & Andrade, J. (2010). Executivas: carreira, maternidade, amores e preconceitos. *RAE-eletrônica*, 9 (1), 17-33.
- Nogueira, P. (2011). A ciência das mulheres. *Revista UnespCiência*, 17, 18-49.
- Ogbonna, E. & Harris, L. C. (2002). Organizational culture: a ten year, two-phase study of change in the UK food retailing sector. *Journal of Management Studies*, 39 (5), 673-706.
- Oliveira, Z. L. C. (2003) Trabalho e gênero: a construção da diferença. *Mulher e Trabalho*, 3, 111-117.
- Oliveira, Z. L. C. (2005). A provisão da família: redefinição ou manutenção dos papéis? Em C. Araújo & C. Scalon. *Gênero, família e trabalho no Brasil* (pp. 123-148). Rio de Janeiro: FGV.
- Oliveira, C. B. (2010). *Constituição da República Federativa do Brasil*. (12ª edição). Rio de Janeiro: Roma Victor.
- Oliveira, A. M. H. C. & Rios-Neto, E. L. G. (2006). Tendências da desigualdade salarial para coortes de mulheres brancas e negras no Brasil. *Estudos Econômicos*, 36 (2), 205-236.
- Olszewski-Kubilius, P. (2000). The transition from childhood giftedness to adult creative productiveness: Psychological characteristics and social supports. *Roeper Review*, 23, 65-71.
- Ostrower, F. (1977). *Criatividade e processos de criação*. Rio de Janeiro: Vozes.

- Pardo-del-Val, M., & Ribeiro-Soriano, D. (2007). Political support for women entrepreneurs: The EQUAL Community Initiative in Spain and Portugal. *Equal Opportunities International*, 26(8), 761-777.
- Patterson, F, Kerrin, M & Gatto-Roissard, G. (2012). *Characteristics & Behaviours of Innovative People in Organisations*. Recuperado em 20 de maio, 2012, de <http://www.nesta.org.uk/library/documents/characteristics-inno-orgs-interim-report.pdf>.
- Patrick, A. S. (1986). The role of ability in creative 'incubation'. *Personality and Individual Differences*, 7(2), 169-174.
- Pena, M. V. J. (1981a). A revolução de 30, a família e o trabalho feminino. *Cadernos de Pesquisa*, 37, 78-83.
- Pena, M. V. J. (1981b). *Mulheres e trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril*. Paz e Terra: Rio de Janeiro.
- Pérez, S. G. P. B. & Freitas, S. N. (2013). Do pecado de ser mulher ao medo de ser mulher com altas habilidades/superdotação. Em D. S. Fleith & E. M. L. S. Alencar (Orgs.) *Superdotados – Trajetórias de Desenvolvimento e Realizações* (pp. 55-73). Curitiba: Juruá.
- Perista, H. (2002). Género e trabalho não pago: Os tempos das mulheres e os tempos dos homens, *Análise Social*, 163, 447-474.
- Piirto, J. (2011). *Creativity for 21st century skills: How to embed creativity into the curriculum*. Rotterdam: Sense.
- Pinheiro, R K. B. S. (2009). *Mãe-esposa e professora: educadoras no final do século XIX*. Tese de Doutorado, Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Pinheiro, L., Fontoura, N. O., Querino, A. C. Bonetti, A. & Rosa, W (2009). *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. Recuperado em 23 de fevereiro, 2012, de http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/2009/Livro_RetratoDesigual.pdf.
- Pinto, T. (2000). *O ensino industrial feminino oitocentista: a Escola Damião de Góis em Alenquer*. Lisboa: Colibri.
- Pinto, C. R. J. (2010). Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*, 18 (36), 15-23.
- Pizoquero, L. M. (2006). *Cinema e gênero: a trajetória de Gilda de Abreu (1904-1979)*. Dissertação de Mestrado, Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

- Plucker, J., & Renzulli, J. S. (1999). Psychometric approaches to the study of human creativity. Em R. J. Sternberg (Ed.), *Handbook of creativity* (pp. 35–60). New York: Cambridge University Press.
- Pochmann, M. (1998). Velhos e novos problemas do mercado de trabalho no Brasil. *Indicadores Econômicos*, 26 (2), 119-139.
- Pochmann, M. (2004). Educação e trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa? *Educação e Sociedade*, 25 (87), 383-399.
- Puccio, G. J., Murdock, M. C., & Mance, M. (2007) *Creative Leadership: Skills that Drive Change*. San Diego, CA: Sage
- Prado, R. M. (2010). *O talento em uma perspectiva feminina: características individuais e familiares de pesquisadoras de destaque no Brasil*. Dissertação de Mestrado, Brasília: Universidade de Brasília.
- Prado, R. M., & Fleith, D. D. S. (2012). Pesquisadoras brasileiras: conciliando talento, ciência e família. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 64(2), 19-34.
- Rad, I. S.; Karimi, L., Ramezani, V., Ahmadi, M., Heshmati, R. & Jafard, E. (2010). Psychometric properties of Torrance test (Persian version) of creative thinking (A form). *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 5, 1429-1433.
- Rago, M. (1985). *Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar - Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Rago, M. (2004). Trabalho feminino e sexualidade. Em M. D. Priore (Org.), *História das mulheres no Brasil* (7ª ed.) (pp. 578-606). São Paulo: Contexto.
- Ramos, P. C. C. (2008). *Pai, mãe e família: concepções de crianças pré-escolares*. Dissertação de Mestrado, Brasília: Universidade de Brasília.
- Reis, S. M. (1998). *Work left undone: Choices and compromises of talented females*. Mansfield Center, CT: Creative Learning Press.
- Reis, S. M. (2002a). Internal barriers, personal issues, and decisions faced by gifted and talented females. *Gifted Child Today*, 25 (1), 1-21.
- Reis, S. M. (2002b). Social and Emotional Issues Faced by Gifted Girls in Elementary and Secondary School. *The SENG Newsletter*, 2 (3), 1-5.
- Reis, S. M. (2005). Feminist perspective on talent development: A research-based conception of giftedness in women. Em R. J. Sternberg, & J. Davidson (Eds.), *Conceptions of giftedness* (pp. 217-245). New York: Cambridge University Press.
- Renzulli, J. S. (2005). The three-ring conception of giftedness: A developmental model for promoting creative productivity. Em R. J. Sternberg, & J. Davidson

- (Eds.), *Conceptions of giftedness* (pp. 246-279). New York: Cambridge University Press.
- Ribeiro, M. R. D. (2011). *Relações de poder no feminismo paulista – 1975 a 1981*. Tese de Doutorado, São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Ribeiro, C. P. (2012). Mulheres trabalham mais do que os homens, aponta relatório da OIT. *Observatório Social do Trabalho*. Recuperado em 20 de julho, 2012, de <http://observatoriosocialdotrabalho.wordpress.com/page/3/>.
- Rieger, M. P. & Blaubergs, M. S. (1979). Creative women: their potential, personality, and productivity. *Canadian Women's Studies*, 7 (3), 16-21.
- Rietzschel, E. F., Nijstad, B. A., & Stroebe, W. (2007). Relative accessibility of domain knowledge and creativity: The effects of knowledge activation on the quantity and originality of generated ideas. *Journal of Experimental Social Psychology*, 43(6), 933-946.
- Rockenstein, Z. (2003). Addressing the Leadership Gap: Preparing Gifted Women to take their Rightful Places on the World's Stage. *Forum on Public Policy*. Recuperado em 20 de maio, 2012, de <http://forumonpublicpolicy.com/vol1.no2.wr/rockenstein.pdf>.
- Romo, M. (2005). *Psicología de la creatividad*. Barcelona: Paidós.
- Runco, M. A. (1996). Personal creativity: Definition and developmental issues. *New Directions for Child Development*, 72, 3-30.
- Runco, M. A. (2006). The development of children's creativity. Em B. Spodek, & O. N. Saracho (Eds.), *Handbook of research on the education of young children* (pp.121-131) New York: Routledge.
- Runco, M. A. (2007). *Creativity – Theories and Themes: Research, Development and Practice*. California: Elsevier.
- Runco, M. A., & Pritzker, S. R. (Eds.). (2011). *Encyclopedia of creativity*. California: Elsevier, 2ª Edition. Recuperado em 15 de maio, 2013, de <http://books.google.com.br/books?id=dl6ml7kg4O0C&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>.
- Saffioti, H. I. B. (1976). *A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes.
- Sakamoto, C. K. (2000). Criatividade: uma visão integradora. *Psicologia: Teoria e Prática*, 2 (1), 50-58.

- Sarti, C. (2001). Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro. *Cadernos Pagu*, 16, 31-48.
- Sarti, C. A. (2004). O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Estudos Feministas*, 12 (2), 35-50.
- Saviani, D. (2008). O legado educacional do regime militar. *Cadernos CEDES*, 28 (76), 291-312.
- Scott, K. A. & Brown, D. J. (2006). Female first, leader second? Gender bias in the encoding of leadership behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 101, 230–242.
- Silva, M. H. C. (2010). História social do trabalho e história das mulheres. *Historien - Revista de História*, 2, 84-101
- Silva, S. V. (2000). Os estudos de gênero no Brasil: algumas considerações. *Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, 262, 1-13.
- Silva, S. A. (2008). *Racismo e sexualidade nas representações de negras e mestiças no final do século XIX e início do XX*. Dissertação de Mestrado, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Silva, S. S. T. D. R. (2011). *Ser mulher: estudar, trabalhar e ter um vida familiar-será possível?* Dissertação de Mestrado, Braga: Universidade do Minho.
- Simonton, D. K. (1997). Creative productivity: A predictive and explanatory model of career trajectories and landmarks. *Psychological Review*, 104(1), 66-89.
- Simonton, D. K. (2008). Scientific Talent, Training, and Performance: Intellect, Personality, and Genetic Endowment. *Review of General Psychology*, 12 (1), 28-46.
- Sio, U. N. & Rudowicz, E. (2007). The role of an incubation period in creative problem solving. *Creativity Research Journal*, 19 (2-3), 307-318
- Sistema PED (2010). *As características do trabalho doméstico remunerado nos mercados de trabalho metropolitanos*. Recuperado em 02 de março, 2012, de portal.mte.gov.br/data/files/.../PED_Metropolitano_Mulher_2010.pdf.
- Smith, G., and Amner, G. (1997). Creativity and perception. Em M. A. Runco (Ed.), *The creativity research handbook* (Vol. 1). Cresskill, NJ: Hampton Press.
- Soares, V. (1998). Muitas faces do feminismo no Brasil. Em A. Borba, Angela; N. Faria, & T. Godinho (Orgs.) *Mulher e política: gênero e feminismo no partido dos trabalhadores* (pp. 33-34). São Paulo: Perseu Abramo.

- Souza, M. O. (2002). *Determinantes da oferta de trabalho da mulher casada: o caso brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Brasília: Universidade Católica de Brasília.
- Souza, N. H. S., Wagner, A., Branco, B. M. & Reichert, C. B. (2007). Famílias com casais de dupla carreira e filhos em idade escolar: estudos de casos. *Aletheia*, 26, 109-121.
- Stavrou, N. A., Jackson, S. A., Zervas, Y, & Karteroliotis, K. (2007). Flow experience and athletes' performance with reference to the orthogonal model of flow. *Sport Psychologist*, 21(4), 438-457.
- Sternberg, R. J. (1997). *Thinking styles*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Stenberg, R. J. (1999). *Handbook of creativity*. New York: Cambridge University Press.
- Sternberg, R. J. (2006). The Nature of Creativity. *Creativity Research Journal*, 18 (1), 87-98.
- Sternberg, R.J. & Lubart, T. I. (1996). Investing in creativity. *American Psychologist*, 51, 677-688.
- Sternberg, R. J., O'Hara, L. A. & Lubart, T. I. (1997). Creativity as investment. *California Management Review*, 40 (1), 8-21.
- Szmrecsanyi, T. (2002). Celso Furtado e o início da industrialização no Brasil. *Revista de Economia Política*, 22 (2), 1-12.
- Teles, M. A. (1993). *Breve História do Feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense.
- Tesseler, F. A. (2009). *Vozes de mulheres: educação, universidade e trabalho nos anos 40 e 50 do século XX*. Tese de Doutorado, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Torrance, E. P. (1981). Empirical validation of criterion-reference indicators of creative ability through a longitudinal study. *Creative Child and Adult Quarterly*, 6,136-140.
- Torrance, E. P. (1982). Hesmiphericity and creative functioning. *Journal of Research and Development in Education*, 15 (3), 29-37.
- Torrance, E. P. (1983a). Role of mentors in creative achievement. *Creative Child & Adult Quarterly*, 8 (1), 8-15.
- Torrance, E.P. (1983b). Status of creative women: Past, present, future. *Creative Child and Adult Quarterly*, 8 (3), 135-144.
- Torres, A. C. (2005). *Homens e mulheres entre família e trabalho*. Lisboa: DEEP.CID – 2ª edição.

- Vecchio, R. P. (2002). Leadership and gender advantage. *The Leadership Quarterly*, 13, 643-671.
- Vecchio, R. P. (2003). In search of gender advantage. *The Leadership Quarterly*, 14, 835-850.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21, 181-186.
- Wang, A. Y. (2012). Exploring the relationship of creative thinking to reading and writing. *Skills and Creativity*, 7 (1), 38-47.
- Wechsler, S & Guerreiro, M. C. R. F. (1986). Fatores biográficos influenciadores na criatividade da mulher brasileira. *Educação e Realidade*, 11 (2), 81-86.
- Wechsler, S. M. (1999). Avaliação da criatividade: um enfoque multidimensional. Em S. M. Wechsler & R. S. L. Guzzo (Orgs.) *Avaliação psicológica: perspectiva internacional* (pp. 231-260). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Wechsler, S. M. (2004). Avaliação da criatividade por palavras – Teste de Torrance. Lamp/Puc-Campinas: Campinas – 2ª edição.
- Wechsler, S. M. (2006). *Estilos de pensar e criar* (manual). Campinas: IDB Impressão Digital do Brasil.
- Wechsler, S. M. (2008a). *Criatividade: Descobrendo e Encorajando*. Campinas: PSY.
- Wechsler, S. M. (2008b). Estilos de pensar e criar: impacto nas áreas educacional e profissional. *Psicod debate*, 7, 207-218.
- Wechsler, S. M. (2009). Age and gender impact on thinking and creating styles. *European Journal of Education and Psychology*, 2(1), 37-48.
- Wechsler, S. M. (2011). Criatividade e inovação no contexto brasileiro. Conferência no I Congresso Internacional de Criatividade e Inovação. Recuperado em 20 de março, 2013, de http://www.criabrasilis.org.br/arquivos/pdfs/122_anais_trabalhos_completos.pdf.
- Wechsler, S. M., Vendramini, C. M. M. & Oakland, T. (2012). Thinking and Creative Styles: A Validity Study. *Creativity Research Journal*, 24 (2), 235-242.
- Wechsler, S. M., Romo, M., Morais, M. F. & Ferreira, C. (2013). (Trabalho não publicado).
- Williams, F. E. (1972). *A Total Creativity Program for Individualizing and Humanizing the Learning Process: Identifying and Measuring Creative Potential* (Vol. 1). Educational Technology. Recuperado em 02 de agosto, 2012, de

http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Nb9X_dN1GcYC&oi=fnd&pg=PA5&dq=child+creative+potential&ots=d_IKVmE6Qc&sig=B7cD3_ssuUMW4Od8eBNzFQ9TB7l#v=onepage&q=child%20creative%20potential&f=false

- Wittich, D. V. & Antonakis, J. (2011). The KAI cognitive style inventory: Was it personality all along? *Personality and Individual Differences*, 50, 1044-1049.
- Zhou, Q., Hirst, G. & Shipton, H. (2012). Promoting Creativity at Work: The Role of Problem-Solving Demand. *Applied Psychology: an International Review*, 61 (1), 56-80.

ANEXOS

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS JUÍZES

Prezado(a) Colega,

Estou realizando uma pesquisa com o objetivo de verificar o estilo de pensar e criar e os fatores ambientais e psicológicos que influenciam a expressão da liderança feminina criativa brasileira e portuguesa em diferentes áreas. Para tanto estou utilizando um *Roteiro de Entrevista* que é composto por onze questões semi-dirigidas e quatro abertas relacionadas à carreira, interações pessoais e hábitos de trabalho.

A sua participação será de grande importância no sentido de colaborar com o desenvolvimento do estudo de precisão de juízes. Assim sendo, lhe serão entregues duas entrevistas transcritas e uma tabela com as categorias e subcategorias da análise de conteúdo. Após identificar as respostas das entrevistadas que correspondem com as categorias/subcategorias, você deverá selecioná-las e colocá-las na tabela de acordo com categorias/subcategorias.

A sua participação é voluntária, podendo ser retirada a qualquer momento, mesmo que já tenha sido concedida. Os seus dados serão guardados de forma sigilosa e a sua idoneidade protegida em qualquer comunicação pública.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da PUC-Campinas. Caso tenha alguma dúvida sobre algum aspecto ético desta pesquisa, por favor, entre em contato com o Comitê pelo telefone: (19) 3343-6777. Ou, se preferir, por e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br. O endereço do Comitê é: Rodovia Dom Pedro I, Km. 136 – Parque das Universidades, Campinas, São Paulo, CEP: 13.086 – 900. Horário de funcionamento: 8h às 17h.

Se concordar em participar da avaliação, assine, por favor, a ficha abaixo, devolvendo a original e guardando uma cópia da mesma em seu poder. Desde já agradeço pela colaboração.

Atenciosamente,

Maria Célia Bruno Mundim - Doutoranda PUC-Campinas

Eu....., abaixo assinado, declaro concordar com a participação na pesquisa nos termos acima mencionados.

Data.....

Local:.....

Assinatura:.....

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTE

Prezada,

Estamos realizando uma pesquisa com o objetivo de verificar o estilo de pensar e criar e os fatores ambientais e psicológicos que influenciam a expressão da liderança feminina criativa brasileira e portuguesa em diferentes áreas. Para tanto serão utilizadas escalas objetivas e entrevista livre. A sua participação será de grande importância no sentido de colaborar com reflexões e ações que favoreçam o exercício da liderança e criatividade de mulheres diante de seu contexto social e de trabalho.

A sua participação é voluntária, podendo ser retirada a qualquer momento, mesmo que já tenha sido concedida. Informamos que não existe qualquer tipo de ônus financeiro ou ressarcimento pela participação nesta pesquisa. Os seus dados serão guardados de forma sigilosa e a sua idoneidade protegida em qualquer comunicação pública. Os resultados obtidos estarão disponíveis apenas para os pesquisadores envolvidos.

A administração das escalas e entrevista será feita de forma individual. As escalas serão enviadas com antecedência por e-mail à cada participante para o esclarecimento de possíveis dúvidas e após respondidas, devolvidas à pesquisadora. A Escala Estilos de Pensar e Criar contém 100 itens, com frases positivas e negativas sobre maneiras preferenciais de pensar ou agir em situações do dia-a-dia, sendo respondida por cerca de 25 minutos. Quanto à Escala Biográfica de Mulheres Líderes Criativas demora cerca de 15 minutos para ser preenchida e é composta por 69 itens no total (24 itens sobre infância e adolescência, 10 itens sobre vida escolar, 15 itens sobre trabalho, 10 itens sobre família e 10 itens sobre sexualidade). Também será marcado dia, horário e local com cada participante para que a pesquisadora aplique o Roteiro de Entrevista.

Os riscos psicológicos no processo de resposta são mínimos, pois tratam-se de questões relacionadas ao seu cotidiano e que não serão aprofundadas. No entanto, caso haja qualquer sentimento de risco será oferecido apoio psicológico, por parte das pesquisadoras às mulheres participantes.

O benefício da participação será a informação a ser dada após o preenchimento dos instrumentos sobre os estilos preferenciais de criar e sobre os fatores psicológicos e ambientais e de que maneiras os mesmos afetam a vida pessoal, social e o trabalho da participante.

Se concordar em participar da pesquisa, assine, por favor, a ficha abaixo, devolvendo a original escaneada para celiamundim@hotmail.com e guardando uma cópia da mesma em seu poder.

Se você tiver dúvidas durante sua participação na pesquisa, ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las com a psicóloga Maria Célia Bruno Mundim: (+5519)99911-9192. Questões de ordem ética podem ser esclarecidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humano da PUC-Campinas, que aprovou esta pesquisa. Endereço: Rod. Dom Pedro I, Km 136 – Pq. das Universidades-Campinas-SP – CEP: 13.086-900; telefone/fax: (+5519) 3343-6777; e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 as 17h00.

Atenciosamente,

Maria Célia Bruno Mundim - Doutoranda PUC-Campinas

Eu....., abaixo assinado, declaro concordar com a participação na pesquisa nos termos acima mencionados.

Data.....Local:.....

Assinatura:.....

ANEXO 3

**TABELA COM AS CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS
DA ANÁLISE DE CONTEÚDO AOS JUÍZES**

CRITÉRIOS		SUJEITO 1	SUJEITO 2
1.Brincadeiras na infância			
	Individual		
	Em grupo		
	Jogo simbólico com materiais diversos		
	Com animais		
	Com natureza		
	Com bonecas		
	Criação de brinquedos		
	Montagens de brinquedo		
	Tradicionais		
	Desenhar		
	Pintar		
	Andar de bicicleta		
	Com bola		
	Com carrinho		
	Brincadeiras de rua		
	Instrumento musical		
	Atividades físicas		
	Jogos/ computador		
	Microscópio/ telescópio infantil		
Televisão	Ausência		
	Presença		
2.Comportamento na infância			
	Desobediência / Rebeldia		
	Perfeccionismo		
	Prematura		
	Introspecção		
	Autoafirmação		
	Interesses diversos		
	Interesse específico		
	Interesse por aprender		
3.Comportamento na adolescência			
	Desobediência		
	Introspecção		
	Receio do ridículo		
	Sociável		
	Dificuldade de relacionamento		
	Diversidade de interesses		

(CONTINUAÇÃO TABELA)

CRITÉRIOS		SUJEITO 1	SUJEITO 2
Interesses intelectuais			
Interesses artísticos/ culturais			
Interesses musicais			
Interesses esportivos/ atividades físicas			
Interesses tecnológicos			
Destaque em habilidade específica			
Preocupação com o presente			
Preocupação profissão			
Preocupação casamento			
4. Interesse pela área de atuação			
Na infância			
Na adolescência			
Na fase adulta			
5. Mentores			
Pai			
Mãe			
Irmã(ao)			
Avô(ó)			
Amigo(a)/ Conhecido(a)			
Cônjuge			
Ex-cônjuge			
Colega(s)			
Professor(a)			
Artistas de renome			
Empregados domésticos			
6. Características pessoais			
6a. Cognitivas	Originalidade		
	Elaboração		
	Imagens criativas/ Imagética		
	Questionamento/ Contestação		
	Intelectualização		
	Flexibilidade		
	Ausência de preconceito		
	Persistência		
	Fluência		
	Curiosidade		
	Linguagem metafórica/ Analogia		

(CONTINUAÇÃO TABELA)

CRITÉRIOS		SUJEITO 1	SUJEITO 2
6b. Personalidade	Expressão de emoção		
	Independência de julgamento		
	Alta energia		
	Atração pela complexidade		
	Autoconfiança		
	Busca pelo desafio/ Desejo de correr riscos		
	Inconformismo		
	Liderança		
	Sensibilidade interna/ Empatia/ Intuição		
	Sensibilidade externa		
	Fantasia		
	Sonhadora		
	Tolerância à ambiguidade		
	Necessidade de afiliação		
	Envolvimento político		
	Abertura ao novo (<i>Openess</i>)		
Ludicidade/Uso do humor			
7. Motivação			
7a. Intrínseca	Automotivação		
	Aperfeiçoamento contínuo		
	Desenvolvimento potencial		
	Missão criativa/ Paixão pelo que faz		
	Curiosidade		
	Necessidade interna		
7b. Extrínseca	Reconhecimento social		
	Necessidade monetária		
	Compartilhamento		
	Demandas externas/ Encomendas		

(CONTINUAÇÃO TABELA)

CRITÉRIOS		SUJEITO 1	SUJEITO 2
8.Processo criativo			
Condições que influem	Tempo		
	Condições ambientais		
	Período do dia		
	Sono		
	Alimentação		
	Dias de descanso		
	Processo de incubação		
	<i>Insight</i>		
	Fluir (<i>Flow</i>)		
	Solidão/ Isolamento		
9.Fatores ambientais favoráveis à criatividade			
Diversidade sociocultural			
Socialização			
Respeito a individualidade			
Cultivo de valores			
Contato com natureza			
Modelo do pai			
Modelo da(o) irmã(o)			
Modelo da mãe			
Estrutura familiar / Posição na família			
10.Barreiras			
Sociais/ culturais			
Profissional			
Econômicas			
Emocionais			
Famíliares			
Físicas			
Tempo (falta de)			
Ausência			
11.Administração vida pessoal com profissional			
Suporte familiar			
Suporte social			
Suporte profissional			
Sozinha			
12.Desafio(s) atual(is)			
Profissional			
Pessoal			

(CONTINUAÇÃO TABELA)

CRITÉRIOS		SUJEITO 1	SUJEITO 2
13.Tempo livre			
Atividades profissionais			
Atividades domésticas			
Atividades intelectuais			
Atividades culturais			
Atividades artísticas			
Atividades físicas			
Com familiares			
Com namorado			
Com amigos			
Passeios / viagens			
14a.Identificação de jovens talentosos na área			
Sim			
Não			
14b.Características de jovens talentosos			
Habilidades específicas			
Adaptabilidade			
Criatividade			
Curiosidade			
Abertura ao novo			
Perspicácia			
Sensibilidade			
Intuição			
Autonomia/ independência			
Imaginação			
Linguagem metafórica/ Analogia			
Ter empenho			
Inteligência/Raciocínio			
Interesse			
Responsabilidade			
Objetividade			
Desenvoltura			
Paixão pelo que faz			
Espontaneidade			
Senso crítico			
14c.Diferença de gênero	Presença		
	Ausência		
15.Valores para criatividade na carreira			
15a.Intelectuais	Atenção		
	Raciocínio		
	Observação		
	Educação/Conhecimento artístico		

(CONTINUAÇÃO TABELA)			
	CRITÉRIOS	SUJEITO 1	SUJEITO 2
	Conhecimento técnico/ geral		
	Originalidade		
	Dotação intelectual		
	Persistência		
	Ter precisão		
	Perspicácia		
	Compreensão/ Interpretação		
	Senso crítico		
	Imaginativo		
15b.Personalidade	Flexível		
	Equilíbrio emocional		
	Alta energia		
	Ter autonomia		
	Ausência de preconceito		
	Ser comunicativo		
	Sensibilidade		
	Curiosidade		
	Criatividade		
	Ter coragem		
	Autoconfiança		
	Paixão pelo que faz		
	Ser dedicado		
	Disciplinado		
Habilidade específica			
Ser ético			
15c.Sociais	Abertura para experiências/ idéias		
	Missão social		
	Ser sociável		
	Disposição a solidão		
15d.Diferença de gênero	Presença		
	Ausência		

ANEXO 4

ESTILOS DE PENSAR E CRIAR

Iniciais: _____ Idade: _____ Sexo: _____

Escolaridade: _____

INSTRUÇÕES:

Abaixo existe uma série de afirmações que descrevem a maneira preferencial de um indivíduo pensar e realizar um trabalho criativo. Assinale para cada afirmação, a opção que melhor descreve a sua maneira preferencial de pensar e criar de acordo com as opções a seguir:

- D.T. Discordo Totalmente
- D. Discordo
- D. P. Discordo Parcialmente
- C. P. Concordo Parcialmente
- C. Concordo
- C. T. Concordo Totalmente

	DT	D	DP	CP	C	CT
01. Resolvo meus problemas com a primeira idéia que tenho.						
02. Gosto de trabalhar seguindo instruções.						
03. Gosto de idéias novas.						
04. Tomo decisões baseado (a) em meus sentimentos.						
05. Prefiro sonhar do que planejar.						
06. Não sou uma pessoa ativa.						
07. Sou uma pessoa questionadora e gosto de dar sugestões.						

ANEXO 5

ESCALA BIOGRÁFICA DE MULHERES LÍDERES CRIATIVAS

Nome (iniciais)_____ Idade_____ Sexo_____

Nacionalidade_____

Profissão_____

Cidade em que reside_____

Tipo de instituição na qual trabalha_____

Função ou cargo no trabalho_____

Outras atividades que exerce_____

Formação educacional_____

Outras habilitações_____

Idade com que terminou o seu curso ou cursos_____

Estado civil_____ Número de filhos_____

Profissão companheiro (a)_____

Formação educacional do companheiro(a) _____

Idade com que o companheiro(a) terminou o seu curso ou cursos_____

Profissão mãe (antes de ter tido filhos)_____

Profissão mãe (após ter tido filhos)_____

Profissão pai (antes de ter tido filhos)_____

Profissão pai (após ter tido filhos)_____

Pessoas que residem na mesma casa_____

Grau de parentesco com as mesmas_____

Atividades não remuneradas_____

Instruções

Neste questionário você encontrará uma série de afirmações sobre diferentes períodos de sua vida, desde a infância até o momento. Tente responder a todas as questões formuladas, utilizando uma escala de 1 a 5, que correspondem ao grau com o qual você concorda ou discorda da frase apresentada.

- 1- Discordo integralmente (nunca ocorre)
- 2- Discordo parcialmente (quase nunca ocorre)
- 3- Concordo parcialmente (por vezes ocorre)
- 4- Concordo quase totalmente quase sempre ocorre)
- 5- Concordo integralmente (ocorre sempre)

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

- 01) O meu pai me influenciou mais do que a minha mãe ().
- 02) A minha mãe foi uma pessoa muito ativa, fora de casa ().
- 03) Eu gostava muito de brincar com os meus amigos, na presença dos meus pais ().

ANEXO 6

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Fale me sobre sua infância (pessoas que influenciaram – pais, professores, colegas; tipos de brinquedos e brincadeiras que mais gostava, era rebelde).
- 2) Como era seu comportamento na adolescência (gostava de desafios, lia muitos livros, escrevia muito, preocupava-se muito com a opinião dos outros, preocupava-se mais com quem ia casar do que com a profissão futura)?
- 3) Como escolheu sua carreira?

ANEXO 7

ANÁLISE DE PRODUÇÃO CRIATIVA

Iniciais:_____ Sexo:_____ Idade:_____

Estado civil:_____ Nº de filhos:_____

Nível de escolaridade:_____

Profissão:_____

Local de trabalho:_____

1) Você alguma vez escreveu um poema?_____ Quantos?_____

Publicou-o?_____

2) Você, alguma vez desenhou um cenário para uma peça de teatro?_____

Quantos?_____ Recebeu alguma distinção?_____

3) Você já escreveu peça de teatro?_____ Quantos?_____

A peça foi representada?_____
